



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO**  
**PRÓ-REITORIA ACADÊMICA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**  
**LINHA DE PESQUISA: FAMÍLIA E INTERAÇÃO SOCIAL**

**FATORES QUE INTERFEREM NA COMUNICAÇÃO CONJUGAL E SUAS  
REPERCUSSÕES NA FAMÍLIA**



Francisco Dias da Silva Filho

Recife/2010

FRANCISCO DIAS DA SILVA FILHO

**FATORES QUE INTERFEREM NA COMUNICAÇÃO CONJUGAL E SUAS  
REPERCUSSÕES NA FAMÍLIA**

Dissertação apresentada à Banca Prévia, como parte do requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, da Universidade Católica de Pernambuco.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cristina Maria de Souza Brito Dias

Recife/2010

S586f

Silva Filho, Francisco Dias da

Fatores que interferem na comunicação conjugal e suas repercussões na família / Francisco Dias da Silva Filho ; orientador Cristina Maria de Souza Brito Dias, 2010.

121, [14] f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Pró-reitoria Acadêmica. Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, 2010.

1. Psicologia clínica. 2. Psicologia social. 3. Casamento - Aspectos psicológicos. 4. Interação social. 5. Famílias com problemas - Aspectos psicológicos. 6. Pais e filhos - Aspectos psicológicos. 7. Comunicação na família - Aspectos psicológicos. 8. Comunicação no casamento - Aspectos psicológicos. I. Título.

CDU 159.9:301.185

**Francisco Dias da Silva Filho**

**FATORES QUE INTERFEREM NA COMUNICAÇÃO CONJUGAL E SUAS  
REPERCUSSÕES NA FAMÍLIA**

**MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Patricia da Motta Vieira Figueredo  
JMJ - Mackenzie Rio e UNICARIOCA (Convidada Externa)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas  
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP (Convidada Interna)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cristina Maria de Souza Brito Dias  
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP (Orientadora)

*Esta pesquisa é oferecida, em primeiro lugar, a Deus, Criador, Sustentador e Governador de minha vida; ao meu Pai Francisco Dias da Silva (em memória) e minha Mãe Anunciada Rodolfo da Silva, que mesmo sem ter condições de entender a alegria deste momento para minha vida, por ter perdido a memória, a visão e os movimentos por causa do Mal de Alzheimer, tanto ela quanto ele, só tendo alcançado o ensino fundamental, incentivaram a todos os filhos(as) a ir adiante nos estudos e nunca desistir dos sonhos; à minha esposa Renata Danielle Santos Luna Dias e nossas duas filhas: Maria Luísa Luna Dias e Maria Clara Luna Dias, por tudo o que suportaram durante este Mestrado e pelo amor e carinho incondicionais. Amo-as de todo coração. Aprendemos juntos durante todo esse trabalho a dar mais valor ao diálogo franco e ao significado da palavra Família. À querida Igreja Batista, em Campo Grande, através de sua diretoria, membros e congregados, que tenho o privilégio de pastorear desde 1994, pelas constantes orações, apoio e incentivo para que finalizássemos mais esta etapa de vida.*

## **AGRADECIMENTOS**

À

minha orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Maria de Souza Brito Dias, pela paciência, puxões de orelha, rigor acadêmico, sugestões, indicações, escuta e carinho dispensado a tudo o que perpassou nossa vida durante o Mestrado. Não temos palavras para definir sua pessoa, pois, mais do que uma Orientadora, constitui-se numa amiga que queremos preservar com carinho e apreço por longo tempo.

Aos

professores: Dr. Desginaldo Nóbrega de Lima e Dr<sup>a</sup> Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas, que mesmo sem nos conhecer antes ingressarmos no Mestrado, através de e-mail's, foram solícitos aos nossos pedidos de explicação e nos incentivaram a seguir adiante no que acreditávamos.

A

todos os Professores e Professoras do Mestrado em Psicologia Clínica da UNICAP: Dr<sup>a</sup>. Albenise de Oliveira Lima, Dr<sup>a</sup>. Ana Lucia Francisco, Dr<sup>a</sup>. Maria Consuelo Passos, Dr<sup>a</sup>. Cristina Maria de Souza Brito Dias, Dr<sup>a</sup>. Edilene Freire de Queiroz, Dr<sup>a</sup>. Luciana Leila Fontes Vieira, Dr<sup>a</sup>. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas, Dr. Marcus Túlio Caldas, Dr<sup>a</sup>. Nanette Zmeri Frej, Dr. Zeferino de Jesus Barbosa Rocha, Dr<sup>a</sup>. Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto e Dr<sup>a</sup>. Zélia Maria de Melo (em memória) que ajudaram em nossa formação, quer seja através da ministração de aulas, em conversas paralelas ou simplesmente com o exemplo acadêmico.

Aos

professores externos: Dr<sup>a</sup> Sílvia Helena Koller (UFRS), Dr<sup>a</sup>. Maria Lúcia Toledo Amiralian (USP) e Dr. Carlos Henrique Ferraz (FAFIRE), bem como a Irinéia Catarino (UNICAP), pela contribuição através de disciplinas, monitoramento e/ou considerações ao projeto inicial.

Aos

professores: Dr<sup>a</sup>. Patrícia da Motta Vieira Figueredo (Examinadora externa – Makenzie Rio e UNICARIOCA), Dr<sup>a</sup>. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas (Examinadora Interna-UNICAP), Dr<sup>a</sup>. Cristina Maria de Souza Brito Dias (Orientadora-UNICAP), Dr<sup>a</sup>. Maria de Fátima Vilar de Mello (Suplente-UNICAP e avaliadora do Projeto), Dr<sup>a</sup>. Carla Alexandra da Silva Moita Minervino (Suplente-UFPB), pelas valiosas contribuições e sugestões na elaboração e na fase final desta pesquisa e também por terem se colocado à disposição como membros da Banca Examinadora.

Ao

Dr. Roberto Faustino de Paula e à Psicóloga Adineide Nolasco Andrade Dias, do Ambulatório de Atendimento a casais do Hospital das Clínicas da UFPE por abrirem as portas daquele serviço para que eu pudesse obter a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e iniciar a pesquisa a partir daquela Instituição.

Aos

sete casais pesquisados e suas respectivas famílias, que mesmo sabendo que não teriam seus nomes divulgados no texto final desta pesquisa, uma vez que cada nome aqui posto é fictício, colocaram-se à disposição para contribuir com o avanço da ciência no que tange aos estudos sobre família.

## **DEDICATÓRIA**

À

ASEEC - Assistência Social, Educacional, Evangélica e Científica do Grupo HEBRON, através do seu Presidente Dr. Josimar Henrique da Silva e demais diretores, por acreditarem nesta pesquisa mesmo antes de nossa aprovação no Mestrado e que custearam os seis primeiros meses da mesma antes de conquistarmos a Bolsa da FACEPE.

À

FACEPE – Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco e ao Governo do Estado de Pernambuco, através do Exmo. Sr. Governador Eduardo Campos, por patrocinarem a Pesquisa a partir do sétimo mês.

Aos

meus irmãos: Rute, Samuel, Silas, Sidrack, Noeme e Risoleide, por desde nossa infância acreditar em nosso potencial nos apoiando naquilo que acreditávamos; bem como a seus cônjuges: José Edson, Adineide Nolasco, Eliane Rocha, Ananias Francisco e Maria Auxiliadora que também foram fortes incentivadores.

Aos

sogros: Josué e Rivalneide Luna e suas filhas: Érica Carrollina, Flávia Millena e seu esposo Éverton, que ficavam com nossas filhas quando precisávamos ter tempo para estudar, entrevistar os participantes da pesquisa e escrever a Dissertação.

Aos

sobrinhos(as): Poliana, Silas Júnior, Samara, Lara, Cintia, Sidrack Júnior, Amanda, Lucas, Tiago e Gabriel, os quais gostaríamos de incentivar com a conclusão desta pesquisa, a nunca pararem de estudar e a acreditar na revolução social através dos estudos.

Aos

colegas da 10ª turma do Mestrado em Psicologia Clínica da UNICAP: Alzeny Maria Ribeiro Ferrari, Ana Lúcia Gonçalves Bezerra Alves, Ana Paula Leal de Aguiar, Cristiane Maria Prysthon Moraes, Daniela Heitzmann Amaral, Diogivânia Maria da Silva, Elizabete Regina Almeida de Siqueira, Esperidião Barbosa Neto, Everton Fabrício Calado, Letícia Rezende de Araújo, Licélia Martins Siqueira Pinto, Luciana Enilde de Magalhães Lyra Macêdo, Marcelo Ferreira Leite, Marcia Candelaria da Rocha Ramos, Maria do Socorro Gonçalves Formiga, Rafael Auler de Almeida Prado, Regina Coeli Araújo da Silva, Sarah Camello Vasconcelos, Simone Wanderley de Freitas, Solange Maria Freire Neumann e Sthéphane Figueredo de Sousa, pelo excelente clima acadêmico que vivemos durante o Mestrado.

À

Faculdade de Ciências Humanas de Olinda – FACHO, através de seus Diretores, Coordenadores e Corpo Docente, que nos prepararam para sair direto da Graduação e Licenciatura em Psicologia para o Mestrado Acadêmico.

A

todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram e torceram para que conquistássemos mais esta vitória, que Deus muito os abençoe!

## **RESUMO**

Esta pesquisa investigou os fatores que interferem na comunicação conjugal e suas repercussões na família. Sabe-se que problemas de comunicação se interpõem nas relações conjugais e provocam dificuldades não apenas para o casal como também para os filhos e o convívio desses em sociedade. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, que teve como participantes 07 (sete) famílias, constituídas por casais heterossexuais, que convivem juntos há mais de cinco anos, possuem filhos/as, da camada social de baixa renda e que já tiveram ou estão enfrentado crises em seu relacionamento. As famílias pesquisadas tinham, em média, dois filhos com idade entre 03 e 16 anos. A idade dos cônjuges variou entre 31 a 43 anos e o tempo médio de convivência foi de 11 anos. Os instrumentos utilizados foram: uma Entrevista Semi-Estruturada e a Entrevista Familiar Estruturada (EFE), de Terezinha Féres-Carneiro (2005). Para coletar o material obtido filmamos e gravamos as falas dos participantes. Após sua transcrição, elas foram analisadas através da Técnica da Análise de Conteúdo Temática. A análise da EFE foi feita com base nos indicadores próprios já validados no Brasil. Os resultados obtidos mostraram que todos os casais iniciaram a relação por causa de uma gravidez inesperada, antes do exercício da conjugalidade, o que serviu de preditor de dificuldades comunicacionais desde o primeiro momento de convivência. Os casais pesquisados e suas respectivas famílias vivenciam dificuldades atualmente por causa de: interferência da família de origem; dificuldades financeiras; baixa qualidade do ambiente de moradia; falta de lazer e individualização dos casais e dos filhos; falta de interação conjugal, tanto entre o casal quanto no meio social em que vivem; dificuldade de interpretação da comunicação do(a) cônjuge, o que tem afetado diretamente na criação dos filhos. De acordo com os dados obtidos, confirmamos a relevância de estudos sobre a comunicação no relacionamento conjugal e também a necessidade de se apoiar e patrocinar mais estudos sistemáticos nesta área, no sentido de auxiliar os profissionais de psicologia e das diversas áreas que trabalham com casais e família, tais como: Associações Comunitárias, Igrejas e Programas de Governo Municipal, Estadual e Federal, voltados para essa finalidade, a exemplo do Programa de Saúde da Família – PSF.

**Palavras-chave:** Comunicação, casamento, família



## **ABSTRACT**

This research investigated the factors that interfere in marital communication and its family repercussions. It is known that communication problems stand in marital relationships and cause difficulties not only for the couple but also for the children and the living of them before society. This is marked as a qualitative research which had as participants, 07 (seven) families constituted of heterosexual couples who live together for more than five years, have children and are considered lower-income people and they already had or they are still facing crises in their relationship. The researched families had an average of two children aged between 03 and 16 years old. The average ages of the spouses ranged from 31 to 43 years old and the marital living reached 12 years and two months long. The instruments used were: a Semi-Structured Interview and the Structured Family Interview (EFE) of Terezinha Féres-Carneiro (2005). To collect the obtained material we filmed and we recorded the participants' speeches; it was also used the Technique of Thematic Content Analysis. The analysis of the EFE was made based on the indicators themselves already validated in Brazil. Results showed that all couples started a relationship because of an unexpected pregnancy before the exercise of conjugality which served as a predictor of communication difficulties from the start of marital living. Couples surveyed and their families currently face difficulties because of financial problems, interference from background family, lack of individualization, poor housing conditions, difficulties on interpretation of communication from the spouse which has directly affected their children and the social environment in which they live in. According to data obtained through this research, it is confirmed the relevance of studies on marital communication in marital relationship and the need to support and sponsor more systematic studies into this area in order to subsidize psychology professionals and the several areas which work with couples and family such as: churches, community associations and government programs directed toward this purpose, such as the Program of Family Health - PSF.

**Keywords:** Communication, marriage, family

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	11
<b>1. A FAMÍLIA E SUAS MUTAÇÕES: DO SÉCULO XVI AOS DIAS ATUAIS</b>	14
<b>2. REVISITANDO A HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO</b>	24
2.1. Definição de comunicação	25
2.2. A importância de se estudar a história e a Teoria da Comunicação	27
2.3. Uma viagem ao passado da comunicação	28
2.4. A comunicação do final do século XVII ao final do século XIX	31
2.5. As escolas teóricas da comunicação a partir do século XX	32
2.6. A Pragmática da Comunicação Humana e a Relação Conjugal	37
<b>3. COMUNICAÇÃO CONJUGAL: ERROS PSICOLÓGICOS</b>	45
3.1. Indiferentismo	48
3.2. Dependência	51
3.3. Manipulação	53
3.4. Apropriação possessiva	55
3.5. Desconfiança	56
3.6. Independentismo	57
3.7. Ciúmes	59
3.8. Medo e Insegurança	60
3.9. Instrumentalização do outro	62
<b>4. MÉTODO</b>	64
4.1. Natureza da Pesquisa	64
4.2. Participantes	64
4.2.1. Tabela I – Dados dos Participantes	65
4.3. Instrumentos	66
4.4. Procedimento de Coleta de Dados	66
4.5. Procedimento de Análise dos Dados	67
4.5.1. Análise das Entrevistas	67
4.5.2. Análise da Entrevista Familiar Estrutura (EFE)	67

<b>5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>68</b>
5.1. Família A – <i>Uma família “com o nervo à flor da pele”</i>	68
5.2. Família B – <i>Uma família “à moda antiga”</i>	76
5.3. Família C – <i>Uma “família que pedi a Deus”</i>	82
5.4. Família D – <i>Uma família que “tenta mais não consegue”</i>	89
5.5. Família E – <i>Uma família “que anseia formar sua própria cultura”</i>	95
5.6. Família F – <i>Uma família a quem “falta lazer”</i>	101
5.7. Família G – <i>Uma família que “começou por curiosidade”</i>	107
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>114</b>
<b>7. REFERÊNCIAS</b>	<b>116</b>

## **ANEXOS**

## INTRODUÇÃO

Como Psicólogo Clínico e Pastor Batista, há dezoito anos, na região Nordeste do Brasil, e atendendo famílias há vários anos, temos constatado que a falta de comunicação tem sido um dos fatores que mais tem dificultado a convivência entre as pessoas que atendemos e, em especial, entre os casais.

Seguindo o raciocínio de Bereza, Martins, Moresco e Zanoni (2005), Figueredo (2006), Lord e Miller (2007), Lorente e Cano (2002), Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt e Sharlin (2004) e Watzlawick, Beavin e Jackson (2007), de que a comunicação tem interferência direta sobre a conduta das pessoas e as relações conjugais, tanto no que se refere a engendrar uma relação com maior nível de satisfação conjugal quanto a de levá-la à falência, é que envidamos esforços no sentido de compreender a comunicação conjugal.

Para os autores supramencionados, falhar no processo de comunicação conjugal é oportunizar o surgimento de repercussões conflitivas, tais como: falta de intimidade na vida sexual; críticas, desconfianças, mútua intolerância e até violência doméstica; incapacidade de manter franca comunicação dos desejos e insatisfações; impossibilidade de auxiliar os filhos no processo de desenvolvimento; inaptidão para manter o vínculo conjugal, ocasionando assim um alto índice de divórcios.

Toda essa preocupação deu-se porque, embora estejamos numa época preconizada como sendo o tempo da comunicação, haveremos sempre de nos perguntar: mas que tipo de comunicação é essa? Certamente hoje vivemos o auge da comunicação midiática de massa, da *internet*, das produções em entretenimento *high tec* e daquela desenvolvida através dos recursos da nanotecnologia. Contudo, como antítese a esses tipos de comunicação tecnológica e, de acordo com Figueredo (2006), vive-se também um esvaziamento da comunicação interpessoal, principalmente na comunicação entre os casais. Estamos vivendo um tempo em que, segundo a autora, as relações têm sido superficiais, monótonas e com pouco contato visual e interativo.

Concordamos com Bauman (2004) quando afirma que vivemos atualmente num processo furioso de “individualização<sup>1</sup>”. Processo esse que, ao mesmo tempo em que nos lança em sonhos de relações reais e duradouras, oscila entre isto e o perturbador senso de

---

<sup>1</sup> Aqui tomada não como o processo de se diferenciar para manter a singularidade, mas de se tornar independente do outro.

incapacidade de manter o que se conquista. Inevitavelmente isto tem atingido a família em seu subsistema mais importante que é o casal.

De acordo com Féres-Carneiro (1983, 1997, 1998, 2003, 2005, 2009) e Jablonski (1998, 2001, 2003, 2009), não há como prescindir da idéia de que as grandes mudanças que a sociedade contemporânea passa atualmente têm interferido na vida conjugal. Para os autores, os casais contemporâneos estão sendo completamente afetados e moldados pela cultura e por fatores sócio-econômicos. Como afirmam Watzlawick *et. al.* (2007), é impossível não se comunicar, uma vez que todo comportamento é comunicação; há uma interdependência entre os comunicantes.

Pesquisas feitas por Wagner e Mosmann (2009), mostram que é necessário investir na promoção da qualidade das relações conjugais como uma estratégia de proteção dos filhos. As autoras apontam a necessidade de se investir em intervenções com casais, no sentido de minimizar conflitos e produzir uma melhor satisfação conjugal, bem como investir em iniciativas sociais voltadas à saúde familiar, a exemplo dos programas governamentais, com ênfase na comunicação conjugal, realizadas em países como Estados Unidos e Austrália.

Nosso principal objetivo nesta pesquisa foi buscar compreender, junto a casais que já vivenciaram ou que ainda estão vivenciando crises no seu relacionamento, os fatores que interferem na comunicação conjugal e suas repercussões na família. Aludimos aqui ao conceito de crise sob dois aspectos: o primeiro, do ponto de vista etimológico, que preconiza crise como sendo o estado de súbito desequilíbrio ou desajuste nervoso, emocional, de incerteza, vacilação ou declínio na vida de uma pessoa ou de um grupo social, bem como, o momento que define a evolução de uma doença tanto para a cura quanto para a morte (Houaiss, 2007). Em segundo lugar, Nichilo (1993) define crise no campo da conjugalidade como sendo um problema de identidade de cada cônjuge. Para a autora, a crise se instaura quando há uma frustração dos cônjuges quanto ao ideal de eterna harmonia, união estável, solidez no tempo, sucesso e opulência no matrimônio que se tornam frágeis diante das vicissitudes do dia-a-dia da vida a dois. Mas, ela também afirma:

A crise de casal, se oportunamente percebida e avaliada, pode abrir uma oportunidade de emancipação, quando a raiva é substituída pela dor, e a dor pela compaixão para com a máscara até então usada, por se acreditar, erroneamente, que proporcionava segurança (Nichilo, 1993, p.160).

Como objetivos específicos, procuramos analisar: as circunstâncias que levaram ao conhecimento mútuo do casal; como é acolhida a comunicação do outro, principalmente na hora de uma crise conjugal; o que mais dificulta a comunicação entre o casal no dia-a-dia; as

estratégias utilizadas para resolução dos conflitos comunicacionais e as necessidades sentidas pelo casal.

Esta dissertação está estruturada da seguinte forma: no capítulo um, denominado “A família e suas mutações: do século XVI aos dias atuais”, fizemos um recorte histórico das transformações ocorridas no que se refere ao casamento e à família, pois entendemos que nos facilitaria a compreensão dos casais entrevistados. No capítulo dois, enveredamos pelo histórico da comunicação, cerne de nosso trabalho. Nele conceituamos e caracterizamos a comunicação humana e apresentamos, brevemente, as principais teorias que se debruçaram sobre o tema. No entanto, nos detivemos na Pragmática da Comunicação Humana por ser a que oferece mais elementos para analisarmos o material coletado, bem como ser a teoria sobre a qual temos mais conhecimento. No capítulo três, exploramos alguns erros comunicacionais que são cometidos pelos casais e que podem dificultar e corroer a relação, podendo até mesmo levar à separação. Em seguida, apresentamos o método do estudo, a análise e a discussão dos resultados, encerrando com nossas considerações acerca do trabalho realizado.

## 1. A FAMÍLIA E SUAS MUTAÇÕES: DO SÉCULO XVI AOS DIAS ATUAIS

A família, átomo da sociedade civil, é a responsável pelo gerenciamento dos “interesses privados”, cujo bom andamento é fundamental para o vigor dos Estados e o progresso da humanidade. Cabe-lhe um sem-número de funções. [...] A família, como rede de pessoas e conjunto de bens, é um nome, um sangue, um patrimônio material, herdado e transmitido. A família é um fluxo de propriedades que depende primeiramente da lei (Perrot, 1991, p.106).

Partindo do pensamento de Perrot (1991), em epígrafe, escrever sobre família não é algo fácil, uma vez que esse substantivo não designa apenas um grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto ou uma linhagem de pessoas com ancestralidade comum, nem simplesmente um conglomerado de pessoas ligadas por laços de adoção. Historiar sobre família, embora não tenhamos a pretensão de sermos historiador, é descrever algo que tem a ver com nossa herança, tanto do ponto de vista histórico quanto psicológico, uma vez que todos nós descendemos de uma família. Não iremos esgotar neste capítulo uma explanação final sobre a família e todas as mutações que lhe ocorreram através dos séculos, mas apenas destacaremos algumas questões que entendemos ser relevantes para este trabalho. Assim, focaremos nosso olhar sobre algumas das questões que perpassaram a família do século XVI até os dias atuais.

Para Ariès (1981), qualquer que seja a pessoa que procure historiografar a família, precisará fazer isso a partir da iconografia, uma vez que esse tipo de documento apresenta como era a vida familiar, especialmente aquela vivenciada até o século XVI. Para ele, até essa época, não havia uma nítida distinção entre o que era público daquilo que era privado. Isto pode ser constatado através das gravuras que apresentam multidões anônimas pelas ruas, em horários, aparentemente, pré-determinados por todos, caracterizando um cenário em que não havia oposição entre a intimidade da vida privada e a sociabilidade das relações públicas.

Essa confusão de limites foi algo tão natural naquela época que as casas viviam sempre de portas abertas ao público e, por não haver qualquer objeção, as pessoas se viam no direito de entrar e sair das casas e festas, porque tudo era vivenciado de forma partilhada. Até mesmo os senhores feudais não se diferenciavam quanto à convivência, no mesmo ambiente, com seus escravos, crianças e parentes. Tudo parecia pertencer a um só clã. Essa realidade chegava ao ponto em que as pessoas, segundo o citado autor, achavam-se no direito até mesmo de visitar o leito nupcial de um casal durante o período de início do matrimônio.

Mas, os primeiros sinais de separação desse tipo de vida familiar simbiótica apareceram socialmente nos documentos iconográficos de meados do século XVII quando os artistas foram dando espaço às representações da individualidade e era muito comum encontrar, segundo Perrot (1991), figuras de mulheres solitárias e também de homens e mulheres na mesma tela, embora, muitas vezes, em direções contrárias.

Outro destaque feito por Ariès (1981) foi à inserção da criança nos documentos iconográficos. Para ele, a criança surgiu como mensageira da necessidade de sentimento de intimidade familiar. Elas foram representadas pela iconografia através de calendários, abrindo espaço para a separação entre o público e o privado. Ele referiu que, até o século XVII, os casamentos eram feitos de maneira arranjada e os noivos eram escolhidos pelos acordos entre os patriarcas, muitas vezes sem o consentimento e a anuência dos filhos. Para esses pais, a manutenção do patrimônio da família, através dos dotes e do aumento da economia da família, estava em primeiro lugar, não importando questões como amor, afinidade ou interesse mútuo.

Mas, segundo os historiadores Ariès (1981, 1991), Hunt e Perrot (1991), com a chegada do século XVIII, considerado o século das luzes, esse foi marcado pela consolidação das grandes moções sociais que mudariam a forma de ser e pensar sobre família. Dentre esses movimentos sociais o que ganhou maior destaque foi o chamado de Revolução Francesa, que foi um marco no ciclo das grandes revoluções. Com a queda da Bastilha, em 14 de julho de 1789, um grande movimento revolucionário aconteceu na burguesia francesa, movimento esse calcado no pensamento filosófico do suíço Jean-Jacques Rousseau, um dos ícones principais do Iluminismo. Rousseau concebeu a idéia do homem como um ser livre, igual a seus semelhantes, com os quais deveria conviver fraternalmente. Sendo assim, o Estado não deveria dominá-lo como era comum à época. Segundo a filosofia de Rousseau, o Estado deveria ser uma entidade a serviço do cidadão.

Assim, a burguesia francesa, ao perceber seu papel preponderante na vida econômica, insurgiu-se e iniciou um movimento revolucionário com o objetivo de tirar o poder da aristocracia e da monarquia absolutista. Ele aconteceu no final do século XVIII e resgatou os ideais rousseureanos de liberdade, igualdade e fraternidade entre senhores e escravos, homens e mulheres, tanto nos domínios público quanto no privado. Gradativamente, foi acontecendo uma diferenciação estrutural e conceitual, tanto no sentimento do que é ser família, quanto no papel que o Estado deveria ocupar diante de seus cidadãos.

Para Perrot (1991) a Revolução teve a pretensão de transformar os ânimos e os costumes da sociedade e com isso, criar um homem novo, tanto na aparência quanto na



linguagem e nos sentimentos, o que deveria ocorrer através de uma pedagogia do externo sobre o interno. O autor também pontuou que a Revolução Francesa não foi pioneira em todos os seus ditames, pois sofreu várias influências estrangeiras, em especial da burguesia inglesa.

Ariès (1981, 1991), Hunt, Hall e Perrot (1991) destacaram dez (10) transformações que ocorreram a partir da Revolução Francesa e que acarretaram mudanças nas famílias e na sociedade até os dias atuais, que foram: 1 - revalorização da família; 2 - diferenciação dos papéis sexuais, estabelecendo a oposição entre o homem, destinado ao público e a mulher, ao âmbito doméstico; 3 - limites dos direitos dos pais sobre os filhos; 4 - estabelecimento do contrato de casamento civil; 5 - direito ao divórcio; 6 - distância e diferenciação progressiva do domicílio do local de trabalho; 7 - costumes de higiene (sabonete, latrina, banheira...); 8 - movimentos culturais; 9 - progressiva diminuição da taxa de natalidade; 10 - privatização da religião.

No entender de Perrot e de Hunt (1991), durante a Revolução Francesa, as fronteiras entre o privado e o público foram ficando cada vez mais tênues a ponto de que aquilo que fazia parte do espírito público como, por exemplo, a sociabilidade, foi arrefecendo de tal forma que as pessoas passaram a se fechar em si mesmas. Assim foi que, no início do século XIX, esse tipo de comportamento abriu espaço para o surgimento do movimento romântico, em que o indivíduo se dedicou mais a si mesmo e à família.

Para Hunt (1991), um dos exemplos mais claros da invasão do público sobre o privado, durante a época da Revolução, foi a imposição do Estado sobre o tipo de vestimenta que as pessoas deveriam usar, no sentido de diferenciar os da corte dos demais grupos proletariados. Ele pontuou que era muito comum nessa época ver trabalhos iconográficos com imagens de crianças em jogos infantis, mas que traziam, subliminarmente, imagens de um vestir cívico. A roupa chegou a ocupar um lugar de influência tão significativo sobre o privado que foi preciso, em 1793, se reafirmar a “liberdade do vestuário”. Nesse Édito encontram-se as seguintes expressões: “Nenhuma pessoa, de qualquer sexo, poderá obrigar qualquer cidadão ou cidadã a se vestir de uma maneira particular [...] sob pena de ser considerada e tratada como suspeita” (Hunt, 1991, p.24), uma vez que os ideais da Revolução residiam na liberdade, igualdade e fraternidade.

Segundo o autor, os ataques revolucionários atingiram principalmente a religião, que se constituía na grande rival revolucionária; esta passou a ser privatizada e a mulher a ter um papel preponderante nessa transição. Ele descreve que nas regiões mais afastadas dos grandes centros, como consequência da linha tênue que se estabeleceu entre o público e o

privado, as mulheres se transformaram nos pilares da Igreja e os homens se tornaram meros expectadores e praticantes esporádicos.

Nessa época a autoridade pública passou a exercer uma influência ainda maior sobre as famílias, a ponto de transformar o casamento em um contrato legal através da instituição do estado civil do casamento. Hunt (1991, p. 36) descreve esse contrato da seguinte forma:

No antigo regime, o casamento consistia na troca do “sim”, e o padre desempenhava apenas o papel de testemunha desse mútuo consentimento. Pelo importante decreto de 20 de setembro de 1792, um funcionário ficou encarregado do estado civil, devendo também declarar o casal unido perante a lei. Desse momento em diante, a autoridade pública assumiu uma participação ativa na formação da família. O Estado definiu os impedimentos à união, restabeleceu e regulamentou o processo de adoção, determinou os direitos (depois seriamente restringidos pelo Código Civil) dos filhos naturais, instituiu o divórcio e limitou o poder paterno.

Como é possível perceber, ao considerar o casamento apenas como um Contrato Civil, a lei de 1792 secularizou o casamento, destituiu a Igreja de seu lugar de autoridade máxima sobre as questões familiares e abriu espaço para o ideal de liberdade individual, tanto do homem quanto da mulher. Foi a partir desse momento que vários casais, que estavam ligados apenas pela questão religiosa da indissolubilidade, tiveram a oportunidade de pedir o divórcio chegando ao número de mais de 30 mil divórcios, entre 1792 a 1803 (Hunt, 1991).

Através das descrições de Perrot (1991) o curto espaço de tempo em que o divórcio foi liberado na França trouxe um medo muito grande, por parte dos homens, de que as mulheres tivessem uma total liberdade e pouco a pouco fossem se emancipando e se igualando a eles no que se referia ao desejo sexual, à fidelidade matrimonial, dentre outras questões. Uma época considerada como sendo a era da revolução do sexo em que o Marquês Donatien Alphonse François de Sade cunhou a Declaração dos Diretos de Eros. Sobre esse momento descreveu Hunt (1991):

Num mundo novo, de igualdade absoluta, a única coisa que importa é o poder, amiúde brutal e cruel. [...] A liberdade consistia no direito de buscar o prazer sem consideração pela lei, pelas convenções, pelos desejos dos outros (e esta liberdade, ilimitada para alguns, significa em geral a escravidão das mulheres escolhidas); venciam apenas os mais impiedosos e os mais egoístas (quase sempre homens) (Hunt, 1991, p.47-48).

Talvez tenha sido por essas questões que Perrot (1991) ressaltou que, até meados do século XIX, havia uma tendência muito grande a uma “endogamia”<sup>2</sup> e/ou uma “homogamia”<sup>3</sup> no casamento. A endogamia era muito comum apenas nas zonas rurais enquanto que a homogamia era altíssima em todo o país. Isto servia tanto para proteção do patrimônio familiar como para controle da mulher. Nessa época, os casamentos eram mediados por parentes, amigos e até mesmo pelos padres.

No início do século XIX, surgiu, segundo Hall (1991), a moral familiar, incentivada pelo puritanismo evangélico Anglicano. Mas, segundo o autor, não eram apenas os anglicanos que queriam salvar a Inglaterra do que eles diziam ser a decadência moral em que o País se encontrava. Associados a eles estavam os Quacres, Unitaristas, Presbiterianos, Metodistas, Independentes e Batistas que partilhavam do pensamento de que o ambiente familiar deveria ser preservado, surgindo aí à produção de imagens iconográficas que colocavam homens e mulheres em lados opostos. De um lado, a representação trazia as mulheres em casa cuidando dos filhos e do lar, do outro, os homens cuidando dos seus “negócios” nas ruas.

Para Hall (1991), foi a partir dessa época que surgiu a assembléia religiosa familiar, uma espécie de reunião quotidiana onde os membros da família burguesa se sentavam para cultivar os valores cristãos e se distanciar das questões públicas, uma vez que “o mundo era um lugar de orgulho e pecado. Deste modo, os cristãos realmente religiosos deviam tentar fugir dele na tranqüilidade e no retiro de uma vida cristã” (Hall, 1991, p. 56).

De acordo com a autora, esse tipo de pensamento, que proliferou em meados do século XIX, fez com que se acentuasse a posição de que o lugar da mulher era apenas no mundo privado do lar. Para Hall (1991), um dos elementos fundamentais dessa concepção foi o entendimento que os homens burgueses passaram a ter sobre a frase bíblica cunhada pelo Apóstolo Paulo, no livro de Efésios, capítulo 5 e verso 22 que diz: “Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor”. (Bíblia Sagrada, 2007). Para a autora esse pensamento foi amplamente difundido entre os cristãos evangélicos e puritanos, significando que se as mulheres casadas resolvessem ser insubmissas aos maridos e buscassem sair de casa para disputar o espaço público com eles, elas estariam indo de encontro a uma lei natural, espiritual e biológica, ou seja, de encontro às leis de Deus. Sendo assim, diz Hall (1991, p.61), “quem ousaria contestá-lo”?

---

<sup>2</sup> Que ou aquele que só se casa com membros de sua própria classe ou tribo, com a finalidade de conservar sua nobreza ou sua raça. (Houaiss, 2007).

<sup>3</sup> Em alguns grupos sociais, tendência a escolher como cônjuge um indivíduo da mesma raça, religião etc. (Houaiss, 2007).

Isso fez com que se acentuassem ainda mais uma apologia de diferenciação entre os sexos, a ponto de haver repercussão na vida profissional. Hall (1991, p.81) pontuou que como à mulher casada estava destinado apenas o espaço privado, pensadores como Francis Place e William Cobbet defenderam o surgimento de um “salário familiar”. A idéia era de que o homem ganhasse uma quantia salarial que desse para ele sozinho sustentar a família. Para Hall (1991, p.81) “o ideal de um salário exclusivamente masculino e da dependência feminina encontrava-se bem assente entre a burguesia, e iria encontrar ressonâncias no operariado”. Até os dias atuais ainda é possível encontrar esse pensamento vigorando entre alguns casais e grupos sociais.

Para Perrot (1991), as interferências do público sobre o privado a que nos referimos até agora, foram arrefecendo na segunda metade do século XIX, uma vez que nessa época aumentou, consideravelmente, o número de pessoas que desejavam uma convergência entre a aliança e o amor, o casamento e a felicidade. Foi também nesse período que, de acordo com o autor, os agudos problemas de reconstrução política e social, pós-revolução, deu margem a três grandes reflexões: 1 - “As fronteiras entre o público e o privado”; 2 - “A questão do conteúdo da sociedade” e 3 - “A definição dos papéis masculinos e femininos”. Essas reflexões foram fundamentais para o surgimento da família liberal do final do século XIX e início do século XX (Perrot 1991, p.133-137).

Todas essas mudanças no conceito de amor, casamento, felicidade, fidelidade, sexualidade e espaço público e privado, referentes tanto ao homem quanto à mulher, embasaram as transformações que ocorreram na família atual e que encontram eco nas pontuações de Jablonski (2003), quando ele diz que, na Idade Média, cinco ou mais gerações viviam sem ver mudanças no *modus vivendi* das pessoas, mas somente no século XX aconteceram três grandes transformações no tipo de família. A primeira foi a *família tradicional*, que passou a ser caracterizada pela produção econômica, pela autoridade paterna e pelo casamento focado nos aspectos funcionais e nas relações comunitárias e parentais. Segundo o autor, ela deu lugar à *família moderna*, que foi profundamente influenciada pelo espírito individualista, pela mobilidade e por um senso de independência das relações comunitárias, fixando-se apenas nos sentimentos de afeição entre os pares conjugais. Isso tudo, segundo o autor, preparou o terreno para o surgimento, a partir do final do século XX, da *família pluralista*, também chamada de pós-moderna, multifacetada em sua configuração e em constantes arranjos e contínua mudança em seu *modus vivendi*.

No referido século, Hintz (2001, p.10) pontua que uma das principais mudanças que também ocorreu na família foi a autonomia que a mulher passou a ter. Segundo a autora,

o conceito de igualdade passou a predominar, contribuindo para que a mulher saísse de sua clausura social e passasse a dividir espaço com o homem. Para ela, essa mudança paradigmática que ocorreu na família moderna, marcada pela realização pessoal, tanto do homem quanto da mulher, fez com que os casais passassem a ser semelhantes quanto ao exercício do “mando”.

Em sua análise evolutiva da família, Hintz (2001) ainda chama a atenção para o fato de que, com o surgimento da pílula anticoncepcional, na década de 60, quando a mulher passou a controlar sua procriação, essa questão lhe deu um novo status enquanto mulher e dona de si: o de também exercer o poder sobre sua liberdade sexual. Esse novo lugar lhe possibilitou uma maior mobilidade, tanto no espaço privado quanto no público, bem como, a própria sexualidade passou a ser percebida com maior naturalidade e a questão da fidelidade tornou-se um compromisso compartilhado pelo casal, quando até então era a mulher que deveria ser fiel, aliado ao tabu do exercício de sua sexualidade antes do casamento.

Hintz (2001) constata que esse eco de liberdade que soprou sobre a família moderna fez com que também houvesse uma diminuição no número de filhos e que novos valores econômicos, culturais, sociais e religiosos modificassem a forma de ser e de se estruturar a família moderna. Para a autora, na segunda metade do século XX, com a decisão da mulher de sair de casa e enfrentar o mercado de trabalho, cuja finalidade inicial era de aumentar a renda familiar, pouco a pouco ela foi sentindo a necessidade de ampliar seu campo de trabalho e passou “a participar de atividades educativas, profissionais, culturais, artísticas e políticas. A mulher passa a ingressar em maior número nas universidades, ampliando seu campo de trabalho e levando-a a passar mais tempo fora de casa” (Hintz, 2001, p.12).

No entanto, na reflexão de Anton (2000, p.32), o que mais tem afetado a família não está na configuração ou desconfiguração da família contemporânea, mas no fato de seus atores permanecerem assentados sobre as amplas promessas, expressas pelo clássico final dos contos de fadas: “casaram-se e foram felizes para sempre”, uma vez que felicidade não é um estado contínuo, mas uma possibilidade circular.

Para Zordan, Falke e Wagner (2005, p. 62), hoje também tem acontecido “um aumento das expectativas, uma extrema idealização do outro e uma super exigência consigo mesmo, o que provoca tensão e conflito na relação conjugal”. Para as autoras, espera-se atualmente que o casamento corresponda a todas as necessidades de saciação de “intimidade, amizade, afeto, realização sexual, companheirismo e oportunidade de desenvolvimento emocional” (p.62). Diante de todas essas expectativas não é de se estranhar o alto índice de

divórcios, já que esperar de uma única instituição, o casamento, o preenchimento de todas essas necessidades é algo impossível.

Magalhães e Féres-Carneiro (2003) descrevem a conjugalidade como a dimensão psicológica que é compartilhada entre a díade conjugal e que possui uma dinâmica inconsciente, tanto nos acordos tácitos entre o casal, quanto nos funcionamentos específicos. A noção do “sentimento de família” não apenas está ligada às representações psicológicas, mas também às representações sociais e culturais interiorizadas e vivenciadas por cada membro da díade, a partir do conjunto de valores e crenças que cada um traz consigo sobre o que é ser família.

Neste sentido, Jablonski (1998), Féres-Carneiro (1998) e Figueredo (2006), apontam que a família e a conjugalidade estão hoje em crise e que grande parte dessa crise deve-se ao fato da emancipação da mulher, no mundo ocidental, já que os ideais do amor romântico, que sustentavam o casamento até o final do século XIX, afirmando ser uma relação “até que a morte os separe”, não mais tem tido o poder para ancorar a permanência desse tipo de relação na contemporaneidade. Para se ter uma idéia mais nítida dessa realidade Rossi (2003, p.96) descreve o seguinte:

No passado, quando uma mulher optava pelo casamento, desistia automaticamente de uma carreira profissional; se dispunha a acompanhar o marido onde quer que ele fosse; a cuidar da prole e dos interesses da família. [...] O homem casado, através da esposa, dispunha de todo um suporte social e emocional que seria fundamental para que tivesse sucesso em sua carreira. O casamento era duradouro e somente poderia ser desfeito por razões extremamente graves.

No entanto, com a idéia igualitária dos papéis sociais no casamento entre homem e mulher, desde a Revolução Francesa, tudo mudou. Para Féres-Carneiro (1998), o cerne da questão está no desafio posto aos casais contemporâneos de terem que conviver, dentro do casamento, com duas individualidades e uma conjugalidade. Nesse sentido, Magalhães (2009 p.207) diz que a dificuldade de vivenciar a conjugalidade se dá porque “conjugalidade implica o entrelaçamento de dois “eus”, e duas subjetividades, na direção da constituição de um terceiro “eu”, uma identidade compartilhada”, algo que poucos casais conseguem atingir atualmente pelo fato de seus membros, muitas vezes, ainda estarem presos às famílias de origem.

Para a autora, o desafio, na contemporaneidade, transita entre o ideal de viver um projeto de vida compartilhado e, paradoxalmente, saber se desprender, gradativamente, das

influências e dos modelos dos projetos de vida parental. Ir para além dessa fusão-separação não tem sido fácil. Diante disso ela afirma: “a conjugalidade e a parentalidade desafiam a autonomia e a maturidade emocional dos parceiros” (p.209), já que as questões sociais e públicas cada vez mais têm interferido sobre o mundo privado do casal.

Para compreender essa influência do social e público sobre o privado, Costa (2000) descreve que um dos principais preditores das crises nos casamentos contemporâneos também está na dificuldade que os casais têm de manter um equilíbrio entre as motivações que os levaram a se casar e as vicissitudes do mundo moderno. Elas podem caracterizar-se como: ter que trabalhar, criar filhos, estudar, dividir tarefas domésticas, participar de clubes sociais, igrejas, associações e ter que conviver socialmente com outros casais e com a família extensa de ambos.

Talvez seja por todas essas questões levantadas até agora que Jablonski (1998, p. 71) chegou a dizer que estamos hoje numa cultura “*pós-uma-porção-de-coisas*”. Uma cultura marcada por uma maior flexibilidade dos arranjos familiares e do modo de ser e pensar sobre casamento, família e conjugalidade; um tempo de crise onde o caminho tomado por muitos casais não tem sido o da busca do diálogo e da reflexão compartilhada sobre o que está interferindo na relação.

Segundo Prado (2008) as grandes mudanças sofridas pela sociedade, no âmbito profissional, pessoal e familiar acarretam crises que, por sua vez, conduzem o ser atual a se ajustar às mudanças e não somente tornar-se refém dessas transformações. E isso vai requerer amadurecimento, tanto a nível psicológico quanto relacional. Segundo o autor, uma das formas mais claras de se perceber essas crises e vazio existencial é a crise conjugal.

Para Maldonado (2005), crises familiares acontecem quando todos os recursos habituais ou extraordinários se tornam ineficazes para resolver uma situação posta, fazendo com que a tensão se estabeleça e ultrapassasse a capacidade de manejo das pessoas dentro do sistema familiar. Ainda considera que é dentro do espaço a que chamamos de família ou conjugalidade que interagimos com a sociedade, que aprendemos que tudo o que acontece fora desse espaço vital afeta a família e tudo o que acontece dentro da família afeta a sociedade. De modo que as tensões, os problemas e as crises externas afetam internamente e as internas se repercutem externamente. Daí então a grande necessidade de se envidar esforços para o entendimento das mudanças que ocorreram na história e que têm eco tanto nas relações conjugais quanto na família como um todo.

Analisando a questão dessas crises, e, em especial, a crise no diálogo do casal atual, faremos, no segundo capítulo, um breve percurso histórico sobre a história da

comunicação. Será breve porque temos a compreensão de que não somos historiadores, porém, privilegiaremos, de maneira mais detalhada, os principais axiomas da comunicação.



## 2. REVISITANDO A HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO

Quando as pessoas íntimas se tornam frustradas devido à sua incapacidade de se comunicarem com clareza e honestidade, tendem a confundir as coisas ainda mais, soltando mensagens repletas de sarcasmo, hipérboles, ironias e exageros, que obscurecem as situações ou as dramatizam em excesso (Bach, 1991, p. 120).

Diante do texto em epígrafe, fica claro que não há como prescindir da importância da comunicação nas relações humanas. Aliás, não se pode estar no mundo sem se comunicar. Ainda mais, quando este se trata do mundo dos humanos.

Para Mattelart (2009), o estudo da comunicação apresenta um problema, do ponto de vista teórico, de legitimidade, uma vez que nenhum campo teórico, sozinho, é capaz de legitimar o conceito primordial da comunicação. Sendo assim, neste capítulo, tomaremos por base a leitura criacionista sobre a origem das coisas, não como dogma, mas apenas como ponto de partida para uma escrita dialógica.

Analisando os escritos a partir da Bíblia, texto que fundamenta a leitura criacionista, encontramos no livro de Gênesis, proposto como sendo o preâmbulo da criação de todas as coisas, nos versos 3 e 26 do capítulo primeiro desse livro, que a natureza surge de um ato comunicante, isto é, o Criador, dirigindo-se ao Caos e disforme, comunica: “Haja luz!”. Assim, como receptor do que lhe fora comunicado pelo Emissor surge à existência onde antes era apenas Caos. Por sua vez, numa seqüência à frente, o ato comunicante do Ser Criador é dirigido como ponto de partida ao Ser Humano, sendo que, dessa vez, há um acordo dialogal entre a Trindade Criativa que se expressam dizendo: “Façamos o homem à nossa Imagem e Semelhança” (Bíblia Sagrada, 2007, Cap. 1 vs. 3, 26). Sendo assim, sob a ótica da perspectiva teológica, pode-se inferir que o ser humano é, ontologicamente, um ser criado para e através da comunicação, um ser eminentemente comunicativo.

Neste aspecto, entendemos que cada um de nós traz a necessidade de interagir coletivamente. Por sua vez, isto se dará pela capacidade inata de se comunicar, seja essa comunicação feita de forma: verbal, não verbal, meta verbal, iconográfica, escrita ou por quaisquer outros processos que, como humanos, encontrarmos para transmitir a outro aquilo que desejamos comunicar. Por exemplo: expressões faciais e/ou corporais, denotando sentimentos de alegria ou tristeza, dor ou desgosto, diferença ou indiferença. A grande questão é que não há como pensar em interação humana sem que primeiro admitamos a possibilidade do intercâmbio dialógico entre seus semelhantes. Afinal, é por causa da probabilidade interativa que a história tem sido grafada e inscrita, tanto no campo da

subjetividade quanto da escrita. Levando em consideração o que diz Maturana (2002 como citado em Cervený, 2004, p.14) “o mundo em que vivemos surge das comunicações que fazemos”. Daí então nos surge uma pergunta fundamental: o que é de fato comunicação?

## 2.1. Definição de comunicação

Convocamos Martino (2008, p.12-13) para nos trazer uma designação etimológica da palavra. Para ele, o termo deriva de *communicatio*, que de si emana três elementos: a raiz *munis*, que deduz-se por “estar encarregado de”, acrescido do prefixo *co*, expressando a idéia de “reunião ou por em relação” donde deriva a concepção de “algo realizado conjuntamente”, que complementada pela terminação *tio*, avigora a idéia de estar em atividade.

De acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss (2007), a palavra pode ser dividida a partir do elemento de composição *comunic-*, que é um antepositivo, do verbo latim: *communico, as, ávi, átum, áre*, designando: 'pôr em comum', 'dividir', 'partilhar'. O que tem relação com: 'conversar', 'comunicar', 'misturar'. Ainda, segundo o dicionário, o termo também deriva de *commúnicus* e não de *commúnis*, 'comum', o que daria a idéia não apenas de uma relação de comunhão e comungação eclesiástica, mas social.

Voltando a Martino (2008), vemos que a idéia do autor, ao mostrar o uso da palavra comunicação como atividade, remonta ao sentido de uma ação comunitária e um à expressão grega: “*koenóibion*”, lugar de comunhão. Mas, concordamos com ele quando afirma que comunicar-se não designa qualquer tipo de relação, mas só aquela em que haja o desejo de romper com o isolamento entre as pessoas e colocá-las numa posição de relação interpessoal. Neste sentido, pode-se entender que comunicar tem a ver com: romper o silêncio, a distância, a indiferença, o enclausuramento social e aventurar-se a engendrar algo novo e significativo na relação do Tu com o Nós. Há que se considerar desde já que a polissemia do termo abre-nos vias para uma série de estudos sobre o tema e que aqui não iremos esgotar esse assunto. A dinâmica da comunicação humana, segundo Martino (2008, p.21), deve ser tomada sob três pontos de vista:

O homem ⇒ Com o mundo ⇒ Com o outro ⇒ Consigo mesmo.

Nossa tarefa como pesquisadores será sempre a de descobrir os sentidos de cada uma dessas relações em seu caráter singular. Diante da proposta de Martino (2008) desenvolvemos os seguintes princípios: 1 - comunicação como sendo a matriz do senso de

pertencimento existencial do ser humano em sua relação com o macrocosmo, dado às suas dimensões física, cultural, social, filosófica, psicológica e religiosa; 2 - a comunicação como sendo o processo de interação social e simbólica entre os seres humanos. Já que no dizer do filósofo Aristóteles (como citado em Marcondes Filho, 2006, p.1): “O humano, ‘animal naturalmente político’”, distingue-se dos outros animais por ser o único capaz de utilizar-se de uma linguagem articulada para existir em sociedade”; 3 - comunicação como exercício diário do processo de alteridade. Ao dizermos isso, remontamo-nos à idéia de tomada de consciência sobre si e sobre os outros no filósofo Nietzsche (como citado em Giacoia Júnior 2006, p.35), quando aponta que:

A consciência se desenvolveu sob a pressão da necessidade de comunicação (grifo nosso) – que previamente só entre homem e homem (entre mandante e obediente em particular) ela era necessária era útil, e também que somente em proporção ao grau dessa utilidade ela se desenvolveu.

Compartilhando também dessa idéia, Giacoia Júnior (2006) afirma que tanto a necessidade da comunicação pelo ser humano, quanto sua capacidade inata de se comunicar não pode ser dimensionada apenas pelo aspecto individual ou particular. O autor considera que, do ponto de vista ontológico da comunicação, a mesma deve ser sempre avaliada em termos de uma raça, ou toda uma espécie, e da relação entre seus membros. Para o autor, foi a partir da necessidade de se comunicar que surgiu um cabedal de capacidades comunicativas.

Na análise que Giacoia Júnior (2006) faz dos aforismos de Nietzsche sobre seu ponto de partida reflexiva sobre a psicologia, o mesmo assevera que a pessoa só se torna consciente de quem é de fato, quando permite “a confluência entre consciência, linguagem e sociabilidade, sob o vetor da comunicação” (p.38), onde as vivências conscientes somente podem ocorrer por meio de palavras conscientes. Para o autor, as representações anímicas do ser humano, como as representações de sentimentos, desejos, pensamentos e movimentos, dentre outras, só podem ser acolhidas pelo espaço da linguagem e isto por meio do transporte da comunicação interativa.

Em nossa compreensão de comunicação a partir dos aforismos de Nietzsche, trazidos por Giacoia Júnior (2006), fazemos uma analogia *a priori* que a comunicação é para o homem aquilo que o sangue é para o corpo. Sem comunicação não há tomada de consciência de si; sem tomada de consciência, não há interação consigo e muito menos com outros; sem interação não há vida relacional e nem social, o que acarreta prejuízos incalculáveis para quem se ausenta dessa possibilidade. Assim, linguagem, consciência e

sociedade, emergindo da mesma fonte, todas elas estarão sendo efetivadas sempre no devir, e isto só pode ser aferido a partir do encontro entre seres semelhantes.

## **2.2. A importância de se estudar a história e a teoria da comunicação**

Estudar a história da comunicação e suas teorias num trabalho de psicologia é de suma importância porque tudo aquilo que envolve a relação do homem consigo e com seus semelhantes precisa ser estudado e, como a comunicação perpassa o psiquismo humano, ela também deve ser objeto de nossa apreciação. Através da comunicação são notificados um conjunto de crenças, valores, problemas existenciais e suas soluções, regras e esquemas de convivência de um povo são difundidos.

De acordo com Mattelart (2009), o conhecimento que se procura ter sobre comunicação na atualidade é algo que está envolto numa multiplicidade de sentidos. Hoje, vive-se sob uma polifonia desarmônica onde o fundamento da comunicação interativa homem a homem parece não ter mais sua importância. Neste sentido, o que se acaba privilegiando na contemporaneidade é a comunicação virtual em detrimento da real. Para o autor, a comunicação é algo emblemático a ser interpretado em nossos dias, já que “os processos de comunicação suscitam interesse de ciências tão diversas quanto a filosofia, a história, a geografia, a psicologia, a sociologia, a etnologia, a economia, as ciências políticas, a biologia, a cibernética ou as ciências cognitivas” (Mattelart, 2009, p.9).

Para Hohlfeldt (2008), a comunicação, como a troca de mensagens, se dá por meio de um processo de *práxis* objetiva. Ele afirma que a mesma é de exclusividade humana por ocorrer por meio da linguagem que também é uma capacidade apenas do ser humano. Neste caso, como o humano é um ser eminentemente social e incapaz de viver isolado, a comunicação é, em si, um fenômeno social.

Mas, o que isso tem a ver com os objetivos deste trabalho que é de compreender, junto a casais que estão vivenciando crises no seu relacionamento os fatores que interferem na comunicação conjugal? Porque, segundo Hohlfeldt (2008), além de existir a *intracomunicação* referida pela psicologia, que ocorre internamente, em uma pessoa, existe também a comunicação interpessoal, que se dá entre duas pessoas. E, assim como Fromm (2006) diz que não se pode aprender a tocar um instrumento sem que primeiro se saiba sobre a teoria musical, não se pode compreender quaisquer que sejam os fatores que interferem numa comunicação conjugal sem que primeiro se saiba a teoria da comunicação que criou os primeiros paradigmas relacionais entre os seres humanos.

### 2.3. Uma viagem ao passado da comunicação

Como ponto de partida, continuamos em Hohlfeldt (2008), quando em sua explicação sobre as origens da comunicação, toma por base a invenção da escrita pelos sumérios em, aproximadamente, 3.500 a.C., como sendo o ponto de partida para se entender a importância da comunicação. De modo que podemos considerar que, a partir daqueles povos, na medida em que as formas de tradução oral já não mais foram dando conta da multiplicidade de relatos para se explicar as diferentes versões mitológicas de cada povo, principalmente no que se referia às suas origens, houve a necessidade de se fazer uma decodificação de tudo o que até então estava sendo gravado sob forma rupestre e criar um silabário em caracteres cuneiformes que traduzisse todo o conteúdo iconográfico que estava sendo arquivado nas cavernas. Isto pode ser visto através da epopéia de *Gilgamesh*<sup>4</sup> e o *Antigo Testamento judaico-cristão*, até o *Bagavadguitá hindu*<sup>5</sup> e o *Alcorão* árabe que, segundo o autor, garantiram a perpetuação e manutenção das tradições, história e crenças de todos esses povos.

Avançando um pouco mais na história, Hohlfeldt (2008) assinala que não foram apenas com os sumérios que houve uma preocupação de preservação dos processos históricos e, conseqüentemente, comunicacional dos povos antigos. Mas essa inquietação também pode ser examinada a partir da Grécia do século V a.C.; em Roma entre os séculos I a.C.- I d.C e na Itália entre os séculos XV e XVI. Para o autor, à medida que ia acontecendo uma evolução comunicacional, também aconteciam mudanças estruturais na cultura, nos hábitos e costumes, nas formas alimentares e, sobretudo, nas relações entre as pessoas.

Aliás, um dos grandes legados dos gregos foi a descoberta da arte da retórica que, em síntese, pressupõe que quem comunica deve saber do que se fala para quem fala e por que fala. Além disso, foram também eles os que primeiro, no ocidente, refletiram sobre a importância da comunicação através dos filósofos pré-socráticos. De acordo com o autor,

---

<sup>4</sup> O personagem Gilgamesh (ou Gilgamexe) foi um dos reis sumérios que governaram após o dilúvio. Segundo o mito, era 2/3 deus e 1/3 humano, e foi autor de grandes feitos sobre-humanos, sendo que se livrou de algumas armadilhas colocadas por eventos fantásticos e divinos. Seu personagem lembra muito o mitológico Hércules, herói greco-romano (na Grécia era chamado de Hércules), sendo extremamente forte, o mais poderoso da Terra. O mito também possuiu um paralelo bíblico conhecido como Nimrod (ou Ninrode). Um pedaço de sua vida é descrito em um épico sumério que é considerado a mais antiga narrativa escrita pela humanidade, a Epopéia de Gilgamesh. (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gilgamesh>, consultado em 20 de novembro de 2009).

<sup>5</sup> Também conhecido pela grafia Bhagavad-Gita (em sânscrito: *Bhagavad Gītā*, transl. *Bhagavad Gītā*, "Canção de Deus") é um texto religioso hindu. Faz parte do épico Maabárata, embora seja de composição mais recente que o todo deste livro. Na versão que o inclui, o Maabárata é datado no Século IV a.C.. (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bagavadguitá>, consultado em 20 de novembro de 2009).

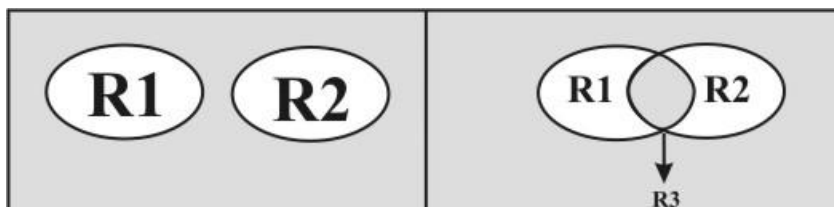
quando os pré-socráticos se destacaram na arte da retórica eles começaram a ser menosprezados e perseguidos, a ponto de serem cognominados de Sofistas. Por entenderem alguns que seus argumentos eram belos do ponto de vista discursivo, mas insustentáveis no caráter de verdade, esse cognome era uma forma de decompor a comunicação daqueles filósofos.

Ainda ancorados no período dos gregos e de acordo com Hohlfeldt (2008), verificamos que uma prática criada pelo filósofo Sócrates, intitulada de Maiêutica, acompanha a forma de dialogar de muitas pessoas ainda hoje. Porém, quando se trata de uma relação conjugal esse tipo de diálogo pode se tornar prejudicial já que pressupõe que uma das pessoas estará sempre na condição de argüidor e a outra na condição de respondente, o que pode se tornar nocivo numa relação conjugal.

Trazendo ao palco de nossa discussão o filósofo Platão (427-327 a.C. como citado em Hohlfeldt, 2008), em seu famoso mito da *Caverna*, publicado no livro VII de *A República*, o filósofo nos faz pensar na comunicação humana, como sendo o *desvelar de uma terra de sombras*. Algo que, às vezes, torna-se incapaz de ser sinonimiado, tanto para quem fala como para quem ouve, pois ambos estão presos aos seus próprios códigos semânticos e de valores bem como suas crenças e regras, o que os torna inábeis para interpretar o que está fora dessa “caverna comunicacional”. Em alguns tipos de comunicação interpessoal o que acaba acontecendo é mais um monólogo projetivo do que um diálogo.

Ao lermos os achados de Hohlfeldt (2008) sobre Platão, verificamos que o autor põe em foco que a pessoa que vive enclausurada em sua caverna monologar, isto é, apenas em conversa interna consigo, é uma pessoa (tirar) ineficaz na arte do relacionamento, embora que, para ele, todo conhecimento só ocorre no plano individual e não pode ser algo sociabilizado através do diálogo.

Já para Martino (2008), um dos grandes contributos para a comunicação foi o pensamento do filósofo Aristóteles. Segundo este, em oposição ao que pensava Platão, a comunicação precisa ser partilhada e exercitada junto com os outros. Para ele, o homem, assim como o mundo em que vive, é potência, isto é, algo com probabilidade de ser. E, neste caso, o diálogo é potencialmente uma possibilidade de transformação de duas realidades em uma terceira, a interação. Isto pode ser visto no diagrama da próxima página, elaborado por Hohlfeldt (2008, p.76), onde o autor define que “de realidades preexistentes, potencialmente, o ser humano, por imitação combinatória, produz novas realidades”:



Fonte: Hohlfeldt (2008, p.76)

No exemplo do diagrama acima, **R1** dialoga com **R2** e da intercessão desse diálogo surge **R3**. Com isso, Aristóteles aponta uma preocupação com tudo àquilo que dizemos, uma vez que isso sempre terá um efeito sobre quem ouve, seja esse efeito positivo e/ou negativo. Para ele, todo ser humano é um ser coletivo e não apenas individual. É um ser político. Observemos o que ele diz:

O homem é por natureza animal social..., e mais do que todas as abelhas e todo animal, vive em sociedade. Porque a natureza nada faz em vão: ora, só o homem, entre os animais, possui razão... A linguagem serve para demonstrar o útil e danoso, e por isso também o justo e o injusto, o que é próprio dos homens a respeito dos outros animais: ter somente ele o sentido do bem e do mal, do justo e do injusto. (Aristóteles, 384-322 a.C. como citado em Hohlfeldt, 2008, p.76).

Diante disso, apresentamos o primeiro modelo de comunicação como sendo o Aristotélico, representado pela forma gráfica: →



Fonte: Confeccionado por Francisco Dias

O modelo acima, séculos depois, foi resgatado por vários teóricos da história das teorias da comunicação, dentre eles, Harold D. Lassweel, que desenvolveu a Teoria Hipodérmica, acrescentando mais dois elementos ao modelo Aristotélico, os quais são: canal e efeito que, a título de melhor visualização, representamos, graficamente, da seguinte forma: →



Fonte: Confeccionado por Francisco Dias

Isto mostra que desde a era grega, a hipótese comunicacional era: quem fala, diz para alguém, em busca da resposta desse a quem se fala, e isto é um processo dialógico. Foi

sob essa base que os gregos edificaram um tempo e uma civilização, cujas repercussões até hoje ainda ressoam em nossa cultura comunicativa.

Como é possível verificar nos quadros supramencionados, tanto no modelo Aristotélico de comunicação quanto no paradigma hipodérmico de Lasswell, os efeitos da comunicação sobre os interlocutores sempre foi alvo de estudos analíticos. Para melhor perceber essa preocupação e também a relação desses estudos sobre a comunicação com nossa pesquisa, precisamos olhar um pouco mais adiante.

#### **2.4. A comunicação do final do século XVII ao final do século XIX**

Com a transição do Período Clássico para a Idade Média, a Era Moderna e a Contemporaneidade, o mundo vem passando por uma crescente transformação em todos os níveis: nos campos político, social, psicológico, religioso e, especialmente, no das comunicações. Não há como deixar de reconhecer que todos os processos de transformações sociais que ocorreram desde o final do século XVII até os dias atuais tenham mudado o eixo subjetivo do sujeito contemporâneo e, por sua vez, a forma como este se vê interpessoalmente. Para Mattelart (2009), uma das marcas de retirada de eixo do homem moderno se deu desde a divisão do trabalho, já no final do século XVIII, e o princípio do livre comércio, em meados do século XIX. Desde então, as pessoas têm sido lançadas num mundo mecanicista, onde os relacionamentos interpessoais, em grande parte, também se tornaram mecânicos e, aparentemente, neutros.

Para o referido autor, quando em meados do século XIX com o grande crescimento populacional e, conseqüentemente, as demandas de produção de alimentos exigida por esse crescimento foram aumentando cada vez mais por causa do desenvolvimento acelerado das máquinas, o ser humano foi mudando sua forma de ser e estar em relação no mundo, uma vez que foi nessa época que as grandes invenções tecnológicas aconteceram, como por exemplo: o automóvel, em 1769; o telefone, em 1860; a lâmpada, em 1879; o telégrafo, em 1883; o motor de combustão, em 1885 e a invenção do rádio no final do século XIX; o computador, em 1936, e a maior e mais impactante invenção de todos os tempos, a Internet, em 1969. Daí por diante, as relações humanas passaram a ganhar uma nova dimensão e a comunicação passou do tempo e lugar real para o virtual. Neste sentido, vale ressaltar um pouco sobre a formação das escolas teóricas da comunicação, especialmente nos Estados Unidos da América, e o que dessas escolas ressoam nas relações conjugais da atualidade.



## 2.5. As escolas teóricas da comunicação a partir do século XX

De acordo com Araújo (2008), os Estados Unidos da América foram berço das diferentes tradições dos estudos referentes à comunicação durante o início do século XX. Para ele, os principais teóricos que figuraram nesse intento foram: Park, Burgess e Cooley, da Escola de Chicago, cujo enfoque principal foi o microssociológico dos processos comunicativos, tendo a cidade/comunidade, como ponto principal de observação; Charles Peirce, que inaugurou a idéia da Semiótica, preocupando-se com os processos que formam o significado das coisas a partir da visão pragmática; H. Blumer e G. H. Mead, que estabelecerem a questão do “interacionismo simbiótico” e, por fim, a famosa Escola de Palo Alto que uniu múltiplos teóricos de várias disciplinas, tais como: Antropologia, Lingüística, Matemática, Sociologia e Psiquiatria, que deram um novo passo nas pesquisas sobre comunicação. Nessa época figuraram: Bateson, Goffman e Watzlawick, propondo uma compreensão da comunicação a partir do viés da circularidade. Sendo assim, vamos estudar essa nova compreensão da comunicação, tomando como base as escolas desenvolvidas a partir do movimento de Palo Alto.

### a) A Escola de Chicago

Os estudos de Mattelart (2008), apontam que essa Escola tem sua datação em 1910, nos Estados Unidos, representada pelo conjunto de estudos referentes à comunicação social. Inicialmente, postulou que a sociedade é o produto de sua comunicação e que essa comunicação tanto pode servir para promover ou reprimir o conhecimento dentro de uma comunidade. Para melhor definir essa questão de comunidade, o autor se valeu dos estudos de Park (1922, como citado em Mattelart, 2008, p.31), que define a comunidade pelo relacionamento entre os pares, compondo a seguinte perspectiva:

1º. – “A luta por espaço que rege as relações interindividuais” – Já que para ele dentro de uma relação comunitária há um período de competição necessária, uma verdadeira ecologia humana, em que as pessoas procuram se organizar mutuamente para poder conviver juntas, chegando, às vezes, a se constituir numa verdadeira relação “simbiótica”. Fato que muitas vezes acontece também na micro-relação comunitária que é a díade conjugal;

2º. – “A subestrutura biótica” - que para o autor é o instrumento de direção e controle, seja no âmbito social ou cultural. Para ele esse nível é assumido pela comunicação e pelo consenso (ou ordem moral) cuja função primordial é a de regular as competições dentro

do sistema relacional. Isto é, se tomarmos como base um diálogo conjugal, onde boa parte do que emerge do conflito dialogal do casal não tem a ver com as questões do presente, mas são advindas do conjunto de crenças e valores que cada um traz para a relação e, por sua vez, para a comunicação interpessoal, isto pode ser considerado como o encontro entre duas subestruturas bióticas. Sendo assim, mais dia menos dia, essas subestruturas hão de se chocar, por partirem de uma matriz sociocultural completamente diferente uma da outra, já que cada membro da díade, ao chegar à relação traz consigo elementos enraizados de nível transgeracional. Segundo Falcke, Wagner e Mosmann (2005), são os processos transmitidos pela família de uma geração a outra e que se mantêm presentes ao longo da história familiar que, muitas vezes, determinam a forma de um casal se comunicar e interagir em família.

Para Mattelart (2009), a crítica que se faz à Escola de Chicago é a de que nela não havia como demarcar os limites entre aquilo que era comunicado por pertencer ao construto semântico filogenético da pessoa daquilo que lhe fora impresso pela relação social, podendo incorrer num erro crasso de sucumbir apenas ao determinismo biológico. De acordo com o autor, foi também nessa época que surgiu o pragmatismo e a semiótica de Charles S. Peirce (1839-1914), que, através da lógica matemática, utilizou-se do método matemático para a clarificação conceitual da comunicação, lançando assim as bases das teorias dos signos ou semiótica.

De acordo com Peirce (como citado em Mattelart, 2009, p.34), “um signo é um *representamen*, é algo que representa a alguém alguma coisa por qualquer relação de qualquer maneira”. Neste sentido, tudo é signo. O próprio universo seria um invólucro de signos. Para ele, todo o pensamento também se dá por meio de signos, e “pensar é manipular signos. O pragmatismo não é nada mais senão uma regra para estabelecer o sentido das palavras”. A lógica dessa relação, por sua vez, é chamada então de semiótica.

Ainda no dizer de Pierce (como citado em Mattelart, 2008, p.34): “o signo dirige-se a alguém, ou seja, cria no espírito do indivíduo um signo equivalente ou talvez mais desenvolvido. A tal signo, por ele criado, denominado intérprete do primeiro signo”, uma relação Triádica<sup>6</sup>. Assim, o que dá significado nessa Tríade não é a relação entre o signo e o que ele significa (seu objeto), mas da relação Triádica. “Nela, o intérprete possui um papel mediador de informação, interpretação ou ainda tradução de um signo em outro signo”. De acordo com Mattelart (2008), há três tipos de signos: “o ícone, o índice (ou *index*) e o símbolo”. O primeiro assemelha-se ao objeto, dando uma idéia de mapa, o que faz com que a

---

<sup>6</sup> Relação triádica é aquela em que está localizado o signo+intérprete+objeto

relação se torne significativa. O segundo é aquilo que perde o sentido se for retirado da cena e o terceiro, está convencionalmente associado ao seu objeto e em assim sendo, eles são como as palavras, elas precisam de intérprete senão não teriam sentido. Nem para quem ouve e nem para quem fala. Neste sentido, conclui Peirce (como citado em Mattelart, 2008, p.35) que: “o pensamento ou o conhecimento consiste numa rede de signos capazes de se autoproduzir *ad infinitum*”<sup>7</sup>.

Essa escola teve seu auge entre 1915 a 1935 e foi sendo deixada de lado com o início da Segunda Guerra Mundial, tempo em que, segundo o autor, uma nova corrente teórica foi se estabelecendo: a *Mass Communication Research* (Pesquisa de comunicação de massa).

#### a) *Mass Communication Research*

Para Araújo (2008), esta foi uma escola dentre várias micro escolas que chegou a marcar uma hegemonia durante as décadas de vinte a sessenta. Trata-se de um compêndio de estudos com abordagens e autores dos mais variados, acarretando uma experiência multidisciplinar, que congregou estudiosos da engenharia da comunicação, psicologia, sociologia, dentre vários outros que nem sempre conseguiram chegar a uma conciliação entre achados hipotéticos sobre a comunicação.

A crítica feita pelo autor aos estudos da *Mass Communication Research* apresenta quatro questões básicas: primeiro, sua orientação empirista, que tendia a valorizar mais a questão quantitativa; segundo, sua orientação pragmática, dando uma idéia de estar mais ligada à política do que à ciência; terceiro, seu objeto de estudo voltado à comunicação midiática e quarto, o modelo comunicativo adotado. Isto é: o da Teoria Matemática da Comunicação, conhecida também como Teoria da Informação, fundada pelos engenheiros Claude Shannon e Weaver em 1949. Vamos pensar nelas de forma separada:

- A Teoria Matemática da Comunicação

Segundo Mattelart (2008), essa Teoria nasceu quando, em 1948, o engenheiro eletrônico e matemático americano Claude Elwood Shannon (1916-2001) publicou sua monografia intitulada: *The Mathematical Theory of Communication* no âmbito das pesquisas laboratoriais da Bell Systems, filial da empresa de telecomunicações *American Telegraph &*

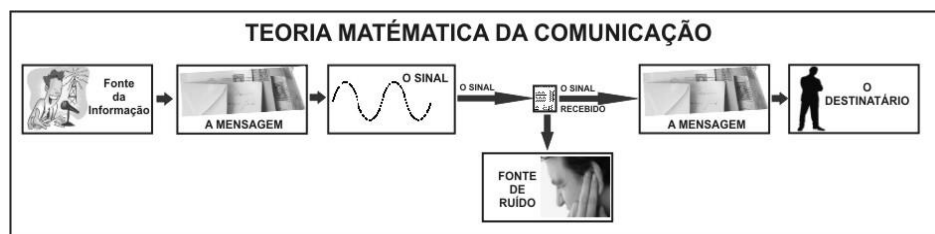
---

<sup>7</sup> Texto tirado por Mattelart do livro de: Peirce, C.S., *Peirce on Signs – Writting on Semiotic*, North Carolina University Press, 1991.

*Telephone* (AT&T). Inicialmente, o objetivo estava focado apenas ao aspecto das telecomunicações.

Porém, quando, no ano seguinte, sua monografia foi republicada pela Universidade de Ilhinois, acrescida dos comentários de Warren Weaver (1894-1978), um engenheiro civil e matemático americano, a Teoria passou a ter uma amplitude bem maior, já que Shannon a propôs como sendo a que representa um esquema do “sistema geral da comunicação”. Para ele, (como citado em Mattelart, 2009, p.58), “o problema da comunicação consiste em reproduzir em um ponto dado, de maneira exata ou aproximativa, uma mensagem selecionada em outro ponto”.

Considerando essa possibilidade de linearidade da comunicação onde a mesma partiria sempre de um ponto determinado e chegaria ao fim determinado, foi estabelecido o seguinte teorema:



Fonte: teorema confeccionado por Francisco Dias

Analisando o teorema de Shannon, Araújo (2008, p.121) diz:

A comunicação é apresentada como um sistema no qual uma fonte de informação seleciona uma mensagem desejada a partir de um conjunto de mensagens possíveis, codifica esta mensagem transformando-a num sinal passível de ser enviada por um canal ao receptor que vai fazer o trabalho do emissor ao inverso. Ou seja, a comunicação é entendida como um processo de transmissão de uma mensagem por uma fonte de informação, através de um canal, a um destinatário... A problemática gira em torno de duas questões que se colocam à comunicação: a da complexidade em oposição à simplificação; e a da acumulação do conhecimento em oposição à racionalização dessa acumulação.

Entendemos que uma das críticas que podemos fazer a essa teoria está em a mesma ser um sistema fechado e linear, excluindo o caráter de circularidade entre emissor e receptor. A influência desse tipo de visão ainda pode ser vista hoje em muitos casamentos em que o relacionamento e o diálogo que decorre dessa relação conjugal diática não permite o fluxo contínuo, mas apenas a relação causa-efeito, isto é, apenas a linearidade.

- A Teoria Hipodérmica de Lasswell

De acordo com Mattelart (2008), além de Lasswell alguns outros estudiosos fizeram parte da teoria que foi cognominada por Teoria Hipodérmica de Lasswell, dentre eles: Daniel Katz (1938), Paul Lazarsfeld (1910), Bernard Berelson e Hazel Gaudet (1944). Esses pesquisadores escolheram o nome de Teoria Hipodérmica, também chamada de Agulha Hipodérmica ou Teoria da Comunicação de Massa, no sentido de controle e “equilíbrio” da sociedade. A grande questão é que essa teoria não leva em consideração o indivíduo em sua singularidade, mas almeja que cada pessoa se torne meramente um produto da massa. Essa teoria parte do pressuposto *behaviorista* de que a toda resposta corresponde um estímulo, pois não há resposta sem estímulo e nem estímulo sem resposta. Neste sentido, as pessoas seriam também como aquele cachorro de Pavlov que, ao receber o estímulo da comida, respondia salivando sem ter noção alguma do porque salivava.

Fazendo uma relação com o casamento, embora essa tenha sido uma teoria muito utilizada no período entre e pós-guerra, não vemos muita diferença de sua utilização subliminar nos dias atuais. A comunicação de massa, proposta por Lasswell e seus pares, seria hoje ainda a agulha. Agulha que tem a capacidade de injetar o conteúdo que quiser diretamente no cérebro dos atores conjugais, que passivos a tudo os que lhes é posto diante dos olhos, da audição ou dos demais sentidos, acolhem o conteúdo sem criar barreiras ou obstáculos. Como resultado, os efeitos da aplicação na relação interna do casal passam a ser imediatos, fazendo com que a conversa operacionalizada pela díade não seja mais a das matrizes que estão construindo, mas sim aquelas que estão na moda midiática. Retira-se, de certa forma, o endereçamento real daquele ajuntamento relacional o que é, em grande parte, um dos fatores desencadeadores de conflitos na relação.

Tanto a primeira teoria, que já analisamos até agora, quanto a segunda, trazem o problema da unidirecionalidade e da pré-definição da comunicação, sem levar em conta seu aspecto de circularidade. Por isso, cabe agora apresentar uma das teorias que mais nos chama a atenção no estudo da comunicação humana, trata-se daquela que foi desenvolvida pela Escola de Palo Alto e que foi denominada de Pragmática da Comunicação Humana, na qual nos deteremos.

## 2.6. A Pragmática da Comunicação Humana e a Relação Conjugal

Embora ainda pudéssemos nos deter a detalhar outras Escolas Teóricas sobre a comunicação como a de Frankfurt de onde surgiu a idéia de “indústria cultural” ou as teorias lingüísticas dos filósofos Wittgenstein, Peirce, Khun, James, Davidson, Austin, Rorty, Watkins, Sartre, Humberto Eco, Jürgen Habermas ou a teoria da complexidade de Edgar Morin, optamos por nos ater à Pragmática da Comunicação Humana por privilegiar o comportamento dos comunicantes. Ela também é conhecida como “Escola Invisível” ou “Escola de Palo Alto”. Não nos deteremos à pragmática lingüística em seus aspectos etimologicamente filosóficos, mas às concepções dos estudiosos de Palo Alto quanto aos efeitos comportamentais da comunicação entre seus interlocutores. Ela foi iniciada a partir da dedicação dos pesquisadores Gregory Bateson, Birdwhistell, Goffman, Paul Watzlawick, Janet Beavin, Don Jackson, Jay Halley, John Weakland, William Fry, em especial Don Jackson, tido como fundador oficial da Escola de Palo Alto (Mattelart, 2009).

Essa escola foi desenvolvida sem a necessidade primária de uma organização formal que lhe desse uma sustentação institucional, mas foi se formando a partir dos interesses comuns do grupo de pesquisadores supramencionados. Conforme Mattelart (2009), eles se afastaram do modelo circular retroativo proposto por Norbert Wiener. Eles afastaram-se definitivamente do modelo proposto por engenheiros das telecomunicações de base matemática e se aproximaram da idéia de que a comunicação deveria ser estudada pelas ciências humanas a partir de um modelo próprio, o da circularidade. Assinala Mattelart (2009, p. 67-68):

Nessa visão circular de comunicação, tanto o receptor tem um papel tão importante quanto o emissor. Tomando de empréstimo conceitos e modelos da abordagem sistêmica, mas também da lingüística e da lógica, os pesquisadores da escola de Palo Alto tentam explicar uma situação global de interação, e não apenas estudar algumas variáveis tomadas isoladamente.

Para Watzlawick, Beavin e Jackson (2007), o observador do comportamento humano deve passar de um estudo inferencial da mente para o estudo das manifestações observáveis da relação. Neste caso, a essência de uma comunicação reside nos processos relacionais e interacionais, onde “toda informação compartilhada pressupõe uma convenção semântica” (Watzlawick *et. al.*, 2007, p.19). Estes estudiosos entenderam que aqueles que

analisam a comunicação numa relação devem estar atentos ao contexto em que ocorre a comunicação e não apenas a como ela ocorre. Desta forma, diz Watzlawick *et al.* (2007, p.19): “Todo comportamento, não só a fala, é comunicação; e toda comunicação – mesmo as pistas comunicacionais num contexto interpessoal afeta o comportamento”. O trabalho desenvolvido por esses três grandes pesquisadores subsidia, de forma direta, todos os elementos teóricos que já pontuamos anteriormente e faz uma ligação direta com o tema que pesquisamos durante este trabalho de pesquisa.

O estudo da Comunicação Humana pode ser dividido em três aspectos, que são: 1º. - O Sintático, cujo foco está na transmissão da informação, passando pelo problema da codificação, do canal, da capacidade, do ruído, da redundância, dentre vários outros; 2º. – O Semântico, cuja preocupação central é o significado da comunicação e os outros aspectos semânticos e 3º. – O Pragmático, que diz respeito ao como a comunicação afeta o comportamento (receptor – emissor – receptor), tendo como princípio que todo comportamento comunica alguma coisa.

Neste sentido, entendemos, até agora, que comunicação não é apenas uma linguagem verbal, mas sim uma ação pragmática. Desta forma, todos os nossos comportamentos e não apenas a nossa fala é sempre um processo de comunicação. É por esta razão que os axiomas definidos por Watzlawick *et al.* de pesquisa são tão importantes.

### *2.6.1. Primeiro Axioma – A impossibilidade de não comunicar*

Para Watzlawick *et al.* (2007), o comportamento humano não tem oposto. Isto é, não há nada que seja contrário ao comportamento da mesma forma que não há um não-comportamento. Até mesmo o silêncio e uma aparente inércia do corpo, dentro de uma relação, podem ser percebidos como uma comunicação. No dizer de Osório (2002) todo comportamento está dentro de um contexto interativo e, por sua vez, tem um valor de mensagem, isto é, de comunicação. Para o autor:

A mensagem é qualquer unidade comunicacional singular e uma série de mensagens intercambiadas entre pessoas recebe o nome de interação. Falamos de pautas de interação quando houver um nível mais complexo ou sofisticado do processo comunicacional (Osório, 2002, p.33).

Osório (2002) exemplifica com a situação de uma pessoa que se senta numa cadeira de avião e ao perceber que alguém se senta do seu lado, vira a cabeça e finge dormir,

indicando através de uma comunicação não-verbal que não quer comunicar-se “verbalmente”. Essa mesma realidade pode ser percebida entre alguns relacionamentos conjugais, onde por mais que um dos cônjuges, diante de um conflito resolva fazer de contas que não está ouvindo sua comunicação não-verbal de indiferença comunica ao outro uma indiferença o que pode provocar um aumento da relação conflituosa. O fato de ficar calado(a) já está emitindo uma mensagem que, na maioria das vezes, acaba por ser entendida como negativa pela outra parte, já que, como seres humanos, nos comunicamos aceitando, rejeitando, desqualificando ou sintomatizando. Não há como não se comunicar. Nós comunicamos até mesmo o desejo de não comunicar. Watzlawick *et. al.* (2007, p.45) também exemplifica da seguinte forma:

O homem que num congestionado balcão de lanchonete olha diretamente em frente ou o passageiro de avião que se senta de olhos fechados estão ambos comunicando que não querem falar com ninguém nem que falem com eles; e, usualmente, os seus vizinhos “recebem a mensagem” e respondem adequadamente, deixando-os sozinhos. Isto, obviamente, é tanto um intercâmbio de comunicação como a mais animada das discussões.

Correlacionando com a vida conjugal, podemos dizer que casais que na hora de uma crise adotam um comportamento evasivo, certamente, acabam por desenvolver uma relação patológica que poderá acabar por dar um fim à relação. A comparação que os autores fazem desse tipo de comportamento é como a da relação de um esquizofrênico com o mundo que lhe está externo. Parece que ele tenta não comunicar, mas seu silêncio e ensimesmamento ou qualquer renúncia ou negação da comunicação são, em si, a emissão de uma mensagem comunicativa. Nesse aspecto, é importante que se diga que comunicação requer um compromisso mútuo entre emissor e receptor e vice-versa.

### *2.6.2. Segundo Axioma – O Conteúdo e os Níveis de Relação da Comunicação*

Já que a comunicação não está relacionada apenas à transmissão da informação, mas impõe um comportamento, Bateson (1952, p.179-181 como citado em Watzlawick *et. al.*, 2007, p.47), diz que “essas duas operações acabaram sendo conhecidas como os aspectos de “relato” e de “ordem” de qualquer comunicação”. Osório (2002, p.33) exemplifica esse axioma dizendo o seguinte: “toda comunicação tem aspectos referenciais (conteúdo) e conativos (relacionais), de tal forma que os segundos classificam os primeiros e correspondem, por consequência, ao que se chama “metacomunicação””. Para Watzlawick *et.*



*al.*, (2007, p.47) é possível fazer uma analogia fisiológica para exemplificar este segundo axioma da seguinte maneira: “Sejam A, B e C uma cadeia linear de neurônios. Então, o disparo do neurônio B é o “relato” que o neurônio A lhe enviou. Por conseqüência, uma nova ordem é disparada para o neurônio C, o que causa um efeito em cadeia. Diante desse exemplo o autor ainda acrescenta que:

O aspecto “relato” de uma mensagem transmite informação e, portanto, é sinônimo, na comunicação humana, do conteúdo da mensagem.... O aspecto da “ordem”, por outro lado, refere-se à espécie de mensagem e como deve ser considerada... Todas estas asserções gravitam em torno de uma ou várias das seguintes asserções: “Isto é como eu me vejo... Isto é como eu vejo você... Isto é como eu vejo que você me vê...” . (Watzlawick *et. al.*, 2007, p. 47-48)

Watzlawick *et. al.* (2007) referem que quanto mais espontânea for uma relação, mas ela será “saudável” e o aspecto relacional da comunicação recuará para um plano secundário. Porém, quanto mais “doentia” for a relação, mais haverá uma luta para tornar, cada vez mais, o aspecto de conteúdo da comunicação mais evidente. O autor diz que a comunicação de aspecto na “relação” exprime de forma direta ou indireta um comportamento, algo sobre seus interlocutores através da metacomunicação e a comunicação “conteúdo” está preocupada em transmitir informações, fatos, opiniões, sentimentos e experiências de quem está emitindo a mensagem. É importante notar que, como o aspecto de “conteúdo” está ligado às argumentações objetivas e o “relacional às emoções”, na relação entre os interlocutores, o aspecto emocional vai sempre determinar o conteúdo da comunicação. Trazemos como exemplo a célebre ilustração trazida por Osório (2002) do bilhete de um filho ao pai nos seguintes termos:

“Pai, mande-me dinheiro!”, mensagem lida pelo pai em um tom áspero e autoritário, e que, na interpretação da mãe, não alterando os dizeres (conteúdo) do telegrama, mas a entonação da voz (aspecto relacional) passou a significar um pedido doce, suave e humilde de um filho necessitado, correspondendo a algo que está “além da comunicação formal” (metacomunicação) (Osório, 2002, p.33-34)

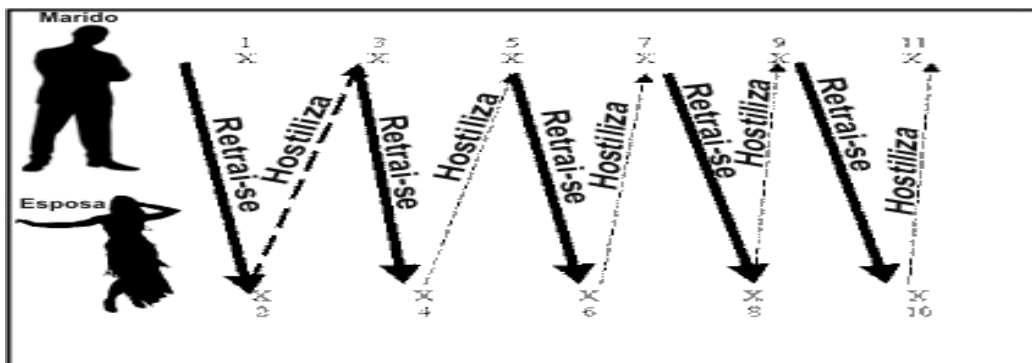
Sendo assim, este segundo axioma deixa claro que a entonação com que as palavras são ditas numa comunicação poderá ser percebido pelo(a) receptor(a) da mensagem como algo agradável ou engendrar um conflito sem precedentes.

### 2.6.3. Terceiro Axioma – A pontuação da seqüência de eventos

A questão agora tem a ver com a interação, ou seja, aquilo que acontece no fluxo, na troca de mensagens entre os pares comunicacionais. Observemos o exemplo dado por Watzlawick *et. al.* (2007, p.50):

Suponhamos que um casal tem um problema marital, para o qual o marido contribui com um retraimento passivo, enquanto os 50 por cento da esposa são censuras e críticas irritantes. Ao exemplificar suas frustrações, o marido dirá que o seu retraimento é a sua única defesa contra as implicâncias da esposa, enquanto ela classificará essa explicação de uma grosseira e deliberada distorção do que “realmente” acontece em seu casamento, notadamente, que ela o critica por causa da passividade do marido. Despojadas de todos os elementos efêmeros e fortuitos, as suas brigas consistem numa troca monótona de mensagens: “Eu me retraio porque você implica” e “Eu implico porque você se retrai”.

Para o autor como o problema conjugal iniciou a partir de um ponto arbitrário a configuração gráfica dessa relação pode ser apresentada da seguinte forma:



Fonte: apresentação criada por Francisco Dias, adaptado do original de Watzlawick *et. al.* (2007)

De acordo com o diagrama acima, podemos verificar que o marido somente percebe as tríades 2-3-4, 4-5-6, 6-7-8 etc., em que seu comportamento (setas contínuas) é “simplesmente” uma resposta ao comportamento da sua esposa (setas tracejadas). Para ela o que ocorre é o inverso. Ela pontua a seqüência de eventos nas tríades 1-2-3, 3-4-5, 5-6-7 etc. e vê-se apenas reagindo ao comportamento do marido, mas não determinando. Isto pode ser verificado como uma “distorção da realidade” por ambas as partes. Para o autor, o maior problema do casal está na falta de capacidade de metacomunicarem sobre os padrões respectivos desse tipo de interação. Para ele, ocorre aí uma natureza oscilatória onde a

seqüência acaba sendo: sim-não-sim-não-sim, que pode ser *ad infinitum*, algo que freqüentemente está acompanhado de certa maldade e/ou loucura que, por sua vez, destrói qualquer casamento, já que um vai tendo o comportamento respondente ao comportamento do outro, bem como, vai construindo perspectivas, comportamentos e interpretações a respeito do outro que não correspondem à realidade (Watzlawick *et. al.*, 2007).

Para Osório (2002, p.34) a solução para o “monótono intercâmbio acusatório” descrito no parágrafo anterior, talvez esteja na permissão dos interlocutores da intervenção de uma terceira pessoa, que pode ser um(a) terapeuta familiar, no sentido de ajudar a ambos a conseguirem metacomunicar-se e indagar-se sobre o que está ocorrendo.

#### 2.6.4. Quarto Axioma – Comunicação Digital e Analógica

Este quarto axioma admite que os seres humanos se comuniquem de forma digital e/ou analógica, onde a primeira está ligada ao signo lingüístico, ao verbal e a segunda está ligada ao símbolo, que pode ser representado por uma relação de analogia. Como, por exemplo: a esposa chega para o marido e diz: “Não estou com raiva de você”, o que representa uma comunicação digital. Por sua vez, o marido apresenta-se a seguinte comunicação analógica:



Fonte: [assimnaoda.files.wordpress.com/2007/03/raiva.jpg](http://assimnaoda.files.wordpress.com/2007/03/raiva.jpg)

Para melhor compreendermos este axioma, tomemos como base a explicação de Osório (2002, p.34) quando faz a seguinte pergunta: “o que seria uma “comunicação analógica”? A resposta é: tudo o que é comunicação não-verbal. E a digital? É a constituída por expressões verbais, sinais arbitrários que se manejam de acordo com a sintaxe lógica da linguagem”. Neste caso, podemos dizer que na comunicação digital existe um acordo tácito onde emissor e receptor partilham do mesmo código semântico e que, por isso, as palavras, ao serem expressas, têm significado para ambas as partes. Contudo, a analógica, embora requeira uma resposta relativamente simples, por estar ancorada na comunicação não-verbal pode está passível de grandes equívocos, já que, freqüentemente, está ligada, segundo Watzlawick *et. al.* (2007) ao comportamento cinético, tais como: movimentos corporais e também em sua abrangência como:

Postura, gestos, expressão facial, inflexão da voz, seqüência, ritmo, cadência das próprias palavras e qualquer outra manifestação não-verbal de que o organismo seja capaz, assim como as pistas comunicacionais estão infalivelmente presentes em qualquer contexto em que uma interação ocorra (Watzlawick *et. al.*, 2007, p.57).

Assim, podemos afirmar, através desse axioma, que todos os seres humanos comunicam-se de forma digital e analógica e que a linguagem digital é uma sintaxe lógica complexa e poderosa, contudo, profundamente carente de uma relação semântica. Enquanto que a analógica tem a semântica, mas não tem sintaxe adequada para defini-la dentro da relação de forma objetiva. É importante também destacar que, para Osório (2002), apenas o ser humano tem a capacidade de utilizar-se tanto do modo digital quanto do analógico.

#### 2.6.5. Quinto Axioma – Interação simétrica e complementar

O que seria uma interação simétrica na comunicação? Para Osório (2002, p.35) ela “caracteriza-se pela igualdade e por uma diferença mínima no comportamento dos indivíduos comunicantes, enquanto a complementar caracteriza-se pela diferença máxima nesse comportamento”. O autor exemplifica graficamente a simetria e complementariedade da seguinte forma:



Fonte: Osório (2002, p.35)

Osório (2002, p.35) diz que quando em casa “um casal está competindo para ver quem é que manda na casa apresenta um comportamento simétrico em escalada, enquanto um casal no qual um é quem manda e o outro obedece está evidenciando um comportamento complementar rigidificado”. Para ele, só é possível ter saúde na comunicação do casal se houver alternância entre situações simétricas e complementares de tal forma que “igualdades e diferenças possa coabitar e se potencializarem mutuamente” (p.35).

Como pode ser observada, a interação simétrica se baseia na minimização das diferenças entre os pares comunicacionais e na maximização das semelhanças. Abandona, assim, o padrão cultural de comportamento de vanglória que só gera uma relação de contínua competitividade, principalmente dentro do casamento. Mas, existe também a complementariedade rígida onde há uma contínua desconirmação do “Eu” do outro.

Como exemplo podemos citar a situação de casais que, ao chegar em determinado lugar onde um dos cônjuges ainda não conhece as pessoas daquele ciclo social, ao ser apresentado, quando alguém lhe pergunta o nome, o outro cônjuge que o(a) levou para aquela reunião social, responde no seu lugar, desconfirmado assim a identidade do(a) parceiro(a), o que é algo extremamente desconfortável. Assim, podemos deduzir que o fenômeno da *cismogênese* refere-se às reações de um indivíduo ao comportamento do outro, bem como, os efeitos que essas reações têm no comportamento do outro e a sua repercussão.

Para Watzlawick *et. al.* (2007, p.63) existem duas posições diferentes numa relação complementar. “É quando um parceiro ocupa o que tem sido diversamente descrito como posição superior, primária, ou “de cima” e o outro a correspondente posição inferior”. Pode-se constatar isto na comunicação de muitos casais quando um começa a falar, o outro complementa dizendo: “pode parar de falar que eu já sei o que você vai dizer”. Esse tipo de complementariedade denominada pelo autor de posição “UP”, *de cima*, aparentemente, tem sido um dos fatores que mais tem contribuído para abalar as estruturas dos relacionamentos atuais. Já que esses, em grande parte, estão pautados pelo imediatismo dos dias atuais, não dando tempo para acolhimento da palavra do(a) outro(a) o que tem causado enormes problemas de convivência e também tem sido preditor de inúmeros divórcios.

Tendo feito um breve percurso sobre a comunicação e as teorias que a embasam, especialmente a Pragmática da Comunicação Humana, passamos, em seguida, às interferências psicológicas que afetam a comunicação conjugal.

### 3. COMUNICAÇÃO CONJUGAL: ERROS PSICOLÓGICOS

A comunicação interpessoal no contexto do matrimônio, é uma condição que, por ser essencial para o casal, resulta em algo inevitável e indispensável. O matrimônio não é outra coisa a não ser diálogo (Lorente, 2002, p.9).

Neste capítulo iremos nos deter nos erros psicológicos que provocam dificuldades na comunicação do casal, em seus relacionamentos sociais e também para com a sua prole. Destarte, consideraremos a comunicação aqui como sendo o processo de interação que é partilhado por um casal, tendo como *pano de fundo*, aspectos constitutivos de cada um em sua história de vida, tais como: religiosos, filosóficos, históricos, psicológicos, sociais e subjetivos, uma vez que cada um desses aspectos fornece a tessitura da personalidade de uma pessoa.

Ainda que façamos uso de outros autores, iremos privilegiar os estudos de Lorente e Cano (2002), do *Instituto de Ciencias para la Familia de Universidad de Navarra - España*, uma vez que tratam diretamente dos erros psicológicos mais frequentes na comunicação conjugal e têm relação com a Teoria da Pragmática da Comunicação por eles adotada.

Segundo Lorente e Cano (2002) é preciso entender, quando se estuda os aspectos psicológicos da comunicação conjugal, que: “o que se comunica une, o que une permite um compartilhar de existência, e a existência entre duas pessoas faz com que as vidas se tornem vinculadas e entrelaçadas, capazes de se identificar pela comunicação interpessoal” (p.9). Para os autores, através do diálogo, cada casal vai abrir espaço para o compartilhamento de sua interioridade e intimidade à medida que também vai havendo um desnudamento do “eu”, para dar lugar a uma relação “nós”. Apontam também o fato de que a não verbalização e os silêncios entre os casais têm o poder de desunir, distanciar, separar e exilar um cônjuge do outro.

Neste caso vale lembrar que, para Féres-Carneiro (2003, p.1), “o casamento implica a construção de uma nova identidade para os cônjuges, de um ‘eu-conjugal’”. Willi (1995 como citado em Féres-Carneiro, 2003), lembra que se duas pessoas resolvem viver juntas não haverá uma boa articulação dessa convivência sem que, primeiramente, haja uma reorganização e modificação interna em cada pessoa da relação.

O que podemos entender a partir dessas reflexões é que a falta de reorganização individual no âmbito da conjugalidade e a ausência de uma comunicação transparente, principalmente no aspecto verbal, configura-se num relacionamento vazio em que dois

estranhos convivem juntos mas não interagem entre si. Desta forma, é possível inferir que uma relação conjugal que se baseie na tentativa de incomunicabilidade, seja essa verbal ou não verbal, se é que é possível, poderá dar espaço para recrudescimento do individualismo e o desaparecimento da relação conjugal. É importante também reconhecer que o processo de comunicação no sistema familiar pode ser definido como aquele em que os membros da família possuem abertura para o compartilhamento do que têm em comum e com isso podem, à medida que interagem, seja entre marido e mulher ou pais e filhos, diminuir as incertezas e ambigüidades das diferenças que os caracterizam como família, já que a comunicação é algo indissociável à relação.

De acordo com Dias (2002) também se deve destacar que as diferenças existentes entre os membros de uma genealogia não tem em si o caráter negativo; elas podem servir para que cada membro da família, em especial os que compõem a díade conjugal, possa, através das intercomunicações, se auto-organizar como casal e como pessoa e, assim, encontrar a finalidade para estarem juntos, tanto do ponto de vista pessoal quanto social, o que diminui as distâncias. Para o autor, a meta final de toda relação comunicativa deveria culminar num construto integrativo entre os pares comunicantes, já que pelo menos, em tese, todo ser humano busca atingir sua meta última na vida que é a realização pessoal. E isso não deveria ser tolhido a partir das relações familiares, principalmente através do baixo nível intercomunicativo de um casal. Para Figueredo (2006, p. 52), “a comunicação é dinâmica, ela se modifica e modifica as relações sociais. O movimento, as transformações da comunicação, fazem com que as pessoas assumam posições diferente frente ao outro”. Mas, até que ponto exercitar essa diferença frente ao outro pode redundar em conflitos, prejuízos e impossibilidades de convivência dentro do casamento?

Para Lorente e Cano (2002), isso só ocorrerá se a dinâmica da comunicação conjugal for permeada por condutas psicopatológicas e erros freqüentes. Para eles, é certo que a falta de uma linguagem clara e coerente entre os seres humanos pode gerar distúrbios e dificuldades interpretativas e, quando isso ocorre no ambiente familiar, as repercussões podem ser negativas não apenas para o casal, mas também para os filhos, o meio social e as futuras gerações.

No dizer de Polaino-Lorente (1990, como citado em Lorente e Cano, 2002, p.30):

A comunicação entre os cônjuges é uma nota essencial ao matrimônio, sem sua presença e muito fácil que esse desmorone e se deteriore definitivamente. É um fato sociologicamente comprovado, como se tem dito antes, que a queixa mais freqüentes das esposas é precisamente a falta de comunicação com seus maridos, a pobre comunicação que existe entre eles.

Para os autores, a comunicação e a capacidade de diálogo sincero se constitui numa nota distintiva de uma personalidade madura, uma vez que a instabilidade nessa área é algo que deveria ser muito mais percebida entre adolescentes. Entre seres adultos que resolvem compartilhar uma vida a dois, essa deveria ser uma práxis a ser perseguida, já que, para os autores, ter uma personalidade madura pressupõe a capacidade dialógica, mesmo em meio a qualquer conflito em que ambos estejam inseridos. Neste caso, os autores chamam a atenção de que “para que uma comunicação entre os cônjuges seja verdadeira é necessário um encontro sujeito-sujeito” (p.32). Para eles, se houver um mútuo desejo de compartilhamento da vida conjugal haverá o estabelecimento do “nós”.

Assim, com a finalidade de melhor destrinchar a comunicação na vida conjugal e os principais preditores de dificuldades nessa comunicação, Lorente e Cano (2002) descrevem dez (10) tipos de comportamentos que podem ajudar a destruir a saúde, o bem-estar e a vida de qualquer casal. São eles: 1 – Indiferentismo; 2 – Dependência; 3 – Manipulação; 4 – Apropriação possessiva; 5 – Desconfiança; 6 – Independentismo; 7 – Ciúmes; 8 – Medo; 9 – Insegurança; 10 – Instrumentação do outro.

Para os autores, embora existam muitas outras tipologias de erros e comportamentos in comunicacionais, os dez supracitados se constituem nas falhas mais freqüentes que ocorrem na vida conjugal. Assim, iremos destacar esses erros da seguinte forma: do 1 ao 7 e o 10 de forma singular e o 8 e o 9 de maneira unificada, uma vez que, em nosso entendimento, são correlatos.

Lorente e Canto (2002) deixam claro que em hipótese alguma essas condutas esgotam o assunto sobre erros psicológicos comunicacionais ou tenham o fim em si mesmo. Eles também admitem que elas interagem, se combinam e interpenetram, pois é raro encontrar um único fator que obstrui a comunicação conjugal.



### 3.1. Indiferentismo

Lorente e Cano (2002, p. 195) descrevem o indiferentismo como sendo “a atitude psicológica ante algo que se valora como neutro. Algo que nem é bom e nem mau, nem atrai nem repele, que não comporta valor positivo ou negativo”.

Para eles, do ponto de vista antropológico, é importante lembrar que cada pessoa é irrepetível, é única, por isso, não há como ser indiferente diante de outro ser humano semelhante a nós mesmos. No casamento, isso se torna mais incompreensível ainda, uma vez que, para Lorente e Cano (2002), os membros da díade conjugal precisam se questionar da seguinte forma: “como posso me tornar indiferente diante de uma pessoa que <<supostamente>> eu quero?”. Dizem que à medida que incorreremos no erro de nos tornarmos indiferentes para com qualquer pessoa, estaremos fazendo dessa pessoa um objeto e não um ser humano.

Entendemos, a partir de nossa experiência profissional, que numa relação conjugal a individualidade de cada um não pode ser aniquilada, uma vez que a liberdade presente na relação parece deixar as pessoas mais livres para gostar, amar, exercer intimidade e ficar ou não na mesma. Mas, é preciso também ratificar que o exercício da conjugalidade requer parceria, interação, amabilidade e não indiferentismo. Conforme podemos verificar nos argumentos dos autores em evidência, a indiferença aniquila qualquer tipo de possibilidade de convivência, já que cada um de nós é motivado por outros seres humanos. Destarte, estar em atitude de indiferença para com uma pessoa que dizemos amar é algo que pode protagonizar patologias das mais diversas.

De acordo com Lorente e Cano (2002, p. 196), dentro do matrimônio o esposo manifesta sua indiferença quando vê sua mulher sobrecarregada e não a ajuda. Por sua vez, ilustra a indiferença da mulher para com o homem ao dizer: “a mulher sabe que o marido está passando por um sério problema no trabalho e expressamente diz: <<isso é problema seu, não traga problemas para casa>>”. Para os autores, essas atitudes são manifestações claras de indiferentismo que, pouco a pouco, vão abrindo profundas fissuras nas relações conjugais, ameaçando-as de morte e de um possível rompimento.

Concordamos com os autores ao admitirem que, do ponto de vista psicológico, todos nós somos diferentes uns dos outros e que temos consciência de que somos seres inacabados, incognoscíveis, irrepetíveis e insubstituíveis. Mas, mesmo assim, parece-nos que desenvolver um indiferentismo em relação ao outro, principalmente quando o(a) outro(a) trata-se do(a) cônjuge, parece ser uma contradição à herança ética que nos inscreveu

historicamente, isto é, cada pessoa é irrenunciável de si mesma e, portanto, não pode ser renunciada com indiferença pelo outro que supostamente lhe inspirou amor, visto que dessa forma estaria sendo indiferente para consigo mesma.

Contrariando essa realidade dos dias atuais Figueredo (2006, p.62), retoma o pensamento do filósofo Martin Buber quando trata da relação como sendo a palavra em ação com força instauradora do ser e define: “ao tornar-se ser humano, existência na relação Eu e Tu, o outro não está anulado; a unidade dessa relação jamais será possível; a preservação da singularidade é essencial entre Eu-Tu”. De acordo com as inferências de Figueredo do pensamento de Buber, podemos dizer que a conexão feita pela a autora nos leva a concluir que o pensamento Buberiano também é contrário ao indiferentismo dos dias atuais, uma vez que não se pode prescindir do Tu na relação Eu-Tu. Vale salientar também que para Magalhães (2009), viver uma conjugalidade implica, sobretudo, o encontro entre duas subjetividades e a constituição de uma terceira identidade e que isso só pode emergir do compartilhamento e não da indiferença. Para esta autora, o projeto da conjugalidade desafia a autonomia e a maturidade emocional dos parceiros. Para ela, muitos apresentam um comportamento de indiferença sistemática para com seu cônjuge por ainda não terem atingido a própria maturidade.

Verificamos, através da nossa experiência clínica, que uma das queixas mais freqüentes durante o processo terapêutico, é quando um dos cônjuges chega junto do(a) parceiro(a) com alegria, para compartilhar o sucesso que um deles atingiu durante o dia e a única resposta e interação que consegue, quando conseguem, é: “hum humm! Tô ouvindo”, embora às vezes o olhar esteja noutra direção e a atenção a quilômetros de distância. Isto denota indiferença para com o sentimento de quem fala. Neste ponto, recorreremos mais uma vez a Figueredo (2006, p.52), quando diz que a época atual tem sido marcada pela incomunicabilidade e pela extrema exploração do individualismo:

Se, por um lado, podemos nos comunicar com pessoas de outros lugares, de outros países, inclusive, em poucos segundos; de outro, falta-nos tempo, e até coragem, para contatos mais íntimos, mais próximos. As relações são superficiais, monótonas; os contornos face a face são cada vez mais raros e escassos’. (Figueredo, 2006, p.52)

É importante então que cada casal reavalie o quanto tem sido um produto da incomunicabilidade contemporânea e aceite o desafio de se sobrepôr a essa condição facilitadora de desterritorialização conjugal.

De acordo com nossa experiência clínica, enumeramos três erros que têm sido preditores de indiferentismo conjugal nos dias atuais: 1º. Desejo de comunicação interativa por parte de um dos cônjuges e o recorrente não escuta por parte do outro; 2º. Imposições de temas para que o casal dialogue por parte de apenas um dos cônjuges, não levando em consideração os temas de interesse do outro; 3º. Quando um dos cônjuges passa a não se interessar pelos projetos e sonhos do outro, numa atitude de desqualificação dos valores da outra pessoa.

De acordo com o pensamento de Lorente e Cano (2002), podemos dizer que quando um dos cônjuges resolve agir com indiferença não é só ao outro que está atingindo, mas a si mesmo, já que esse tipo de comportamento depaupera a pessoa que se torna indiferente. Também fica claro que quando se perde o respeito pelo outro é sinal de que o respeito por si mesmo já se esvaiu. Desse ponto em diante abre-se caminho para a infidelidade conjugal como sendo uma das possibilidades do indiferentismo comunicacional, embora tenhamos ciência de que existem muitos outros caminhos e possibilidades a ser aberto, o que acaba por arruinar a maioria dos casamentos. Ela só é superada por uma relação de cumplicidade, amor e transparência relacional. Neste sentido, é preciso que se veja o casamento não do ponto de vista de algo meramente transitório e descartável, mas como uma relação que tem vocação de permanência.

Acreditamos que há um equívoco muito grande numa relação entre ter diferença de uma atitude sistemática de indiferença que caracteriza a atitude de indiferentismo com relação à outra pessoa. É preciso saber distinguir uma coisa da outra. No dizer de Satir (1995), ser diferente, opostamente à idéia de indiferentismo, é a possibilidade de melhorar a relação. Porque diferenciar-se é buscar se individualizar em meio à relação “nós”, no sentido de se preservar, preservar o outro e preservar a relação.

A autora aponta cinco idéias que podem ajudar a resolver a questão da indiferença numa relação: a constituição de um casal depende da capacidade de experimentar um senso de igualdade. Isto é, há uma mutualidade em se respeitar a diferença do outro e esse comportamento torna-os iguais; os indivíduos sadios caracterizam-se pela união das diferenças entre as partes intuitivas e cognitivas; os indivíduos sadios sabem que são seres únicos e expressam a própria identidade na integração das várias partes; as pessoas que sabem relacionar-se têm consciência que uma boa auto-estima é fundamental para manter

tanto a sua vida sadia quanto a do outro e por isso lutam para que ambos estejam sempre com a auto-estima elevada; cada ser humano é diferente até mesmo em sua transcendência. Na visão de Satir (1995, p.36):

Quando a diferença não é compreendida nem avaliada positivamente, não pode ser tolerada e torna-se uma ferida purulenta. Não se pode pagar o preço pelo conformismo, cujo lema é 'seja igual aos outros', 'todo desvio será castigado'. Para viver é preciso ter a coragem de se expressar.

Porém, é necessário que os terapeutas de casais e os(as) pesquisadores(as) envidem esforços no sentido de ajudar os casais contemporâneos a saberem se diferenciar na relação sem que para isso desenvolvam uma relação indiferente, uma vez que o exercício da conjugalidade nos dias atuais, torna-se um desafio diante de tantas mudanças e da idéia da descartabilidade relacional tão evidente. (Gomes, 1998; Féres-Carneiro, 1998, 2003, 2009; Figueredo, 2006; Jablonski, 2003, Prado, 2008).

Para Bereza *et. al.* (2005), o grande problema é que falta aos casamentos atuais a capacidade dos cônjuges de parar para se ouvir e aceitar o desafio de conhecer o outro até mesmo ao reconhecer seus silêncios e pausas, um ouvir incondicional.

### **3.2. Dependência**

Para Lorente e Cano (2002), a dependência entre os cônjuges é algo que acontece com mais freqüência do que o indiferentismo. Para eles, é preciso saber separar o que é uma relação de interdependência, coisa em que todos nós nos inserimos e que é natural daquilo que é uma dependência patológica na relação.

Entendemos uma relação de dependência patológica como aquela em que um dos cônjuges pela imaturidade, insegurança, instabilidade ou por causa da origem familiar, tem dificuldade de lidar com sua independência e com questões conflitivas. Esse tipo de conduta pode arruinar a vida do cônjuge já que um vai delegando ao outro uma responsabilidade de paternidade e não de conjugalidade. É preciso que ambos acordem, desde o início da relação, que o espaço do vínculo conjugal não inviabiliza a independência e a liberdade e que a atitude de dependência trazida para dentro desse tipo de relação é algo prejudicial ao convívio mútuo. Isso nos faz lembrar o pensamento de Dias (2002) ao dizer que o ser humano é um sistema aberto e complexo e constantemente acessível a influências do meio social que o cerca.

Neste sentido, estar num casamento é estar dentro de um sistema que deve viabilizar a construção de si mesmo através da relação com outra pessoa. O grande problema de alguns casais é que, de acordo com Ramos (2003), hoje em dia espera-se muito, tanto do casamento em si quanto do(a) parceiro(a). Muitas vezes, os cônjuges entram no casamento buscando no outro mais uma relação filial do que conjugal o que pode se constituir num grande problema. Para o autor, há um jogo dialógico entre os casais hoje em dia onde um “cobra” atenção e carinho e o outro anuncia que já dá além do que pode. Mas, a pergunta que fazemos é: por que uma relação que deveria ser tida como algo prazerosa acaba por ser um deserto de individualismo e/ou uma dependência doentia de um cônjuge para com o outro? Concordamos com a autora, quando diz que no casamento não há espaço para exigências; o casamento deveria ser uma zona de conforto, apesar das tensões que lhe são inerentes.

O que ocorre é que para autores como Diniz (2009), Jablonski (2009), Wagner e Mosmann (2009), e Ramos (2003), alguns cônjuges, mesmo antes de se casar, trazem consigo expectativas irreais com relação ao outro e ao próprio casamento, vendo-o como sendo uma extensão da casa paterna. Caberia uma educação conjugal mais ampla no sentido de se evitar relações patológicas e geradoras de sofrimento. Muitos acabam por viver uma completa dependência do outro desde o período do namoro, o que vai eclodir, durante o casamento, na falta de simetria. Isso decorre, muitas vezes, pela forma como os progenitores repassaram o modelo de conjugalidade. Até porque não se pode esquecer a carga transgeracional que cada um dos cônjuges traz para dentro da relação, cujos valores, padrões e lealdades perpassam a relação e, por vezes alimentam, ainda mais, a dependência.

Para Lorente e Cano (2002, p.203), há cônjuges que por terem uma história de dependência tão fortes para com seus pais, vivem anos dentro de uma relação matrimonial ainda esperando que o outro faça, diga e assuma tudo sozinho e não saem por nada do seu *status quo* desde o início da relação. Para estes autores, é preciso entender que “a dependência produz a incomunicação, a justaposição, a excessiva aderência afetiva de uma pessoa em relação à outra e um apego confuso”. Para eles, isso pouco ou nada tem a ver com um encontro interpessoal ou com a interpenetração de intimidades num relacionamento, constituindo-se numa patologia com conseqüências danosas à saúde emocional do casal. Quando um cônjuge se torna dependente excessivamente do outro, não tem condições de falar de um “tu” a “tu” com a outra pessoa da qual depende, porque se ver num plano inferior.

Numa relação de dependência entre cônjuges não haverá a comunicação entre iguais; o que existirá é uma constante frustração, uma vez que nenhum ser humano consegue completar o outro em todas as suas expectativas. Neste sentido, a dependência afetiva é, sem

dúvida alguma, uma das causas que se relaciona com o indiferentismo porque à medida que não há compartilhamentos entre dois seres maduros e duas individualidades, também não pode haver crescimento, nem pessoal, nem relacional.

### 3.3. Manipulação

Ainda seguindo o pensamento de Lorente e Cano (2002), a manipulação é uma estratégia usada de forma consciente por alguns casais no sentido de se conseguir o que deseja do outro. Para os autores, em geral, há uma diferença entre as manipulações feitas pelos esposos daquelas feitas pelas esposas. Considera que o que vai mudar entre uma forma e outra é a maneira de proceder, o tom de voz e as enunciações sensuais e/ou de recompensas materiais para obtenção do que se deseja.

Isso nos faz lembrar o primeiro Axioma da Comunicação de Watzlawick *et. al.* (2007), que diz sobre a impossibilidade de não comunicar, já que durante o processo manipulativo os que dele utilizam-se o fazem numa perspectiva de sintaxe e semântica diferente daquele que foi acordado inicialmente na relação conjugal. Isso pode ser visto quando Lorente e Cano (2002) deixam claro que o homem normalmente transmite seu comportamento manipulativo deixando de falar, entremeando-se em zonas de silêncio e evadindo-se de bater de frente com a mulher. Esta, por sua vez, exercita seu comportamento manipulativo através da sensualidade e da palavra falada. É importante aqui trazer a literalidade da fala desses autores ao dizerem:

No fundo da manipulação subjaz um problema de comunicação. A manipulação é, antes de tudo, a manipulação da linguagem. No fundo de um discurso manipulador tem um jogo de interações e de semânticas superpostas, com o que se constroem proposições, cuja implícita intencionalidade jamais é expressa. (Lorente e Cano, 2002, p.206)

Como exemplo do que os autores acabam de apontar, podemos ter a seguinte questão: um determinado casal chega à sua casa e quando um dos cônjuges percebe que se esquecera de comprar os pães que ficara sobre sua responsabilidade e não mais está disposto a sair de casa, antes mesmo de enunciar que precisa comprar os pães; diz para o outro: “puxa, como estou cansado(a)! O dia hoje acabou comigo, foi muito difícil no trabalho”. Após fazer este enunciado dá continuidade à fala dizendo: “Eita amor! acho que vou ter que sair novamente para comprar os pães, com o corre e corre do dia de hoje acabei me esquecendo de

comprá-los”. Certamente a ação manipulatória está sendo comunicada de maneira subliminar, uma vez que a verdadeira intenção é de que a outra pessoa diga: “deixe, eu vou comprar! Fique descansando um pouco!”.

O problema neste exemplo não está no cansaço decorrente do trabalho, por parte de um dos cônjuges ou no não desejo de sair novamente de casa, mas na forma de enunciação indireta, já que o real objetivo é obter o que se deseja, isto é, que a outra pessoa vá e faça a compra dos pães. Para Lorente e Cano (200, p.207) há diversas formas de se dizer as coisas, mas o que se deve evitar é exercitar na vida conjugal um tipo de comunicação que não seja direta. Apontando para a estrutura emocional da questão de gênero e ainda sob os moldes da cultura tradicional, os autores afirmam que as mulheres utilizam mais o comportamento manipulativo do que os homens, uma vez que conseguem bem mais do que os homens expressar suas emoções.

Para eles, “é como se as mulheres descansassem falando e os homens se cansassem ao falar”. Também apontam para o fato de culturalmente, a mulher falar mais do que o homem. Dessa forma, ela possui um domínio lingüístico muito maior que o homem e, assim, consegue exercitar o comportamento de manipulação mais facilmente por causa do arcabouço lingüístico. É claro que essa regra apresenta exceções.

O que entendemos ser importante também reconhecer é que os cônjuges estejam bem atentos à forma lingüística que resolveram desenvolver no âmbito da comunicação conjugal, porque será ela que clarificará ou não quando um dos cônjuges estiver desenvolvendo um tipo de comportamento manipulativo. Para saber distinguir essas manifestações lingüísticas é importante saber o que Morris (como citado em Watzlawick, Beavin e Jackson, 2007, p.18-19) assinala como sendo as três principais áreas da comunicação humana que são: sintaxe, semântica e pragmática.

a) A Sintaxe – abrange os problemas da transmissão da informação. Neste caso, a preocupação deve ser com os problemas sintáticos, isto é: os ruídos, o código, o canal, a capacidade, a redundância e outras propriedades estatísticas que emergem da comunicação;

b) A Semântica – Como esta é uma área que está ligada ao significado do que se está comunicando, é preciso que cada membro da díade saiba exatamente o que o outro quer dizer no momento em que fala. Para que possa ocorrer de forma correta, será necessário que ambos partilhem de um mesmo padrão comunicativo

o que não ocorre quando se opta por uma comunicação manipulativa e por fim;

c) A Pragmática – Pensar sobre essa terceira área é algo de suma importância dentro da relação, porque é se preocupar sobre quais os efeitos que a comunicação está tendo sobre o comportamento da outra pessoa.

Estas três áreas da comunicação que foram analisadas pelos pesquisadores da “Escola Invisível” de Palo Alto, nos Estados Unidos, durante a década de 50 e 60, devem servir para ajudar a distinguir o que perpassa na comunicação verbal e/ou não verbal num casal. Desse modo, é possível amenizar freqüentes erros psicológicos dentro da comunicação conjugal, principalmente o de caráter manipulativo, já que esse tipo de conduta não só afetar o casal, mas também os filhos e as suas relações sociais. Além de, gradativamente, distanciar os corações.

### **3.4. Apropriação possessiva**

De acordo com Lorente e Cano (2002), para entender esse erro crasso na comunicação conjugal, primeiramente é necessário compreender que:

Nenhuma pessoa pertence a si mesma, porque ninguém tem em si a razão de sua origem... A forma mais legítima de possessão é o autoconhecimento. Porém, esse autoconhecimento está subordinado ao Autor do autoconhecimento e da pessoa que se autoconhece (Lorente & Cano, 2002, p.214).

Partindo deste princípio os autores trabalham a questão de que para muitos casais, durante a convivência, seja de forma objetiva ou subjetiva, consciente ou inconsciente, um vai colocando o outro numa posição de objeto. Os autores apresentam que a apropriação possessiva só acontece quando as pessoas que estão envolvidas na relação não se amam. Esse tipo de comportamento numa relação conjugal gera uma degradação muito grande da personalidade do possuído e, por sua vez, desencadeia problemas de ordem psicológica e psiquiátrica como, por exemplo, o ciúme paranóide.

Aqui, mais uma vez cabe fazer um questionamento: como é uma comunicação de amor se essa é feita sob as bases da não liberdade? É possível amar sendo apropriado



possessivamente? Cremos que a resposta a essas duas questões sejam mais do que óbvias: Não! Mas, por que alguns casamentos são erigidos em torno dessa questão?

Conforme podemos entender do pensamento de Lorente e Cano (2002), pessoas que não foram criadas em torno do respeito a si e ao outro, dificilmente têm condições de respeitar o direito de liberdade do outro. Desta forma, buscam possuir como se fosse um objeto de propriedade exclusiva, o corpo do outro, a mente do outro e as ações do outro como se estivesse se relacionando com um relógio de pulso que carrega ou um veículo que dirige. Para os autores, quando um dos cônjuges acaba por tratar o outro como objeto não permite que esse outro possa se doar livremente na relação, uma vez que um objeto não pode <<autodoar-se>>. “Se o outro não se doa em seu corpo, se não se entrega prazerosamente eu sua liberdade corporal, de que serve então apropriar-se dele possessivamente?” (p.215).

Uma das questões que os autores chamam a atenção e que podemos deduzir como preditora de dificuldades psicológicas a partir desse tipo de comportamento de possessão é: se a um dos cônjuges não é dado o direito de pensar por si próprio, não é concedida a possibilidade de argumentar, quaisquer que sejam as questões. Ele também não tem acesso para comunicar-se com outras pessoas externas à relação conjugal; essa pessoa tornou-se uma máquina, um(a) escravo(a) e, por conseguinte, um ser completamente infeliz, embora possam ser questionadas as bases de permanência numa relação nesses moldes.

É possível verificar em alguns casais que cometem esse tipo de erro que quando, em nome de cuidado pelo(a) outro(a) o cônjuge de característica possessiva passa o dia ligando para o outro dizendo que teve saudades, porém o desejo é de saber onde está e controlar a vida do outro. Para os autores, é importante levar em consideração que essa situação não se aloja dentro de uma relação sem o consentimento mútuo, não há vítimas e sim convivência psicológica.

### **3.5. Desconfiança**

Desconfiança gera incomunicação. Por quê? Porque aquilo que a confiança restringe ou limita, não participa ao outro. Aquele que desconfia não se comunica. Onde não há comunicação as coisas se desenvolvem em segredo, com uma barreira que diferencia, separa e discorda. E o que serve para discordância, contribui para desunir. (Lorente & Cano, 2002, p.218)

De acordo com o Dicionário Houaiss (2007), desconfiança é a disposição interna que cada pessoa tem de não afiançar o que o outro está fazendo. Trata-se de algo que desgasta e inibe a esperança de uma convivência saudável.

Este, por certo, é um dos erros psicológicos que mais perturba o ser humano desde o início de sua existência. Desde a infância, aprendemos a desconfiar do seio que nos amamenta, se retornará ou não para os lábios após gritos e choros; do(s) cuidador(es) se retornarão para nos buscar, após nos deixar na escola no primeiro dia de aula de nossa vida; se a garota(o) no ambiente escolar flertou ou não conosco; se Deus existe ou não, enfim, a vida humana parece ser constituída da dualidade entre confiança x desconfiança.

Para Lorente e Cano (2002), algumas relações conjugais são pautadas em torno da comunicação de desconfiança, onde o marido, às vezes, desconfia se a esposa de fato só é amiga dos colegas de trabalho ou se sai com eles. Pode desconfiar, às vezes, se o dinheiro que têm em comum para o pagamento das despesas é de fato usado para o fim que acordaram ou para outras coisas não comunicadas. Semelhantemente, para a mulher, as desconfianças com sobre a infidelidade do marido podem ir desde uma marca de batom encontrada na manga da camisa do marido a uma constante investigação nas mensagens e ligações do aparelho celular do marido quando este está dormindo.

A atitude de desconfiança numa relação conjugal é algo que também pode prejudicar profundamente a relação. Esse é um campo que tanto o casal quanto os terapeutas de casais devem adentrar com muita prudência. No dizer dos autores, é como se estivessem “tateando, olhando atrás, corrigindo, animando, abrindo novas perspectivas e possibilidades”, mas jamais ajudando os cônjuges que estão desencadeando esse tipo de comportamento a tomarem decisões tipo: “vou me divorciar porque não confio mais nele(a)”. Antes de qualquer coisa, é importante perceber do que de fato a pessoa desconfia: se da relação com a outra pessoa ou da estrutura do frágil sistema familiar que ajudou a criar.

### **3.6. Independentismo**

Para Lorente e Cano (2004), o independentismo está muito arraigado na sociedade atual. É o tipo de comportamento decorrente da idéia de que tanto na política, na religião, na família, dentre outras coisas, uma pessoa detém qualquer tipo de controle sobre a outra. Neste sentido, como a vida conjugal preconiza a idéia de compartilhamento e contínua “prestação de

contas”<sup>8</sup>, muitas pessoas entram numa relação conjugal sem o mínimo compromisso com a mesma. Ao contrário, desenvolve à semelhança do indiferentismo, uma atitude sistemática de busca de independência do outro.

Para os autores, uma pessoa que tem esse tipo de comportamento é incapaz de se comprometer com qualquer relação, uma vez que está disposta a se comprometer é consigo mesma e com seus próprios ideais. Neste sentido, o casamento serve apenas para assegurar a possibilidade de casa enquanto abrigo e não de lar como compartilhamento das histórias de cada um. Os autores dizem o seguinte sobre o tipo de pessoa independentista (2002, p.220):

A pessoa independentista é, certamente, uma pessoa dependente, muito dependente. Especialmente, do desejo patológico de independência, que nela reclama ser satisfeito. Tal atitude não se entende se não se sabe o que é a liberdade. A liberdade humana é, antes de tudo, compromisso. A pessoa livre é a que se compromete, precisamente porque escolhe.

Neste sentido, entendemos que partilhar a convivência com uma pessoa independentista é aceitar conviver com alguém incapaz de se tornar cônjuge de verdade. É viver na ilusão de um amor platônico, cuja satisfação e ligação só ocorrerão no campo das idéias, uma vez que o que resta da relação é apenas um encontro de corpos e nada mais.

Lorente e Cano (2002, p.221), nomeiam esse tipo de comportamento como psicopatológico intitulando-o de a “síndrome independentista das relações conjugais”. Segundo os autores, os independentistas normalmente são pessoas cultas, inteligentes, que já alcançaram a independência financeira. Neste caso, podemos inferir que, para essas pessoas, o casamento nada mais é do que mais uma conquista num conjunto de outras, porém é importante lembrar que aquilo que escolhemos exige comprometimento. Sendo assim, ao escolher casar a pessoa deveria saber que vai compartilhar uma interdependência, coisa que poderão não acontecer com quem tem esse tipo de comportamento. É preciso lembrar aqui o que Willi (1995, p39,40) diz sobre casamento e independência:

O casamento é diferente de todas as outras relações. Os cônjuges tomaram a decisão de viver juntos dali em diante, de se apoiarem reciprocamente no bem e no mal, na saúde e na doença. Essa decisão muda radicalmente a relação entre os parceiros... Liberdade, opções individuais e independência, por definição, ficam reduzidas no casamento.

---

<sup>8</sup> O sentido que queremos dar à essa expressão é de um constante diálogo sobre como foi o dia do outro e como vai a vida do outro e não no sentido de cobrança obrigatória.

Sem dúvida, pessoas independentistas não conhecem essa realidade. Ao invés de buscarem crescer relacionalmente, vivem em busca de afirmar-se e, por sua vez, acabam por se tornar desgostosas de si mesmas, daquilo que fazem na vida profissional e pessoal. Geralmente seus relacionamentos são efêmeros.

A partir da reflexão de Angelo (1995) sobre a escolha do parceiro concluímos que sem haver uma interação dinâmica entre aqueles que se escolhem para viver juntos não há como evoluir numa relação diática. Por sua vez, mergulhar no independentismo ou evadir-se da relação com tanta volatilidade é ser analfabeto psicológico. Isto porque a pessoa não percebe que na impermanência, em meio às vicissitudes, pode-se descobrir que vincular-se a outro ser é algo que nos dá pertencimento existencial.

### **3.7. Ciúmes**

De acordo com o Dicionário Houaiss (2007), “o ciúme é o estado emocional complexo que envolve um sentimento penoso provocado em relação a uma pessoa de que se pretende o amor exclusivo; receio de que o ente amado dedique seu afeto a outrem”. Na visão de Nunes (2006, p.12), o que está envolto no ciúme é um misto de sentimentos de “solidão, medo, desamparo, inveja, paranóia, baixa auto-estima, afirmação pessoal, auto-recriminação, autodefesa, dentre outros”. Já Miermont (1994), compara o ciúme ao mimetismo, onde uma pessoa se torna tão próxima da outra que acaba por pegar as características da outra e que chega até a se confundir com a outra achando ser uma só pessoa. Neste sentido, o(a) ciumento(a) não consegue suportar o compartilhamento de tempo ou de diálogo da pessoa que ama com outras pessoas porque tem a idéia de que é seu próprio corpo que está sendo roubado naquele momento. Sua busca é por exclusividade doentia. Ainda para este autor, o ciúme também pode ser comparado a uma paranóia, onde há por parte de um dos cônjuges uma reivindicação agressiva, de uma forma injustificada, do outro. Para Lorente e Cano (2002), a conduta ciumenta destrói tanto a afetividade do casal quanto a vida sexual.

Conforme podemos deduzir desses aspectos, o ciúme irrompe com o amor por estar assentado sobre a segurança de si e do outro, bem como constitui-se em algo danoso, tanto para a relação como para a comunicação entre os cônjuges, uma vez que se pauta em torno de semânticas irracionais e irrealis. Ainda de acordo com Nunes (2006, p.14), o ciúme excessivo e intrusivo causa a degradação da saúde emocional, tanto de quem o tem, quanto de quem o recebe no dia-a-dia da relação. Percebe-se que esse tipo de comportamento psicológico também é capaz de desencadear uma série de frustrações, frigidez, insegurança e

e sentimento de inferioridade, o que pode tornar qualquer relação conjugal insuportável. Para o filósofo Kierkegaard (como citado em Lorente e Cano, 2002, p.232), há três conseqüências para os ciúmes: 1ª – O constante clima de duelo dentro da relação; 2ª – O desencadeamento de um sentimento de indignação pelo cônjuge que tem sido alvo do ciúme e 3ª – Uma relação baseada em medo e insegurança.

Para ele, o medo aqui é algo sintomático, caracterizando-se como sendo o medo de perder a afetividade do(a) parceiro(a), de perder o prestígio e a consideração que lhe é imputado(a) e da perda do controle social que havia alcançado após o casamento. Freud (1920-1922), por sua vez, menciona três conseqüências na vida de uma pessoa para o ciúme: a dor, o ódio e a perda da auto-estima. Embora ele distinga o ciúme normal – denominado de “competitivo” do “ciúme projetado”. Para ele, o ciúme normal emana do sofrimento real ou imaginado de perder ou vir a perder o objeto/pessoa amado(a) para outra pessoa, enquanto que o projetado deriva da própria infidelidade para consigo mesmo, isto é, dos impulsos que a pessoa sente mas que reprime.

De acordo com Lorente e Cano (2002, p.232-233) o ciúme, à medida que vai criando um distanciamento e uma susceptibilidade entre os companheiros, também pode favorecer o surgimento de doenças psicossomáticas, tais como: “comportamento ansioso; taquicardia; comportamentos agressivos; desinteresse profissional; sentimento de culpa patológica; transtornos fóbicos e depressivos; delírios de infidelidade, obsessões e idéias paranóicas; comunicação premeditativa, sentimento de imprescindibilidade, dentre outras situações”.

Alguns desses aspectos acompanham as pessoas desde sua infância. Mas, é importante salientar que todos esses comportamentos são erros psicológicos e alteram a comunicação, a saúde relacional e a convivência do casal, tanto da pessoa para com seu/sua cônjuge, quanto para com seus filhos/as e demais relações sociais.

### **3.8. Medo e Insegurança**

O medo está diretamente ligado ao sentimento de insegurança. Trata-se de um sentimento que desde que nos entendemos como seres humanos está inscrito em nosso psiquismo. Quando adultos e casados, tanto o medo quanto a insegurança acabam por neutralizar as emoções afetivas, a comunicação conjugal e atrapalhar o sonho de ter um relacionamento feliz e duradouro. Nos dias atuais, há casais que vivem numa relação de medo

e de insegurança e, por causa disso, dificilmente se sentirão à vontade para compartilhar suas vidas um com o outro.

Para Lorente e Cano (2002), há inúmeros casamentos que estão vivendo essa realidade porque simplesmente lhes faltam o diálogo, o amor e o real sentimento do que é construir uma relação diática. Assim, os cônjuges vão permitindo que estes sentimentos degenerativos da relação nasçam, cresçam e alcancem um tamanho dentro da relação que se torne impossível combater sua interferência sobre as decisões do casal e a convivência intercomunicativa, uma vez que o medo tem o poder de distanciar, fragilizar a relação e torná-la um campo onde reina a insegurança. Para os autores, para entendermos esse campo obscuro em que o medo e a insegurança assentam o casal, podemos fazer a analogia de uma criança que à semelhança do medo que lhe fora imposto sobre o escuro, ao se ver em tal situação, corre para um lugar claro. Assim também é a pessoa que, ao estar numa relação conjugal e começa a ter medo do seu parceiro(a) começa a se sentir insegura com relação a ele/ela e busca constantemente evadir-se do lugar em que o outro se encontra e procura evitar contatos dialógicos e físicos. Inevitavelmente, no futuro, a tendência é de uma separação conjugal.

De acordo com os citados autores, as intercomunicações num casal podem assumir uma linguagem opositiva de um cônjuge em relação ao outro, sendo demarcadas pelos silêncios e pausas, como também por comportamentos agressivos por sentir-se com medo e insegurança em relação aos sentimentos do outro. Isso é algo muito comum às mulheres que se sentem violentadas por seus maridos e também inseguras quanto à sua fidelidade. Nos homens, o temor é por não saberem se as mulheres ainda os amam e a insegurança quanto a uma iminente separação por parte dela. Alguns desenvolvem sentimentos hostis, tanto na forma de se comunicar com elas, como também na maneira de agir no dia-a-dia.

Para Fromm (2006), quem ama, ao invés de sentir-se solitário, com medo ou inseguro, percebe que encontrou no amor o remédio ao sentimento de solidão e o refúgio que só uma relação sincera de amor pode nutrir no centro das emoções de quem ama e é amado. Para o autor, a maioria das impotências sexuais e da frigidez feminina reside não numa condição fisiológica, mas no medo psíquico de não sentir-se seguro(a) para se entregar à pessoa amada. Esse medo advém dos conflitos gerados durante a formação da personalidade dessa pessoa.

O problema do medo, para Fromm (2006, p.118), é que “alguns homens, em seu desenvolvimento emocional, ficaram fixados num apego infantil à mãe. São homens que nunca desmamaram. Por sua vez, se sentem eternamente desamparados”. Para o autor, esses

homens se tornam encantadores durante a conquista da mulher amada, mas depois, no relacionamento, são superficiais, irresponsáveis e inseguros porque o objeto deles é ser amado e não amar. Pessoas assim, dificilmente podem viver sem transtornos severos.

Como é possível notar, o medo e a insegurança comunicam o aparente incomunicável da história de vida de cada um e discursa através da comunicação verbal ou não verbal comportamentos que denunciam a falta de amor. Cumpre-nos lembrar o pensamento de Sternberg (1986) que diz que amar é viver a triangulação da intimidade, da paixão e da decisão de manter vivo o compromisso. Neste caso, para se desvencilhar desse sentimento de medo e insegurança em que alguns casais estão imersos é necessário entender que a plenitude do amor reside nessa interação triangular. O diagrama dessa triangulação feito por Sternberg (1986), mostra como pode chegar ao amor pleno e com isso se desvencilhar do sentimento de medo e insegurança com relação a uma possível separação:

Para Sternberg (1986), quanto mais tempo um casal estiver junto, maior será a possibilidade de se tornar mais íntimo e também mais previsível em seus comportamentos. Assim, é possível que a vontade de fazer o bem para a pessoa amada venha a emergir e a valorização de uma comunicação mais íntima, o sentimento de alegria por estar ao lado do(a) outro/a; o compartilhar dos bens e o desejo de prover e receber apoio, e vice-versa, venham a diminuir o medo e a insegurança quanto ao futuro da relação.



### 3.9. Instrumentalização do outro

Seguindo o pensamento de Lorente e Cano (2002), a instrumentalização consiste em fazer do outro cônjuge um instrumento em favor da consecução das metas pessoais que o outro resolveu escolher para sua vida, independentemente de se o fim será a satisfação mútua ou não. O importante para quem utiliza desse erro psicológico na comunicação de seus sentimentos é que seus objetivos pessoais sejam alcançados, independente do que o outro pensa, sente ou deseja.

Os autores exemplificam a situação trazendo à tona casais em que um dos cônjuges, utiliza-se do outro apenas para subir socialmente na vida e/ou para apresentar como um “troféu” em festas sociais. Para eles, a frase cunhada pelo senso comum “por trás de um grande homem existe uma grande mulher” (p.252) também tem o ser reverso, ou seja: “por trás de uma grande mulher existe um grande homem”, porém essa frase apenas é uma constatação de que tanto homens quanto mulheres que se utilizam dessa frase estão indicando que subiram na vida por causa da outra pessoa. Entendemos que casamentos pautados em torno da instrumentalização tendem a ser mecânicos, vazios de afeto, tensionados por crises relacionais, infidelidade e distorcidos do real sentido de conjugalidade. Os referidos autores descrevem:

Ao instrumentalizar o outro, o instrumentalizador automaticamente é destituído de suas afeições para com o outro, com prejuízos a si mesmo. Por conta disso, trata o outro com um fim em si mesmo sem querer o bem do outro e nem aquilo que há de bom no outro (Lorente & Cano, 2002, p.254).

Tendo abordado alguns erros que podem prejudicar a comunicação do casal, enfocaremos, a seguir, o método do estudo.



## **4. MÉTODO**

### **4.1. Natureza da Pesquisa**

A presente pesquisa é de natureza qualitativa. Para Turato (2005, p.509), o método qualitativo é aquele cuja compreensão advém das Ciências Humanas e não está preocupado em estudar o fenômeno em si, “mas entender seu significado individual ou coletivo para a vida das pessoas”. Já para Minayo (1994) e Triviños (1987), a pesquisa qualitativa trabalha no universo dos significados, motivos, valores, crenças e atitudes, privilegiando os aspectos subjetivos de cada participante, observando também o contexto natural em que vive(m) o(s) pesquisado(s).

### **4.2. Participantes**

Participaram desta pesquisa, 07 (sete) famílias, constituídas por casais heterossexuais, que convivem juntos há mais de cinco anos, possuem filhos, são da camada social de baixa renda e já tiveram ou estão enfrentando crises em seu relacionamento. Para definir o enquadramento dos casais pesquisados com suas respectivas famílias nessa configuração, utilizamos o critério de Féres-Carneiro (2005), que define uma família de baixa renda como aquela em que a renda familiar é de até três salários mínimos e a escolaridade dos pais (pelo menos um), até o nível fundamental completo. As famílias pesquisadas tinham em média dois filhos, com idade mínima de três anos e máxima de 15 anos, todos dentro da escolaridade esperada. A faixa etária dos cônjuges variou entre 32 a 41 anos e o tempo de convivência correspondeu a uma média de 13 anos e seis meses. Quanto à religião, todos são evangélicos.

Eles foram encontrados em uma comunidade religiosa da região metropolitana do Recife. Ao adotarmos o critério da amostragem por saturação, fechamos o grupo em 07 (sete) casais com seus respectivos filhos(as), uma vez que para Denzin (1994, como citado em Fontanella, Ricas & Turato, 2008, p.17-27):

O fechamento amostral por saturação teórica é operacionalmente definido como a suspensão de inclusão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, certa redundância ou repetição, não sendo considerado relevante persistir na coleta de dados.

A seguir, apresentamos uma tabela com os dados sócio-demográficos dos participantes.

**4.2.1 Tabela I – Dados sócio-demográficos dos participantes**

FAMÍLIA	IDADE DO CASAL		Tempo de convivência	Escolaridade do Casal e Profissão		Qt. Filhos	Idade dos Filhos		Escolaridade dos filhos	
	Ela	Ele		Ela	Ele		F	M	F	M
<b>A</b>	31	32	9	Ensino médio completo  Autônoma	Ensino Médio incompleto  Autônomo	2	8	7	2º. Ano Ensino Médio	1º. Ano Ensino Médio
<b>B</b>	35	39	18	Ensino Médio  Do Lar	Ensino Médio incompleto  Vigilante	3	16	9	2º. Ano Ensino Médio	2ª. Série do Ensino fundamental
<b>C</b>	37	43	12	Técnico em Contabilidade  Auxiliar Administrativa	Ensino Médio incompleto  Vigilante	2	12		7ª. Série do Ensino fundamental	
<b>D</b>	32	38	10	Ensino Médio  Professora do Ensino fundamental	Ensino Médio  Vendedor	3 Sendo um apenas dele	4	12	Jardim I	8ª. Série do Ensino fundamental
<b>E</b>	32	34	16	Superior completo  Pedagogia	Ensino Médio  Licença Médica	2	9	15	3ª. Série do Ensino fundamental	8ª. Série do Ensino fundamental
<b>F</b>	40	41	14	Ensino Médio  Do Lar	Ensino Médio  Vigilante	2	15		1º. Ano do Ensino Médio	
<b>G</b>	35	34	15	Ensino Médio Completo  Professora primária desempregada	6ª. Série do Ensino Fundamental  Conferente	2	15		1º. Ano do Ensino Médio	
									11	5ª. Série do Ensino Fundamental
									14	8ª. Série do Ensino Fundamental

**Observação:** a renda familiar das famílias A,B,D,E,F,G varia entre 1 a 2 salários mínimos e apenas a família C tem renda de 2,2 salários mínimos.

### **4.3. Instrumentos**

Os casais responderam a dois instrumentos: uma entrevista, conduzida de forma semi-dirigida, elaborada pelo pesquisador e realizada só com o casal, composta de nove questões de interesse da pesquisa e dos dados demográficos (Anexo 4). Em um segundo momento, o casal e seus filhos participaram da execução de seis tarefas que são propostas por Féres-Carneiro (2005) através da Entrevista Familiar Estruturada (EFE). Este último instrumento foi escolhido porque possibilita um olhar sobre a comunicação verbal e meta verbal, tanto do casal quanto da família. As tarefas e as dimensões de análise encontram-se nos anexos 6,7 e 8.

### **4.4. Procedimento de Coleta de Dados**

Inicialmente, o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética do Centro de Saúde da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (Anexo 2).

Ao contatar os casais solicitamos a aquiescência à participação na pesquisa e, após os devidos esclarecimentos, eles assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 3), como também permitiram a filmagem dos atendimentos a fim de, posteriormente, analisarmos a metacomunicação durante os encontros.

Cada casal foi atendido individualmente, numa sala adequada, pertencente ao pesquisador, exceto um casal que preferiu fazer a entrevista na própria residência. Esses atendimentos tiveram uma duração entre 30 minutos a 1h10m.

## **4.5. Procedimento de Análise dos Dados**

### **4.5.1. Análise das Entrevistas**

As entrevistas foram analisadas e transcritas segundo a Técnica de Análise de Conteúdo Temática que “consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõe uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo visado” (Minayo, 2004, p.209). Essa técnica abrange três etapas: 1ª – A pré-análise, que consistiu em um trabalho exaustivo junto aos dados obtidos durante as entrevistas, tendo que assistir ao conteúdo filmado de cada família cerca de três a quatro vezes. Nesta fase, deixamos nossa atenção flutuante, no sentido de perceber os “núcleos de sentido” que iam surgindo durante as entrevistas, tanto na comunicação verbal quanto não verbal, bem como o contexto e o significado que iam sendo dados pelos participantes; 2ª – Na etapa da Exploração das Transcrições foram separados os “núcleos de sentido” de cada entrevista; 3ª – Identificadas as Unidades de sentido fizemos alguns recortes interpretativos com base nas falas dos(as) participantes, estabelecendo uma relação dos conteúdos com a literatura consultada.

### **4.5.2. Análise da Entrevista Familiar Estrutura (EFE)**

Durante a análise das entrevistas, tanto o pesquisador quanto o outro avaliador (nossa Orientadora), que denominamos de Juiz, pessoa devidamente capacitada, tanto na área de psicologia quanto no conhecimento e aplicação da EFE, assistiram ao vídeo das entrevistas e, em seguida, separadamente, fizeram a pontuação de cada casal e família entrevistados, utilizando os critérios da versão final das Escalas de Avaliação da EFE de Féres-Carneiro (2007, p.56). Ela consiste em 10 categorias de análise, a saber: 1 – Comunicação; 2 – Papéis; 3 – Liderança; 4 – Manifestação da agressividade; 5 – Afeição física; 6 – Interação conjugal; 7 - Individualização; 8 – Integração; 9 – Auto-estima e; 10 – Promoção de Saúde Emocional. Ainda que através das tarefas possam ser analisadas as 10 categorias citadas, resolvemos nos focar apenas nas categorias 1, 4, 5, 6, 7 e 10 por terem consonância com os objetivos da pesquisa. Além dessas categorias, iremos destacar também a comunicação dos Conflitos, uma vez que essa categoria fazia parte da versão inicial da EFE e também tem a ver com os objetivos da pesquisa.

## 5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Apresentaremos as famílias de acordo com os instrumentos utilizados, recorrendo, sempre que possível, aos autores consultados para analisar o que foi encontrado, no sentido de compreendermos as circunstâncias que levaram às crises conjugais de cada um dos casais que compõem as famílias pesquisadas, bem como, os fatores que têm interferido na comunicação deles e repercutido na criação dos filhos e nas demais relações sociais dos casais. Todos os nomes que utilizaremos a partir de agora para identificação dos casais e suas respectivas famílias são fictícios com o fim de preservar a identidade de cada um deles.

### 5.1. Família A – Uma família com “o nervo à flor da pele”

A família A, composta por Aluísio, 32 anos, 1º ano do ensino médio, microempresário autônomo, natural do Ceará, casado com Ana, 31 anos, ensino médio completo, trabalha com o marido de forma autônoma numa pequena fábrica de gelo. Eles tiveram dois filhos consangüíneos: Amanda, de oito anos que à época da entrevista estava cursando o 2º ano do ensino fundamental e Augusto, com sete anos que estava cursando o 1º ano do ensino fundamental. O casal está junto há nove anos.

#### 5.1.1. Síntese da história do casal e da família

Aluísio nasceu numa família pobre do interior do Ceará, vindo para Recife ainda pequeno, quando foi doado para uma mulher que já tinha uma história de rejeição do primeiro filho biológico, mas que o acolheu e o criou. É um homem marcado pela dor do silêncio visto não saber nada de sua origem, já que foi doado logo após o nascimento e a única informação que recebeu, quando já era adolescente, foi que dentre sete irmãos ele foi o único a ser dado por sua mãe biológica.

Durante a entrevista, Aluísio apresentou-se, inicialmente, como uma pessoa com grande dificuldade para falar. Talvez, porque segundo Imber-Black (2002), manter um segredo de alguém é bloquear informações ou evitar que evidências alcancem essa pessoa e, portanto, que ela as possua, faça uso delas ou as revele. Ao que podemos constatar em conversa com ele foi que sua vida, segundo conta, é marcada por segredos. Silêncios que até hoje o fizeram optar ora por ficar calado, ora pela agressividade verbal, ora pela evasão em momentos de crise.

Desde a infância, Aluísio informou que tem dificuldade de fazer amizades, de se relacionar e confiar em outras pessoas e também de conversar. Salienta que talvez isso tenha a ver com sua história de vida. Conta que só soube o que lhe havia acontecido após o nascimento e de que era adotivo quando já estava com 15 anos de idade, durante uma briga entre seus pais adotivos. Ele informou que jamais saíra de sua mente as palavras que ouviu de sua mãe adotiva naquele dia que, aos gritos, lhe revelou que ele era adotivo dizendo-lhe: “Você não é meu filho e eu não sou sua mãe, por causa de você meu casamento está acabando!”. Para ele, aquelas palavras soaram como uma bomba e diz que jamais irá esquecer aquele dia.

Após alguns meses da revelação ele foi levado ao Ceará por sua mãe adotiva e teve uma única oportunidade de ver sua mãe biológica. Mas o encontro não durou mais que vinte minutos, uma vez que ele não conseguiu dizer uma só palavra à sua mãe biológica. Fugiu do local do encontro após ter visto sua mãe e até hoje não sabe mais do seu paradeiro. Tem vontade de voltar ao Ceará e reconstruir sua história, mas afirma ter medo de que a mãe biológica já esteja morta. Percebemos que esse fato em sua vida tem sido determinante na forma com que ele se relaciona com sua esposa e com seus filhos. Segundo sua esposa, tanto faz ele estar sorrindo como na mesma hora ser envolvido por uma tristeza profunda ou por uma agressividade verbal, com carga emocional inadequada.

Por sua vez, Ana, que veio do interior de Pernambuco para morar no Recife, também tem uma história marcada por segredos, silêncios e processos de separações. Ela perdeu o convívio com o seu pai biológico quando ainda era muito criança, sem saber até hoje as razões da separação dos seus pais e há cerca de oito anos viu seu irmão ser assassinado por razões que até hoje desconhece. Fato que, segundo ela, modificou sua vida. Vê-se como uma mulher muito nervosa. Associado a essa situação, Ana vem de uma família com um histórico de seis casos de Acidente Vascular Cerebral (AVC) e, atualmente, sente fortes dores de cabeça, tendo a impressão de que poderá ter o mesmo fim de seus familiares, ou seja, um AVC.

As circunstâncias que levaram ao conhecimento mútuo, ainda na adolescência, foram através de vizinhos. Namoraram, depois se separaram por cerca de quatro anos e ficaram sem se ver, mas, posteriormente, quando cada um já era jovem e estava em outros relacionamentos afetivos, se reencontrarem e o amor da adolescência afluiu. Eles romperam os relacionamentos em que estavam envolvidos e voltaram a namorar e ela engravidou.

Com a gravidez, as expectativas da mãe de Aluísio de que o filho estudasse, trabalhasse e depois casasse foram rompidas. Ao tomar conhecimento da gravidez de Ana, a

mãe obrigou Aluísio a alugar uma casa, sair de dentro de sua residência e ir morar com Ana. Isto, segundo o casal, foi um momento de muita ambivalência, pois oscilaram entre os sentimentos de alegria e tristeza.

**Ana:** No primeiro momento pra mim eu gostei. Porque eu já pensava muito em sair de dentro de casa. Porque eu já tava de maior. Eu pensava assim: fazer uma família. Ter minha vida. Eu já não queria mais ficar dependente da minha mãe dentro de casa. Mas... depois... começou vir as confusões.

**Aluísio:** Mas o problema da gente foi sempre por causa de família. Por causa da minha mãe que se metia muito. Até um tempo hoje, até um tempo desses.

Para Norgren *et al.* (2004), os relacionamentos íntimos se constituem na consolidação essencial da vida adulta e sua qualidade tem implicações tanto no nível psíquico quanto no aspecto físico e emocional de homens e mulheres. Por sua vez, Távora (2009, p.50) afirma que “A estrutura de um casamento está assentada sobre dois pilares: um contrato emocional e um código de ética construído na intimidade de cada relação”. Para essa autora, a interdição desse processo se dá quando o primeiro contrato se estabelece, mas o segundo fica pendente. No caso de Aluísio e Ana, o primeiro pilar - o contrato emocional - foi afetado pela quebra do código de ética familiar, isto é, o das expectativas que a mãe adotiva de Aluísio tinha sobre o futuro do filho (formar-se, casar na igre’ja, ter boa situação financeira), uma vez que a gravidez inesperada de Ana provocou, segundo a mesma, certa indignação por parte da sogra, o que levou o casal a ter que iniciar um novo código de ética, o da co-habitação e não o do casamento civil e religioso como queria a família adotiva de Aluísio.

O termo co-habitação vem sendo utilizado desde a década de 70 para demarcar uma forma de relacionamento que não tem como base o contrato civil de casamento (Béjin, 1985 e Dias, 2000, como citado em Féres-Carneiro e Ziviani, 2009). Esta foi a forma escolhida, inicialmente, por Aluísio e Ana porque embora Ana tivesse sonhado em se casar na Igreja Católica de véu e grinalda, o que mais importava para ele no momento em que soube que ela estava grávida foi levá-la para uma casa, assumir a criança e viver com ela.

De acordo com Maldonado, Dickstein e Nahoum (2002), a gravidez, além de ser um tempo marcado por grandes e significativas mudanças, transições e uma série de outras transformações irreversíveis, principalmente para a mulher, também é um tempo de experimentar novas sensações, percepções e dúvidas com relação à vida, o que causa uma série de temores. Acontece que quando a gravidez vem de forma inesperada e a família de origem, seja do homem ou da mulher, rejeita a situação, a tendência é a de aprofundamento

das distâncias entre os dois sistemas (família de origem e casal) que vinham sendo desenvolvidas de forma incipiente e de aguçamento dos temores quanto ao futuro da relação conjugal. Como é possível perceber, a interferência da família de origem de um dos cônjuges ajudou a estabelecer um verdadeiro campo de batalha já no início da relação do casal e tem sido um dos fatores que mais tem dificultado sua comunicação.

**Ana:** Até hoje ainda se mete. A mãe dele!

**Aluísio:** Num se mete mais porque num dou...

**Ana:** Cabimento!

**Aluísio:** Não mais! Porque eu não dou mais liberdade pra ela se meter. Apesar de que eu nunca dei. Ela é que se metia. Mas hoje eu corto mais. Aí a gente tá vivendo um grande conflito por causa dela. Desde o começo. A gente só foi morar junto por causa dela, não foi?

**Ana:** Enquanto a gente tava só a gente tava bem. Aí a partir do momento que ela começou a se meter, começaram as arengas, as confusões.

Para Warkentin (como citado em Whitaker, 1995) assim como numa guerra, no amor e no casamento, tudo aparentemente é permitido, já que ele transita entre as duas coisas: “guerra” e amor. Ao tomarmos por base esse paralelismo de Warkentin, os diálogos de Aluísio e Ana, ao invés de serem vistos como algo desestruturante na relação inicial do casal, tendo como *protagonista* a mãe adotiva de Aluísio, se constituiu num eficaz dinamizador da criatividade do casal, uma vez que desde que saiu da casa dos pais, isto há oito anos, construíram uma vida a dois e não voltaram a morar com a família de Aluísio.

Segundo Ana, outro fator que tem influenciado negativamente a convivência do casal tem sido o fato de que por ela não ter prosseguido nos estudos, não pôde conseguir um emprego. Para Ana, o fato de os dois terem que acordar, comer, trabalhar e conversar o dia todo, em torno das mesmas coisas, já que vivem e trabalham no mesmo ambiente em que negociam, torna as conversas entre eles mais difícil. Essa atitude de Ana denuncia que, embora o casal esteja próximo o dia todo, do ponto de vista geográfico, mostraram estar distantes emocionalmente, uma vez que não há espaço entre eles para que “respirem” a individualidade.



**Aluísio:** A gente tá morando e vivendo, morando e trabalhando no mesmo lugar apertado. A gente não tem uma casa. Aí é muita bagunça. Os meninos fazem bagunça e a gente se estressa com eles... Aí passa pra gente.

**Ana:** e passa mais pra mim porque eu que tenho que arrumar, então chega num ponto que eu explodo (risos na sala por parte dos filhos) A bagunça é muita, aí eu fico doida dentro de casa. Eu fico com o nervo à flor da pele. [...] Dá um sistema nervoso em mim que eu fico descontrolada, eu fico carregada. Ele fica, mas eu fico bem mais porque eu ainda tenho comida, tarefas eu tenho tudo pra fazer.

Para Lorente e Cano (2002), a falta de espaço para o exercício da individualidade de um casal provoca um padrão de interação negativa entre ambos, podendo, até certo ponto, provocar uma separação definitiva. Para Whitaker (1995) não se pode ser íntimo do que não se tem uma distância mínima para respirar e se sentir indivíduo. Para ele quanto mais nos tornamos livres para ficar conosco, mais temos condições de ficar com a outra pessoa que amamos e é neste sentido que podemos inferir que o casamento transita entre a distância e a proximidade. Ainda que a questão possa ser vista como paradoxal, a constatação da necessidade que o casal tem de se distanciar para se individualizar é verificada quando dizem:

**Aluísio:** Eu acho que pra gente viver melhor hoje seria a casa da gente. Porque é como eu, às vezes, eu falo pra ela. Com a casa, eles ficariam em casa e eu ficaria trabalhando. Eu sairia de manhã e chegava de noite, né? Pra num tá com toda aquela carga toda em cima de mim. Porque é muita coisa. Tem os clientes, a minha responsabilidade com o meu sonho que é pra levantar a empresa. É muita coisa.

**Ana:** Pior que é. [...] E até pra mim que sou mulher eu não tenho privacidade. Ali tanto faz eu tá deitada de manhã eu tenho que levantar às pressas. Se eu tô no banheiro eu tenho que sair correndo pra ninguém me vê. É uma situação muito ruim que a gente tá.

Segundo Satir (1995) se os casais querem de fato melhorar suas relações é preciso que tenham direções claras quanto aos papéis que cada um exerce dentro da relação. Para Aluísio e Ana o que percebemos é que lhes falta individualidade, o reconhecimento pelo casal de que são pessoas únicas com identidade própria. Para a autora, só é possível haver um “nós” se o “eu” e o “tu” são respeitados em sua individualidade e por isso são vistos de igual valor. Ela diz que, para que uma relação conjugal se sustente, o casal precisa de espaço para o exercício da individualidade e, assim, ambos terão maior possibilidade de expressarem seus anseios.

Neste sentido, entendemos que é preciso haver respeito pela individualidade e oportunização para que ela se instaure no relacionamento. Se isso não ocorrer, o saldo para a relação conjugal poderá ser sempre do não amor, já que segundo Lorente e Cano (2002) a conduta de um cônjuge influi diretamente no comportamento do outro. Assim, quando o desamor é instaurado numa relação abre-se espaço para a manifestação da agressividade sem direcionalidade adequada, como podemos verificar em meio ao diálogo do casal quando falaram sobre a forma de acolhimento da comunicação do outro, principalmente na hora da crise conjugal.

**Ana:** Eu, assim, eu acho que a gente no momento em que a gente tá agora, a gente não se comunica muito não. A gente discute muito. Até por que... Ele é assim...

**Alúcio:** Pode falar!!!

**Ana:** O jeito dele é muito grosseiro, muito ignorante, então a gente não se bate muito pra conversar não.

**Alúcio:** É assim mesmo como ela falou... Num tem muito diálogo não. Às vezes, eu consigo me controlar mais, mas tem hora que eu não consigo me controlar não.

**Ana:** Aí o que é que ele faz? Ele sai prá não escutar eu falar, porque eu começo a falar, falar, falar, e dá um sistema nervoso. Eu fico desesperada!

Para Lorente e Cano (2002) e Figueredo (2006) o diálogo é uma necessidade de qualquer relacionamento, especialmente no casamento. Cada cônjuge tem uma necessidade tanto de falar quanto de ser escutado por alguém que o acolha e entenda. Isto demonstra que também há um desejo de compreender e ser compreendido. O que fica claro na relação de Alúcio e Ana é que eles não estão se escutando e, por isso, não estão se compreendendo, dando subsídios para o possível surgimento de medos, inseguranças e desgostos na relação, embora possamos considerar também que o fato de ambos reconhecerem suas limitações isto já poderia ser um começo para o diálogo.

### *5.1.2. Resultados obtidos com a Entrevista Familiar Estruturada (EFE)*

Durante a entrevista, pudemos verificar que o clima de animosidade entre os pais tem atingido os filhos a ponto dos mesmos também reproduzirem o comportamento agressivo dos pais na relação fraterna. Por sua vez, o casal também tem se isolado do convívio social e se enclausurado num mundo só deles.

**Augusto:** Quando papai chega, aí mamãe arenga e fica falando coisa...

**Alúcio:** Tu és doida é? (os dois riem)

**Ana:** Larga de ser ignorante cavalo (Nesta hora os filhos riem)

**Amanda:** [...] Às vezes quando ele quer dar em mim (Referindo-se ao irmão), eu dou nele de volta.

**Augusto:** Eu dou um cascudo nela! (Referindo-se à irmã).

Observamos também a dificuldade para usufruírem de momentos de lazer, pois quando perguntamos aos mesmos sobre como era um dia de feriado na família eles disseram:

**Ana:** Um dia de feriado? A gente num... Isso pra gente não existe.

**Alúcio:** Num tem feriado não.

**Ana:** Infelizmente é sempre a mesma rotina.

**Alúcio:** De domingo a domingo.

**Ana:** E o dia que a gente não tem entrega de gelo a gente não tem ânimo pra sair. Não tem gosto.

**Alúcio:** Não tem nem pra onde ir!

**Ana:** A gente não tem mais amizades.

**Alúcio:** Com ninguém.

**Amanda:** Eu sempre peço a painho pra a gente ir para o Veneza Water Park, mas ele nunca quer ir.

Diante da situação descrita pelo casal e a família como um todo, após a avaliação das categorias da EFE 1, 4, 5, 6, 7, 8 e 10 (Anexo 7), tanto o Entrevistador quanto o Juiz, concordaram que a Comunicação do casal e, por conseguinte, a dos filhos é congruente, clara, com direcionalidade adequada, mas com carga emocional inadequada.

Na comunicação dos Conflitos e da Manifestação da Agressividade, tanto o casal quanto os filhos puderam expressá-los de forma livre durante a entrevista, tanto através da comunicação verbal quanto não verbal. Os conflitos estão sendo positivamente valorizados e

com razoável busca de solução, quando apontaram que as necessidades sentidas dizem respeito a se distanciar das interferências das famílias de origem e conquistar uma nova casa para diferenciarem o espaço da família do ambiente de trabalho. Mas, ainda que o casal se apresente buscando estratégias para resolução dos conflitos, tanto Aluísio quanto Ana têm se utilizado do aumento do tom de voz e/ou da evasão da zona de conflito sob ameaças de separação.

No que se refere à comunicação da Afeição física, ao final da entrevista, tanto o casal quanto os filhos, se abraçaram e se beijaram livremente. Depois da análise das entrevistas transcritas e dos vídeos os avaliadores concluíram que a família, da forma em que se encontra, tende a ser dificultadora da saúde emocional de seus membros.

## 5.2. Perfil da Família B – Uma “família à moda antiga”

A Família B, composta por Baltazar, 39 anos, 2º grau incompleto, vigilante, natural de Pernambuco; Bernadete, 35 anos, 1º grau incompleto, vendedora de perfume autônoma, natural de Pernambuco; Beatriz, 16 anos, cursando o 2º ano do ensino médio; Bianca, 12 anos, cursando a 4ª série do ensino fundamental e Barnabé, 9 anos, cursando a 2ª série do ensino fundamental. O casal está junto há dezoito anos. Moram em três vãos nos fundos da casa da mãe de Baltazar.

### 5.2.1. Síntese da história do casal e da família

As circunstâncias em que o casal Baltazar e Bernadete se conheceu foram as mesmas do casal da Família A, isto é através da influência de amigos e vizinhos quando eles ainda eram muito novos. Aos 21 anos, quando ele ainda estava cursando o 2º ano do 2º grau e não tinha um emprego e ela cursava a 7ª série do primeiro grau, uma gravidez inesperada também os surpreendeu durante o namoro. Por causa disso resolveram parar de estudar para trabalhar, com o objetivo de manter a eles e a criança que haveria de chegar, já que a família de origem de ambos os obrigou a morar juntos. Por não terem condições financeiras, os pais de Baltazar cederam uma parte da casa para que iniciassem a vida conjugal.

Ao falar sobre a chegada dos filhos vimos, através da metacomunicação do casal, ao baixarem a cabeça com um ar de tristeza, que não foi boa a experiência de terem começado a relação por causa da gravidez inesperada. Mas também, em momento algum, o casal disse ou demonstrou que teve vontade de retirar a criança quando soube da gestação. Ao falar em vários momentos sobre o início da vida a dois e a chegada dos filhos, o casal descreveu:

**Baltazar:** Nenhum foi planejado! O primeiro éramos dois adolescentes. A segunda veio depois de algumas inexperiências que existe entre os casais.

**Bernadete:** Na separação!

**Baltazar:** Quase separação né? Num foi tão separação não. Que ocasionou numa reconciliação... E... o terceiro, foi mais inusitado ainda que a segunda. Ela já tava

próxima a ligar, mas teve uma Eclampsia<sup>9</sup>, e aí ficou programado para ligar depois, mas aí acabou não ligando e veio o terceiro.

**Bernadete:** Eu me acho realizada em ter três filhos saudáveis, perfeitos e que tenho problemas como toda família tem, mas que a gente tenta levar na melhor maneira possível. A gente tem três filhos: Beatriz, com 16 anos, Bianca, com 12 e Barnabé com 9. No começo foi difícil, mas agora tá mais tranquilo. Até porque eu tenho três fases, tenho uma adolescente, uma pré-adolescente e uma criança. Aí eu pego as três etapas, mas a minha, né? (risos)

Para Baltazar, a história de sua família é marcada pela falta de planejamento. Para Bernadete, embora expresse estar realizada com a chegada dos três filhos, também deixa transparecer sua inquietação por não estar sendo cuidada por ninguém. A falta de planejamento familiar que demarcou o início da relação até hoje tem sido o que mais dificulta a comunicação e a convivência entre o casal. Como foi possível notar nas falas do casal, logo no início da entrevista, eles disseram que no começo da relação, quando já estavam morando juntos, os dois se separaram por cerca de três meses, após o nascimento de Beatriz. Acreditamos que se tratou de uma crise da adaptação após o nascimento da filha.

Corroborando com a idéia de Jablonski (2001), vemos que até mesmo grandes construções de pedra e ferro, podem ser abaladas e vir a ruir em pouco tempo. Neste caso, não é o tempo de construção que determina o desmoronamento da edificação, mas a falta de um bom projeto de construção e execução. Isto também pode acontecer com a relação conjugal. Alguns fatores determinantes no sentido de se evitar ao máximo as interferências no início de uma relação conjugal são: um projeto de vida em comum, o investimento mútuo na relação, uma vontade de superação de obstáculos por parte da díade, maturidade emocional e a consciência de que uma relação conjugal requer um tempo de maturação. Para Lorente e Cano (2002) os estados emocionais concretos e particulares influem, de um modo ou de outro, na forma com que os cônjuges se relacionam.

Para Féres-Carneiro (2003), quando as pessoas são muito jovens e ingressam numa relação conjugal, que requer muito investimento emocional, os conflitos da adolescência às vezes são reeditados porque falta a eles a maturidade requerida pela vida compartilhada, que subjaz à possibilidade de manutenção da conjugalidade. Nesse mesmo estudo, a autora aponta que grande parte das separações ocorre porque as mulheres alegam que se casaram muito cedo e os homens, por sua vez, ainda não estavam preparados para as

---

<sup>9</sup> Eclampsia – Hipertensão arterial durante a gestação.

responsabilidades da vida conjugal, uma vez que ainda estavam na busca por várias mulheres como processo de afirmação da masculinidade. Foi o que pudemos constatar durante a conversa inicial com Baltazar. Com a continuação da entrevista eles admitiram que o tempo os havia amadurecido. Sobre os fatores que facilitam a convivência disseram:

**Baltazar:** No meu caso é a cumplicidade... Hoje o entendimento que a gente tem como casal já que a gente alcançou assim uma maturidade. Não, vamos dizer assim... Na parte de relacionamento amoroso, de... conjugal... mas a cumplicidade assim mesmo de um contar o que tem para o outro eu acho que é mais maturidade.

**Bernadete:** Hoje é mais o pé no chão, fala mais abertamente. O que aconteceu com ele, eu sei tudo, o que aconteceu comigo ele sabe tudo.

**Baltazar:** [...] Ela acorda pra fazer o meu café de manhã cedo, preparar pra o serviço que eu vou ter. Durante o dia eu trabalho um expediente inteiro, um dia sim outro não. A gente se comunica mesmo à noite. Eu agradeço a Deus porque eu tenho uma esposa à moda antiga que prepara o meu café de manhã e vai me levar até o portão todo dia quando eu vou trabalhar.

**Bernadete:** À moda antiga eu não sei não porque eu não sou tão antiga não (risos). Mas, eu gosto sim, eu me sinto bem fazendo isso.

**Baltazar:** A gente fala sobre tudo, ela me dá o roteiro do dia como foi, eu pergunto a ela sobre os filhos, sobre a casa e aí ela me dá uma palavra sobre tudo o que se passou no dia.

**Bernadete:** Ele passa o dia todo no trabalho, chega à noite. Quando é no outro dia toma café e diz: “Vou sair”. Aí eu fico brava! Eu fico por conta! Quando ele chega, ele já sabe, aí não pede mais nada a mim, vai pedir a Beatriz (referindo-se à filha mais velha).

Nesta última fala, Bernadete deixa transparecer sua mágoa porque no momento em que Aluísio está de folga, ele saí de casa, deixando-a sozinha, quando a mesma gostaria de usufruir de sua companhia. Embora numa primeira análise isto possa nos remeter a um possível indiferentismo por parte de Aluísio, nada mais é do que sua visão sobre o casamento, e Bernadete parece aceitar essa posição.

Vale lembrar que, para Féres-Carneiro (1998), a grande dificuldade de ser casal reside no fato de que duas individualidades têm que conviver e se entender numa única

conjugalidade, onde histórias, projetos e desejos, por vezes, ambíguos se entrecruzam. Foi o que percebermos durante a entrevista ouvindo o casal Aluísio e Bernadete. Duas vidas comuns, porém, com objetivos, projetos e sonhos da adolescência aparentemente incomuns e interrompidos. Ela quer voltar a estudar e ele não faz esforço algum para que isso aconteça, pelo contrário, diz que ela deve ficar em casa cuidando dos filhos até que eles concluam o Ensino Médio, mostrando com essa postura que a função dela é apenas de ser dona de casa. Esse lugar que Bernadete tem ocupado na conjugalidade mais parece com o lugar que Hunt (1991) descreve da mulher do século XVIII: uma mulher talhada apenas para o espaço privado.

Baltazar deseja fazer Educação Física, embora também não crie nenhuma estratégia para concluir o ensino médio e adentrar na Faculdade, utilizando seu dia livre apenas para fugir de um contato mais direto com sua esposa. Desta forma, percebe-se que há entre eles um conflito que dia-a-dia está se aprofundando. Para aumentar a distância entre o casal, há cerca de um ano, Baltazar começou a usar seus dias de folga para ajudar na manutenção e conservação voluntária no Templo da Igreja que o casal participa.

#### 5.2.2. *Resultados obtidos na Entrevista Familiar Estruturada (EFE)*

Após a aplicação da EFE com a família, no sentido de ver o funcionamento comunicativo do casal dentro do sistema familiar pudemos perceber algumas questões relevantes que vale destacar. A primeira questão tem a ver com a posição de Baltazar quando foi sugerido à família o planejamento conjunto de uma mudança num prazo de um mês.

Imediatamente após a explicação da tarefa, Baltazar tomou a palavra e disse:

**Baltazar:** Quem ia coordenar essa mudança seria eu. E seria definido da seguinte forma: cada um arrumaria as suas coisas individuais, primeiro antes de acontecer a mudança. Lógico que primeiro eu teria que contratar um serviço de mudanças, um caminhão.

**Beatriz:** É, né?

**Barnabé:** Painho diz e a gente vai atrás.

**Beatriz:** É porque não tem outro jeito mesmo. Se tivesse...

**Entrevistador:** Qual seria a alternativa que você acha Beatriz?



**Beatriz:** (de cabeça baixa e cutucando as unhas diz:) Num tem outro jeito não... E, se tivesse, painho não ia deixar eu discutir com ele não.

Pela fala de Bernadete ao dizer que ele gosta de tudo à moda antiga, o fato de sair nos dias de folga, deixando-a sozinha e a fala da filha ao dizer que não adiantaria opinar sobre a mudança, concluímos que Baltazar parece adotar o modelo de funcionamento hierárquico de família, em que o homem detém o poder e a autoridade sobre a mesma. Impedir que os filhos e a esposa possam participar das decisões familiares é possibilitar, gradativamente, a despersonalização do outro e a desconfirmação do “eu” do outro (Watzlawick *et. al.* 2007). É como se dissesse: “você não existe!”. Para o autor, esse tipo de comportamento de Baltazar acaba gerando uma comunicação disfuncional, não só entre ele e sua esposa, mas também entre ele e seus filhos. Isto abre espaço para incompreensões e ressentimentos. Neste sentido, os efeitos pragmáticos desse tipo de comunicação sobre o comportamento da esposa e dos filhos podem ser prejudiciais, já que Baltazar ignora o valor interpessoal de sua relação como esposo e de pai. Note-se, por outro lado, a passividade de Bernadete que não se impõe. Numa comunicação interpessoal deve ser levado em consideração tanto o aspecto do conteúdo quanto o da relação (Watzlawick *et. al.*, 2007). Negar esse segundo aspecto é desenvolver uma comunicação de complementaridade do tipo: “eu já sei o que você quer dizer” e acaba completando a fala do outro, sem deixar que esse exprima sua opinião, o que é prejudicial à relação. Para Lorente e Cano (2002) só é possível exercer uma comunicação conjugal saudável e integrativa quando há maturidade pessoal que se caracteriza pela abertura, não só para um contato com o outro, mas também para ser afetado pela comunicação do outro.

Diante da situação descrita pelo casal e a família como um todo, após a avaliação das categorias da EFE, tanto o entrevistador quanto o juiz concordaram que a comunicação do casal e, por conseguinte a dos filhos é congruente, clara e com direcionalidade e carga emocional adequada. Quanto à comunicação dos Conflitos e da Manifestação da Agressividade, eles estão presentes, tanto entre o casal quanto entre os filhos, porém, são vistos de forma destrutiva e com direcionalidade adequada, uma vez que tanto o casal quanto os filhos puderam expressá-los livremente durante a entrevista. Chamamos a atenção, para a passividade de Bernadete frente aos conflitos vivenciados pelo casal, o que nos faz pensar numa comunicação baseada na complementaridade: ele manda e ela obedece.

No que se refere à comunicação da Afeição Física e Interação Conjugal, apenas Barnabé manifestou-as junto ao pai e só depois de algum tempo foi que Bernadete abraçou apenas as filhas; ficou claro, através da metacomunicação e do semblante de tristeza de

Bernadete que há uma crise conjugal para além das questões postas pelo casal durante a entrevista. Por fim, quando foram correlacionados os dados da avaliação entre o Entrevistador e o Juiz, de acordo com os referenciais da EFE, eles consideraram a família como dificultadora de saúde emocional. Ao analisarmos as metacomunicações do casal e dos filhos, percebemos que ainda há outras situações que estão servindo como preditoras de dificuldades tanto na comunicação quanto na convivência do casal e dos filhos e que vale a pena destacar, tais como: a) Falta de planejamento na concepção e educação dos filhos desde o início da relação e que se perpetua até os dias atuais; b) Medo que o casal tem de que se repita na história das filhas, em especial, da filha mais velha, a mesma história que ocorreu com eles, isto é, uma gravidez inesperada. Sendo assim, há uma hiper vigilância sobre Beatriz e um afrouxamento com relação à Bianca e Barnabé, o que tem acarretado constantes conflitos entre o pai e a filha mais velha e, por conseguinte, conflitos na relação fraterna, uma vez que os demais irmãos não entendem a deferência dos pais com relação à Beatriz; c) O ciúme que Baltazar tem do relacionamento que Bernadete desenvolve com seus filhos, como se esperasse um carinho da mesma forma, só que em conversa com o pesquisador, após a entrevista, disse não saber mais como se aproximar afetivamente de sua mulher.

Apesar dos conflitos identificados, duas frases nos chamaram a atenção para a possibilidade de resolução dos conflitos.

**Baltazar:** Esta pesquisa foi um pequeno momento de reflexão sobre nosso relacionamento e que tenho que melhorar muito a minha realidade.

**Bernadete:** Sou sonhadora e desejo ser muito feliz comigo e com minha família.

### 5.3. Família C – “Uma família que pedi a Deus”

A Família C é composta por Carlos, 43 anos, 1º grau completo, vigia, natural de Pernambuco; Conceição, 37 anos, Técnica em Contabilidade, natural de Pernambuco; Clarisse, 12 anos, cursando a 7ª série do ensino fundamental e Clara, três anos, cursando o Jardim 1. O casal está junto há 12 anos. A família mora atualmente num apartamento financiado.

#### 5.3.1. Síntese da história do casal e da família

As circunstâncias que levaram ao conhecimento mútuo do casal Carlos e Conceição foi a de que se conheceram no ambiente de trabalho há 12 anos.

**Conceição:** A gente se conheceu na verdade no meu trabalho, né? Eu já trabalhava, ele entrou lá como vigilante e desde a primeira vez que o vi, vou dizer que realmente dentro de mim... mexeu comigo! (risos) E nunca imaginei que fosse sair namoro, mas... Começou esse clima assim de sentimento, querer conhecer. [...] foi quando entrou no setor lá, né? E começou a conversar, a tirar brincadeiras e que veio a levar a mostrar algum interesse em mim.

Na época, Carlos havia acabado de sair de um relacionamento em que foi traído e estava sem conseguir acreditar na possibilidade de outro relacionamento.

**Carlos:** Acho que assim, o propósito de Deus de eu entrar ali naquele trabalho foi conhecê-la. Porque assim... eu tava passando por algo mais... um certo momento da vida meio difícil... aí então assim, eu... Pedi a Deus pra que Deus me mostrasse uma pessoa certa pra que eu pudesse confiar e puder chegar a casar, entrei pro trabalho e a gente se conheceu.

Foi quando, ao ingressar numa empresa como segurança, acabou por conhecer Conceição. Segundo relata foi amor à primeira vista, mas afirma que, no início, não foi nada fácil conquistar o coração de Conceição. Alega que foi após muita insistência por parte dele que a relação veio a se iniciar.

Logo após iniciarem o namoro, no auge da paixão, sem se precaverem e nem fazerem qualquer tipo de planejamento, a surpresa veio: Conceição engravidou. Ela afirma que não foi fácil essa situação, já que toda a família passou a julgá-la de forma errônea como

se tivesse cometido um grande mal. A situação foi amenizada pela responsabilidade de Carlos que, de imediato, a convocou para assumir a relação e irem morar juntos.

Pouco tempo depois de Carlos e Conceição estarem juntos, ele acabou por perder sua mãe de forma repentina por causa de problemas cardíacos. Disse sempre ter se sentido um filho bastardo, situação que não quis elucidar durante a entrevista, o que nos faz pensar sobre a possibilidade de um segredo em família. Segundo conta, ele e sua mãe tinham uma ligação muito forte e ela havia sido até então, a única pessoa que o tinha acolhido como pessoa e com quem tinha uma profunda ligação de afeto e amizade. Disse isto com lágrimas nos olhos e de cabeça baixa. Chegou a dizer que se não fosse a presença de Conceição em sua vida, naquele momento, não sabe o que teria sido de sua existência.

**Carlos:** [...] entrei pra trabalhar naquele hospital e a gente se conheceu. [...] Minha mãe veio a falecer e se eu não tivesse casado é, eu acho que hoje eu estaria completamente desestruturado, mas Deus é tão bom comigo que eu consegui me estabilizar e quando minha mãe foi embora eu já tava casado, já tava estruturado na minha casa, com minha família e eu acho que isso aí foi fundamental pra tudo na minha vida.

De acordo com Figueredo (2006), admiração, respeito, desejo por companheirismo e pela pessoa amada caracterizam-se como atitudes que favorecem a construção de uma boa relação conjugal. Neste sentido, mesmo antes da relação existir, optar por idealizar a relação, seja essa pedida a Deus ou à própria consciência e vontade, pode representar um compromisso e um desejo de investimento na relação a ser estabelecida, bem como um compromisso de convivência em longo prazo (Sternberg, 1986). No entanto, o que nos chama a atenção no início da relação desse casal e do estabelecimento desta família é a forma com que Carlos descreve o início do namoro, ou seja, após muita *insistência*. Retomemos aqui sua fala:

**Carlos:** Por muita insistência minha, a gente começou a namorar e graças a Deus a gente casou e hoje vive dentro da nossa realidade bem...

De acordo com Figueredo (2006), a fala vai demarcar o terreno das interações entre as pessoas e quanto mais evidenciada e oportunizada for a comunicação do casal, maior será a intimidade. Comunicar insistentemente um desejo, no sentido de clarificar sentimentos é também estabelecer a manutenção dessa intimidade desejada. Segundo a autora, a

habilidade comunicacional envolve uma livre expressão de pensamentos e sentimentos cuja finalidade é a de alcançar o outro.

Em nosso entendimento, à medida que Carlos falou sobre o momento de flerte por Conceição e de sua insistência em que ela aceitasse iniciar uma relação de amor com ele, o mesmo estava tentando clarificar o que Watzlawick *et. al.* (2007) descrevem de que é preciso sintonizar a semântica entre emissor e receptor, no caso, entre o emissor Carlos e a receptora Conceição. Quando Conceição disse que: “aquela insistência mexeu comigo”, demonstra que a obstinação de Carlos em querer conquistá-la não teve um caráter de apropriação possessiva preconizada por Lorente e Cano (2002), mas sim de troca afetiva. Segundo contam, desde essa época o casal tem buscado interagir e interpretar a comunicação um do outro, tanto no nível verbal quanto metacomunicacional. Isto é possível perceber na resposta que deram quando foram questionados sobre a forma que normalmente acolhem a comunicação um do outro.

**Conceição:** Eu sou muito de expressar, quando eu tô feliz, quando eu tô alegre... quanto eu tô triste. Só em olhar pra minha fisionomia já dá pra perceber. Ele eu acredito que dá prá captar essa forma de expressão minha.

**Carlos:** [...] Hoje eu percebo às vezes quando ela tá irritada, quando ela tá com algum tipo de problema no trabalho, quando ela quer falar. [...] Agora eu sou mais de chamar e a gente conversar é... se a gente tiver passando alguma dificuldade referente... eu converso, procuro conversar com ela é... sempre peço a ela pra que a gente, a gente, possa sempre tá conversando prá que não, não guarde coisas que... mais tarde possa vim é... a fazer alguma diferença em nosso relacionamento.

Parece haver um ruído na comunicação entre o casal, já que a semântica utilizada por Conceição, em grande parte é feita pela metacomunicação analógica enquanto que a de Carlos pela comunicação digital. Isto é, enquanto Carlos prefere conversar sobre o que se passa entre o casal (comunicação digital), Conceição opta apenas pelos gestos e expressão facial, esperando que Carlos a compreenda, isto é, uma comunicação totalmente sob as bases metacomunicacional que, por sua vez, é considerada como analógica. Para Watzlawick *et. al.* (2007), as duas formas podem ser desenvolvidas, mas para que isso ocorra é preciso haver um acordo sintático entre emissor e receptor a fim de haver uma pragmática de acordo com a comunicação anunciada. Sobre o acolhimento da comunicação entre o casal pudemos notar que há uma dificuldade por parte de Carlos de aceitar um não por parte de Conceição quando

se trata de impedi-lo de realizar seu desejo de comprar, embora o discurso de Carlos seja o de que há sempre uma concordância entre eles:

**Carlos:** A gente nunca faz uma coisa sem antes conversar com o outro, pra saber se realmente aquilo ali dá pra ser feito, aí eu gosto muitas vezes, assim é, quer dizer, eu tô na cidade fazendo alguma coisa que não é aquilo que eu fui fazer, quando chego lá né, deparo com uma coisa de que estamos precisando, aí eu ligo pra ela... Conceição! E aí dá pra gente comprar? Ela fica meio assim, mas eu digo: a gente faz assim, a gente faz assim, e a gente termina comprando, não é? Por que, porque eu acho assim, que a gente, às vezes, perde a oportunidade por ter medo. Eu no meu pensamento, eu não tenho medo de fazer nada não, porque eu tenho certeza que eu tenho um Deus que Ele vai suprir aquela minha necessidade.

É importante notar que embora Carlos tenha dito que nunca faz nada sem conversar antes com Conceição, muitas vezes, mesmo que tenha acontecido um acordo tácito, esse acordo é quebrado de forma unilateral por ele. E, aparentemente, para justificar a quebra de acordo com a esposa, Carlos toma o discurso religioso como anteparo justificativo de sua atitude, embora o que parece estar subjacente é uma posição machista de dar a última palavra. Figueredo (2006) assinala que, do ponto de vista histórico e cultural, há uma diferença na forma de comunicação entre homens e mulheres dentro da relação conjugal. Para ela, as influências sociais têm levado o homem, no decorrer da história, a ocupar um lugar de palavra final nas decisões e à mulher o lugar de submissão, embora isto esteja mudando na contemporaneidade. Para Brehm (1985 como citado em Figueredo, 2006), a diferença comunicacional entre homens e mulheres, na atualidade, está mais no campo do aparente do que do real. Questionados sobre os fatores que mais têm dificultado a comunicação do casal, Conceição respondeu:

**Conceição:** No dia-a-dia pra mim eu acho que é porque, assim, é claro que tem de ir de acordo com as dificuldades... A jornada de trabalho é muito pesada pra quem trabalha fora, no caso eu como mãe... Tenho que antes de trabalhar, fazer diversas coisas, aí o dia todo fora. [...] Quando eu chego à noite, já tenho que preparar tudo para o dia seguinte, aí fica assim, um pouco cansativo. Aí, se de repente o financeiro me ajudasse, melhorasse um pouco, desse pra colocar alguém pra me ajudar, seria... melhorava um pouco mais a nossa vida, a gente ter mais tempo de conversar, de cuidar mais das meninas, dar mais atenção, um tempo de mais qualidade que eu não tô conseguindo.

É possível verificar, através da fala de Conceição, as interferências que em sua opinião estão afetando a comunicação e a convivência do casal, bem como a educação das

filhas, tais como: a dupla jornada de trabalho, as dificuldades financeiras e a falta de tempo para se individualizar com Carlos e melhor exercitarem a comunicação conjugal, o que, em sua opinião, tem produzido uma má qualidade de vida familiar.

A pesquisa da filial brasileira da *International Stress Management Association (Isma)* em matéria de Rosana Zakabi (2006) aponta que é um mito dizer que as mulheres que têm dupla jornada de trabalho têm mais estresse do que as que não tem essa dupla jornada. No entanto, numa direção oposta à pesquisa supramencionada, Conceição apresenta-se como uma mulher estressada, cansada e com um nível de baixa auto-estima muito grande, afetado também por causa do baixo salário e da dupla jornada de trabalho ao chegar à sua casa.

De acordo com Vaitsman (1994) e Lipovetsky (2000, como citado em Silva, 2007), até a década de 50 do século XX, as tarefas domésticas estavam coligadas à questão de gênero, onde os papéis dentro do lar eram claramente definidos. Conforme descreve Hall (1991) ao homem era dado a tarefa de ser o supridor financeiro e à mulher a tarefa de cuidar do lar. Este fato, de acordo com Hintz (2001), vem passando por alterações significativas a partir da emancipação feminina, através da inserção da mulher no mercado de trabalho, fazendo com que as tarefas tanto do homem quanto da mulher até mesmo dentro do ambiente familiar sejam de caráter “igualitário-participativo” conforme descreve Lipovetsky (2000, como citado em Silva, 2007, p.154).

Para Silva (2007), o conceito de “família igualitária” trouxe ao palco das discussões uma rediscussão de papéis, bem como uma redistribuição de tarefas pelo casal, embora considere que, do ponto de vista cultural, ainda há uma delegação subjetiva para a mulher de que as tarefas de casa sejam apenas de sua responsabilidade. É o que vimos no casal Carlos e Conceição: uma relação até certo ponto, igualitária. Pois, embora Carlos se sinta cansado com a dupla jornada de trabalho, ele também compreende a dupla jornada de sua esposa e está fazendo o possível para colaborar com Conceição na divisão de tarefas.

**Carlos:** [...] Eu até entendo que é difícil pra ela trabalhar fora e quando chega em casa trabalhar também, eu entendo. Agora, eu entendo também a minha parte [...] eu passo o dia todo com as meninas, é almoço, é banho, é, é escola, tarefa, tudo isso fica pra mim, então se torna muito pesado também, não é? Me sobrecarrega, porque você tendo um espaço para descansar um pouco, mas mesmo assim você, você não, não consegue descansar. O que você descansa em casa, então você vem de uma jornada de 12 horas e quando chega em casa não dá tempo descansar, tem que vir buscar as meninas pra levar pra casa, prá dar almoço.

Aqui é importante lembrar que, para Jablonski (1998), quando uma família e/ou um casal reconhece que está vivendo uma crise é sinal de uma grande oportunidade de mudanças e transformações por vir. Neste caso, a crise pode ser preditora não apenas de dificuldades, mas de crescimento para todos aqueles que estão envolvidos. Neste sentido, podemos verificar que a busca por participar desta pesquisa e abrir a crise vivenciada pelo casal, constitui-se numa estratégia para a resolução dos conflitos, tanto no nível comunicacional quanto de convivência.

Para Diniz (2009) é preciso desmistificar a idéia de que apenas a mulher tem deveres domésticos. As questões de gênero que têm criado dilemas nesse campo da conjugalidade precisam ser redefinidas sob a ótica de uma mútua parceria em todos os sentidos e tarefas que a vida conjugal impõe. Para ela, o casamento contemporâneo, ainda que seja marcado por pressões e exigências, é também um fomentador da criatividade dos parceiros, onde dia-a-dia há a oportunidade de redefinição de papéis. Sendo assim, o sucesso da relação dependerá, em grande parte, da capacidade que os cônjuges têm de valorizar o tempo em comum com o tempo das exigências da sobrevivência social, tais como: trabalho, cuidar de filhos e da educação continuada.

Mesmo em meio à anúncia da crise pela dupla jornada de trabalho e sua interferência na comunicação do casal e na vida a dois, quando responderam sobre como se sentem estando com a pessoa que resolveram escolher para partilhar a vida, o casal fez questão de dizer que o que os une é maior do que o que os separa. Observemos:

**Conceição:** Ah! Eu me sinto bem. [...] Se tivesse que escolher novamente, eu o escolheria novamente, mesmo com seus defeitos. Claro que tem, né? Pessoas falham, mas, assim, eu creio que Deus preparou ele pra mim, ele me completa.

**Carlos:** Da mesma forma eu falo, sabe por quê? Porque quando eu pedi a Deus, eu pedi numa hora de é, angústia. Eu tava meio perdido assim, sem saber em quem confiar, quem procurar, e mesmo sem ser cristão, eu cheguei a Deus e pedi pra que Deus colocasse uma pessoa como ela e Deus colocou!

### 5.3.2. Resultados obtidos na Entrevista Familiar Estruturada (EFE)

Após a aplicação da EFE e de acordo com as análises das categorias investigadas, verificamos que: no aspecto da Comunicação do casal e dos filhos, a mesma é congruente, clara, com direcionalidade e carga emocional adequada. Quanto à Comunicação dos Conflitos



e da Manifestação da Agressividade, eles estão presentes e com direcionalidade adequada e foram expressos de forma livre, tanto pelo casal quanto pela filha mais velha. Quanto à filha mais nova ainda não se pôde perceber em face da pouca idade. Em nenhum momento os avaliadores perceberam qualquer tipo de tentativa de bloqueio na comunicação dos conflitos e/ou da agressividade por qualquer membro da família, o que pressupõe uma valorização positiva dos conflitos.

Na metacomunicação da Afeição Física, constatamos, através da análise das atitudes gestuais de Conceição nos vídeos da entrevista, que ela está com dificuldades de demonstrar sua afetividade por Carlos e, conseqüentemente, sua filha mais velha – Clarisse - tem tido a mesma dificuldade com relação a seu pai. Neste caso, percebemos um pouco de ausência de carga emocional adequada na manifestação dessa categoria. Na Interação Conjugal e Individualização do Casal, apuramos que a díade tem tido certa interação quanto à educação e decisões ao dia-a-dia da família quando se refere às decisões domésticas, mas carece de maior interação e individualização com relação à vida do casal, uma vez que não se diferenciam das filhas e não desenvolvem atividades apenas para o casal. Contudo, com base nos referenciais da EFE, os avaliadores concluíram que a família é facilitadora de saúde emocional.

Por fim, destacamos ainda alguns fatores que estavam/estão servindo de preditores de dificuldades tanto na comunicação quanto na convivência do casal e da família: a) Segredo guardado, das filhas e, segundo o casal, de alguns familiares, e revelado voluntariamente por Conceição de que o casal iniciou a relação com uma gravidez inesperada. Fato que ao ser elencado na hora da entrevista causou surpresa para Carlos, mas que, ao final, disse ter sido bom falar sobre essa questão. O casal havia feito um pacto de não falar sobre o assunto com medo de que isso pudesse afetar o futuro das filhas, isto é, de que as filhas viessem a repetir a história do casal em seus futuros relacionamentos, o de ter uma gravidez inesperada. Trata-se do mesmo medo presente no casal Baltazar e Bernadete, da Família B. Pudemos perceber que o fato desse pacto ter sido desfeito no momento da entrevista possibilitou ao casal se destravar em relação ao passado e construir um diálogo mais franco e aberto entre eles; b) A dupla jornada de trabalho a que ambos estão submetidos tem servido como preditor de dificuldades na comunicação entre eles e no pouco exercício da individualização do casal, o que tem afetado as filhas e as relações sociais do casal, já que por se sentirem cansados não têm ânimo para brincar e/ou sair com as filhas e nem de manter maiores contatos sociais; c) Falta de melhores condições financeiras do casal para suprir as exigências da família.

#### 5.4. Família D – *Uma família que “tenta, mas não consegue”*

A Família D é composta por Deivson, 38 anos, 2º grau completo, vendedor, natural Recife, Pernambuco; Débora, 32 anos, professora do ensino fundamental, natural da Zona da Mata de Pernambuco; Davi, 10 anos, cursando a 4ª série do ensino fundamental e Denise, quatro anos, cursando o Jardim 1. O casal está junto há 11 anos. Além dos filhos com Débora, existe outro filho, Daniel, 14 anos que está na 8ª. série do ensino médio e que é filho do primeiro casamento de Deivson com outra pessoa. Daniel mora com a mãe. A família não tem casa própria e moram numa casa emprestada pelos familiares de Deivson.

##### 5.4.1. *Síntese da história do casal e da família*

As circunstâncias que levaram ao conhecimento mútuo do casal foram bem interessantes.

**Débora:** (Risos) No meu caso foi que eu vim do interior trabalhar na cidade grande e procurei uma pessoa que me acolhesse e me protegesse e foi ele. Eu vim trabalhar numa creche, e ele foi prá lá como voluntário.

**Deivson:** Mais ou menos. (risos)

Deivson conta que o fato de ter ido trabalhar como “voluntário” na creche onde Débora trabalhava foi apenas um meio de se aproximar dela, uma vez que desde que um amigo os apresentou ele não conseguiu mais se esquecer dela. Fala que, no início, teve muito medo de que não desse certo, já que ele havia acabado de sair de um casamento que não deu certo e que a pressão social que sofria para não se precipitar era muito grande. Mas, ele disse:

**Deivson:** Eu olhei, ela olhou e me apaixonei e já estamos aí há 11 anos.

De acordo com Sternberg (1986), o medo e a incerteza no início de qualquer relação amorosa são naturais. Para ele, qualquer casal que buscar desenvolver intimidade o início será sempre marcado por interrupções e uma série de dúvidas, tanto a nível emocional quanto cognitivo sobre se a relação se desenvolverá ou não. O início da relação entre Deivson e Débora teve exatamente essa configuração. Segundo o autor, à medida que a relação vai avançando também é natural que os medos, os sentimentos de insegurança e as interrupções vão sendo debelados e a necessidade de estar juntos e de manter uma comunicação mais

íntima propicia o terreno ideal para o surgimento do intenso sentimento chamado de paixão. Foi a partir dessa intensa paixão estabelecida que Deivson e Débora que logo no início da relação, ela engravidou.

**Débora:** Aí a gente começou com amizade e tudo foi muito rápido, de repente a gente começou a namorar e aí a gente ficou, desde 1998.

Eles contam que no início da relação o processo de adaptação não foi fácil:

**Débora:** Foi complicado. Assim, foi muito complicado até porque assim, a gente veio de casa diferente, até de maneiras diferentes, de cultura diferente, no início foi complicado assim, a gente se juntar foi bem difícil.

**Deivson:** Foi barra!

**Débora:** Foi!

**Deivson:** E a questão cultural foi altamente determinante. Você vê... conhecer outras idéias, outros valores né? Mas... hoje eu acho que..

**Débora:** Tá superado. (risos entre os dois)

Como se sabe, optar por uma relação de longo prazo não é simplesmente escolher viver uma eterna paixão, um desejo de se sentir protegida e acolhida numa cidade grande como foi o caso de Débora, ou mesmo superar as barreiras culturais e sociais. Faz-se necessário que o casal invista num tipo de diálogo cada vez mais franco, aberto e interativo, a fim de amadurecer na relação e se preparar para os inevitáveis conflitos que a vida a dois impõe. Neste sentido, não há como prescindir da idéia de Sternberg (1986) de que para uma relação amorosa dar certo é preciso que ambos os cônjuges estejam juntos por causa de uma mútua escolha e que as motivações dos dois tenham consonância. Quando esses elementos não são levados em consideração, a comunicação conjugal tende a sofrer interferências de todos os tipos, por exemplo: indiferentismo, ciúmes, independentismo, manipulação, apropriação possessiva, preconizadas por Lorente e Cano (2002), além das que já descrevemos em Watzlawick *et. al.* (2007). Uma forma de constatar essa realidade é observar a resposta dada pelo casal quando questionado como normalmente acolhe a comunicação um do outro.

**Deivson:** Bem, a gente tenta manter o diálogo, mas... [...]

**Débora:** Geralmente é assim: ele questiona e me “espreme na parede”, aí eu falo pouco!

**Deivson:** Baseado nisso eu... eu não tô colocando culpa, tá? Eu tô colocando que eu já disse a ela inclusive que ela teria que trabalhar isso de alguma forma. Se fosse necessário até fazer uma terapia. A gente veria como fazer isso, se a dupla em si ou ela... Até porque a coisa vem antes do casamento da gente. Eu acho que a coisa tem que partir para uma terapia. Ela acha que não, mas quem sabe um dia eu consigo convencê-la a fazer.

**Débora:** Até porque é assim... eu acho que o que eu falo e o que eu tenho que falar tá certo.

Parafraseando Maturana (2002, como citado em Cerveny, 2004) sobre o surgimento do mundo comunicante como sendo aquele que se dá a partir da comunicação que fazemos com nossos semelhantes, o universo das relações conjugais só pode surgir da propiciação de uma comunicação interpessoal; evadir-se dessa possibilidade é viver em um mundo relacional incapaz de ser efetivado. Para Martino (2008), é somente através da linguagem que se pode estabelecer uma designação e uma comunhão entre os participantes da mesma. Nesse sentido, não oportunizar o diálogo, dentro do ambiente conjugal, de forma livre e com clareza é tolher o outro do direito de compartilhamento de idéias e ideais e de crescimento e amadurecimento. É o que parece estar acontecendo na relação deste casal.

Para o autor (2008) não é possível dizer que alguém se comunica com outro se esse não tem o interesse de romper seu silêncio e se por em relação. Na dinâmica de qualquer relação é preciso ter em mente o desejo de se comunicar com o mundo que o cerca. Essa crise na comunicação entre Deivson e Débora pôde ser vista com maior profundidade quando eles falaram sobre as coisas que dificultam a comunicação e a convivência do casal.

**Deivson:** É... eu sinto uma dificuldade muito grande de conversar com Débora [...] Eu sempre pergunto algumas coisas e ela não me responde, ela sempre diz: “não sei, não sei, não sei”. E eu acho que isso não facilita a convivência da gente. E ela sabe disso. Eu tento e eu não consigo obter respostas aos questionamentos. Infelizmente eu não consigo.

**Débora:** É... assim, eu acho que vem de mim mesmo essa dificuldade de conversar, de se expressar, e ele sabe disso. Eu acho assim, tá em mim. Eu sou assim uma

peessoa muito fechada, uma pessoa que mede muito as palavras para falar e eu acho que isso às vezes atrapalha. [...] Assim, quando ele insiste muito aí saí um pouquinho. Mas é complicado.

Ao que parece, a opção feita por Débora na relação foi a de exercitar uma comunicação analógica enquanto que Deivson prefere à digital, conforme já vimos essa mesma situação entre o casal Carlos e Conceição da família anterior. No entanto, para Giacoia Júnior (2006), a comunicação deve ser um exercício diário, uma vez que ela nos dá a consciência de quem somos e sem essa tomada de consciência não há como estabelecer interação com os outros. Neste caso, fica clara a barreira comunicacional entre os dois. Embora Débora ache que não esteja comunicando nada a Deivson com sua atitude de recusa ao diálogo, para Watzlawick *et. al.* (2007), o silêncio também comunica algo. Neste sentido, os silêncios dela e a insistência verbal dele estão entrando em conflito e servindo para afastá-los cada vez mais.

Para acentuar a dificuldade de convivência verificamos que, por causa da difícil situação financeira que estavam enfrentando, o casal teve que se separar do convívio diário durante a semana. Há um ano e meio, de segunda a sexta-feira, Débora viaja para uma cidade da região da Zona da Mata do Estado de Pernambuco, onde leciona e leva consigo os filhos por ter direito a moradia, alimentação e escola. Por sua vez, Deivson fica sozinho em Recife, onde trabalha como vendedor numa loja de carros. Devido a essa situação, é perceptível a distância comunicacional em que o casal se encontra, a ponto de descrever que a maior necessidade é de compreensão e estarem novamente junto como uma família:

**Deivson:** [...] Espero que ela tenha sacado que essa questão do bloqueio dela em relação de algumas informações, até da infância, da adolescência, que eu acho que é algum bloqueio dela que eu espero que um dia resolva.

**Débora:** Eu acho assim: que ele não queira ficar tá discutindo a relação o tempo todinho, toda vez que a gente se encontra que isso cansa. [...] Eu acho que ele insiste muito em eu ter que tá falando e assim... eu me sinto muito presa. Eu acho assim: que a dificuldade é tá mais próximo, tentar tá participando mais da criação dos meninos.

**Deivson:** No caso dessa dificuldade que eu acho que é mais... Mais constante, as outras estão incluídas nessa. Trazer todo mundo prá junto. Tentando pelo menos convencimento que é meio complicado, mas um dia a gente chega lá né?

**Débora:** (ela rapidamente disse:) Não, não (risos contidos) Eu me sinto muito presa porque quando eu chego de viagem ele fica insistindo muito para conversar e eu me sinto muito presa.

Para os autores, quando não há comunicação surgem barreiras que diferenciam, separam e podem aniquilar a relação. É importante lembrar que para Watzlawick *et. al.* (2007) o aspecto emocional vai sempre determinar o conteúdo da comunicação. O presente casal parece transitar entre a desconfiança, o medo e a insegurança. Apesar de que quando foram questionados sobre como se sentem estando ao lado da pessoa que escolheram e os fatores que facilitam a comunicação e a convivência do casal, eles responderam:

**Deivson:** Apesar das dificuldades a gente tem... de alguma forma interagido. Tem dificuldade é... como todo casal. Dificuldade financeira... Mas no que der e vier acho que ainda há a comunicação na questão do amor. Acho que se eu tivesse perdido, apesar de que algumas vezes a gente se encontra em contradição em relação ao amor... Acho que hoje... Hoje ainda existe um quê dentro das coisas que influem. Acho que a maior dificuldade da gente foi à questão financeira, mas hoje eu acho que as coisas são mais equalizadas.

**Débora:** Eu me sinto bem. Apesar de que eu já... Teve hora que ele disse que eu não queria mais ficar tá junto. Apesar de que a questão financeira influi muito. Influi muito a questão financeira. Foi praticamente desde que a gente casou até um mês atrás, até eu tive que trabalhar fora... Mas, hoje em dia tá bem melhor. [...] Eu acho assim que... praticamente eu sou o oposto dele. Ele é explosivo, eu sou mais calma. Ele é mais assim: emoção, eu sou mais razão. Ou ele é mais razão e eu mais emoção. Eu acho assim que eu sou o oposto dele e assim eu acho que isso facilita.

A crise talvez esteja mais acentuada porque como dizem Féres-Carneiro (1998) e Rossi (2003) há duas individualidades que estão precisando se ajustar em face da realidade do casamento contemporâneo, marcado, principalmente, pela emancipação da mulher e que, por ora, essas vicissitudes estão se conflitando neste casal.

Por fim, destacamos outro fator que está servindo de preditor de dificuldades tanto na comunicação quanto na convivência do casal e da família: a interferência da família de origem, uma vez que para a mãe de Deivson, o fato de Débora ter ido trabalhar em outra cidade durante a semana é sinal de que ela não nutre mais amor pelo seu filho, o que Deivson pontua como algo que o deixa triste. Esse comentário por parte de sua mãe acaba afetando sua confiança na relação.

#### 5.4.2. *Resultados obtidos na Entrevista Familiar Estruturada (EFE)*

Após a aplicação da EFE, verificamos que: no aspecto da Comunicação do casal e dos filhos, a mesma é congruente, com direcionalidade adequada e sem carga emocional adequada, precisando melhorar a comunicação digital e analógica tanto de Deivson quanto de Débora. Quanto à comunicação dos Conflitos e Manifestação da Agressividade, eles não foram expressos. Já na metacomunicação da Afeição Física, constatamos que houve dificuldade por parte de Débora de demonstrar seus sentimentos, enquanto os demais manifestaram livremente. Na Interação Conjugal e Individualização, verificamos, através das falas paralelas do casal durante a entrevista, o que pudemos rever através do vídeo gravado, que o casal não tem interagido entre si. A interação tem sido apenas no nível das resoluções das situações sociais concernentes aos filhos, tais como: escola, vestuário e alimentação. Os filhos conseguem se individualizar, mas o casal não.

Como repercussão social, o casal tem se esquivado de contatos com outros casais e como consequência, os filhos estão crescendo sem laços de amizades sociais freqüentes, a não ser os efetuados no ambiente escolar. Principalmente Davi, de apenas dez anos, que se apresenta como um garoto muito pensativo e que não gosta de sair de casa. Ao final, os avaliadores, com base nos referenciais da EFE, consideraram a família como facilitadora de saúde emocional, apesar do conflito existente na comunicação entre o casal.

## 5.5. Família E – *Uma família “que anseia formar sua própria cultura”*

A Família E é composta por Eduardo, 39 anos, 2º grau completo, natural de Pernambuco, operador de máquinas, afastado das atividades profissionais por ter sido submetido a uma cirurgia na coluna para colocação de pinos; Edna, 34 anos, 3º. grau completo com o curso de pedagogia, desempregada, natural de Pernambuco; Edmar, 15 anos, cursando a 8ª. série do ensino fundamental e Edite, 9 anos, cursando a 3ª. série do ensino fundamental. O casal está junto há 16 anos. A família não dispõe de casa própria, moram na casa do pai de Eduardo que é viúvo.

### 5.5.1. *Síntese da história do casal e da família*

As circunstâncias que levaram ao conhecimento mútuo se deram a partir da adolescência, quando ela ainda estava com 13 anos e ele com 17. Mas, o início da conjugalidade entre os dois só ocorreu quando ela estava com 18 e ele com 23 anos por causa de uma gravidez inesperada durante o período em que estavam noivos.

**Eduardo:** O motivo que nos levou a se conhecer? Eu creio que é aquela busca dos jovens, né? Ela com treze anos de idade pra quatorze e eu tinha quase dezoito. E aquela busca do jovem de querer namorar, querer se relacionar e... começou, partiu daí.

**Edna:** Eu também tava em busca, eu conhecia ele primeiro, né? Ele nem sabia que eu tinha desfrutado desse certo sentimento por ele. Eu fui em busca desse relacionamento, como eu já gostava dele há muito tempo eu fui em busca desse relacionamento, lutei por isso e terminou que a gente se encontrou e desenvolveu uma relação que deu em nosso casamento.

De acordo com Fromm (2006) e Jablonski (1988) todo ser humano traz consigo um vazio existencial que busca preenchê-lo através do amor, o que caracteriza as circunstâncias que os levaram a se conhecer. Afinal de contas, o fato de dois adolescentes buscarem se amar e iniciar uma relação de longo prazo é algo normal se tomarmos com base o pensamento de Bauman (2004). Para o autor, amar não é estar seguro, pronto, formado e totalmente acabado diante da vida, mas sim ter a capacidade de se abrir ao destino, que se constitui na condição mais inquietante e sublime que se põe diante da existência humana.



Quanto à forma como geralmente o casal acolhe a comunicação um do outro, desde o início da relação, pode ser visto através das seguintes respostas:

**Eduardo:** A gente tenta ao máximo o diálogo. É uma coisa que eu sempre primei desde o namoro, o diálogo é... trocar idéias. Eu digo o que a gente pensa. Como desde o namoro a gente tenta planejar o futuro, que nem sempre deu certo, às vezes não dá certo. E atualmente a gente tenta dialogar, sempre que possível, às vezes surge uma discussão ou outra, mas, em seguida, a gente tenta consertar aquilo que tenha surgido de errado. É isso aí, a gente tenta o diálogo.

**Edna:** É através do diálogo também, sempre foi assim... desde a época inclusive de namorados, porque... é importante, fundamental para um casal sempre tá se analisando, né? É fundamental. E procurar saber o que é que tá achando e o que é que tá faltando nele e ele em mim, o que é que precisa ser feito pra poder ser melhorado no relacionamento e isso só se consegue conversando, porque é através desses diálogos que a gente vai saber o que é que precisa ser melhorado, o que é que precisa ser mudado pra haver um relacionamento melhor.

Como é possível notar, aparentemente, o casal Eduardo e Edna, desde o início da relação, buscou no diálogo a fonte de sustentação do amor que nutre um pelo outro. Para Ackerman (1986) ao se buscar compreender e ser compreendido o casal faz convergir universos psicológicos e passa a construir pontes dialógicas que facilitam a convivência a dois. Para Giddens (1992) e Para Nögren *et. al.* (2004), é na relação de iguais que se constrói um espaço vital para a convivência mútua, onde a boa comunicação entra sempre como anteparo de sustentação da vida a dois com probabilidade de sustentá-la a longo prazo. Mas, é importante destacar que embora Edna tenha manifestado que sempre buscou o diálogo com seu esposo, logo a seguir, quando questionada sobre as normas de funcionamento do casal, ela se contradiz:

**Edna:** (Risos) Eu não sou muito apegada às normas não. Eu confesso que eu sou... muito... assim... muito agitada, às vezes eu tenho essa dificuldade de conversar devido a uma infância que não foi muito boa, eu tive uma infância muito turbulenta (baixou a cabeça com expressão de tristeza), e assim eu cresci num âmbito muito agitado. Eu tenho me esforçado muito, mas assim, às vezes não me ateno a normas não. Ele é que me chama a atenção dizendo: “mas a gente precisa sentar, conversar, não é assim... ter calma” e aí é que ele me convence pra gente chegar a um acordo do que precisa ser feito, do que precisa ser resolvido entre nós dois.

Talvez, a contradição de Edna tenha a ver com a herança transgeracional<sup>10</sup> que ela traz consigo, uma vez que disse que havia se decepcionado muito com os homens, já que seu pai foi seu grande herói na infância, porém, na adolescência, foi uma grande decepção, uma vez que ela descobriu que o pai tinha outra família e que estava para abandonar sua família. Para Wagner, Predebon e Falke (2005), cada pessoa precisa conhecer seus limites e as influências sobre sua personalidade que traz como patrimônio da família de origem. Para elas, quando não se leva em consideração essas influências, as repetições ao longo da vida se tornam inevitáveis e não há possibilidade de transformação. É preciso redescobrir-se para seguir adiante, o que parece ser a grande necessidade de Edna.

De acordo com Norgren *et. al.* (2004) e Magalhães (2009), viver a conjugalidade implica no encontro entre duas subjetividades e duas histórias, no sentido de se construir uma terceira: a alteridade conjugal. Segundo as autoras, isso não é possível acontecer se existe influência de fatores externos ao casal, sejam esses por causa da família de origem, por dificuldades financeiras, de moradia, dentre outros. Isto pode ser percebido quando observamos as respostas dadas pelo casal quando questionados sobre os fatores que dificultam a comunicação e a convivência do casal e de como foi à adaptação deles no momento em que foram morar juntos.

**Eduardo:** No começo não foi muito bom porque nós começamos partindo para um relacionamento para morar numa casa que não era nossa e ali quer queira quer não, tinha uma interferência dos meus pais, do meu pai, da minha mãe, eles têm os conceitos deles. Eu sempre acreditei que quando nos casamos temos que criar uma forma de vida, uma cultura de vida, né? Ela foi formada numa cultura de vida eu fui formado noutra cultura de vida e a gente teria que estar num lugar, num teto, pra que nós estabelecêssemos uma cultura de vida nossa da maneira que a gente achasse que era a melhor. [...] Atualmente eu acho que a convivência tá sendo afetada pela comunicação por alguns fatores às vezes, é, é, financeiros, atrapalha, né? O fator financeiro atrapalha.

**Edna:** [...] Uma coisa é você casar e morar numa casa sozinho, construir uma vida conjugal sem interferência de ninguém. Outra coisa: você formar sua própria cultura, ter seu próprio espaço. [...] De ir morar em nossa própria casa e viver só, ter o direito de construir nossos próprios princípios e valores familiares sem ter intervenção de uma terceira pessoa, é muito difícil isso.

---

<sup>10</sup> Tomamos aqui o termo transgeracional, cunhado por Bozormeny-Nagy, I. e Spark, G. (1973) no livro *Invisible loyalties*. New York: Harper and Row, que definem como sendo todas as transferências de valores, legados, segredos e forma de ser e existir da família de origem e que estão repercutindo na história atual da vida de uma pessoa.

Como pode ser verificado nas falas anteriores, o casal Eduardo e Edna foi morar junto por causa da gravidez inesperada do filho mais velho. Existe uma crise familiar porque eles sempre moraram com terceiros; o que tem sido um grande preditor de dificuldades comunicacionais e relacionais, tanto entre os dois quanto junto aos filhos. No entanto, para Falcke e Wagner (2005), é preciso lembrar que é nos momentos de crise que os casais podem de fato se descobrir como casal e construir padrões que favoreçam a saúde familiar, embora não tenha sido esse o caminho optado por Edna e Eduardo. Um dos grandes problemas que verificamos durante as entrevistas é que o casal parece não ter ainda se libertado do passado.

**Eduardo:** Fiz o planejamento de ter minha casa própria, cheguei a comprar um terreno e tudo, mas, infelizmente, é, vamos dizer assim: avancei o sinal, avancei o sinal e aí tive que me casar mais rápido e aí todo o projeto que eu havia feito foi atropelado e aí a gente teve que começar um relacionamento lutando por conquistas: casas, móveis, bens, carro, tudo e até hoje a gente tenta se estabilizar e ainda não conseguiu, por isso que os conflitos estão baseados nesse sentido.

**Edna:** (Sorri e depois começa a derramar lágrimas) Eu desisti desse sonho. Pra mim... eu tava dizendo hoje pra uma pessoa que: eu não peço isso mais pra Deus, porque eu sei que Ele não me ouve, porque já são dezesseis anos de relacionamento e que hoje pra mim não faz mais diferença se Deus der, se Deus não der, porque eu já venho sofrendo tanto, eu já sofri tanto (Lágrimas). Minha vida conjugal tem sofrido tantos bombardeios por conta desse problema, por a gente não ter lar, que hoje pra mim tanto faz, eu já perdi completamente a esperança e vejo hoje que cada vez mais esse sonho fica mais distante. Porque eu tenho que dividir entre uma coisa e outra, ou eu invisto numa coisa ou invisto noutra eu sei que as duas coisas no mesmo tempo não dá pra conseguir.

**Pesquisador:** Quais são essas duas coisas que você diz?

**Edna:** Ou invisto nos meus filhos ou invisto na compra de uma casa própria. E a gente sabe hoje que diante da situação sócio-econômica que o nosso País se encontra, pra uma pessoa que trabalha e que depende de um só salário é quase que impossível. Eu sei que quando a gente tem a Cristo a gente sabe que pra Deus nada é impossível, mas a gente sabe que diante dos homens é quase que impossível, tudo é muito dinheiro. Quando você tem uma família há situações que precisam de muito investimento. Quando se tem filhos na idade que os meus se encontram tem que fazer muito investimento. Tem certos momentos que a gente tem que fazer escolhas

e nem sempre as escolhas são aquelas que a gente quer. Tem que abrir mão de alguma coisa.

Para Figueredo (2006), reconhecer as fragilidades e os erros não se constitui numa atitude de fraqueza, mas é também coragem e, sobretudo, ter a capacidade de trazer ao palco das discussões, na relação conjugal, a responsabilidade mútua sobre o processo que estão vivendo, seja esse de dificuldades ou de coisas boas. Enunciar a dificuldade e a parcela de contribuição que teve para com a situação instaurada é estar disposto(a) a ser parte de sua solução, embora, num primeiro momento, o que seja percebido é uma atitude de aparente desistência de tentar mudar a situação conflituosa entre o casal, tanto por parte de Eduardo quanto de Edna. Contudo, percebemos que o fato do casal ter participado da pesquisa e trazer à tona todas essas questões já demonstra certo desejo de mudanças.

Ainda que, para o casal, o fato de não ter casa própria seja algo que tem dificultado a relação, a comunicação e a convivência do casal, isto não parece ter afetado negativamente a vida dos filhos, uma vez que para Edmar, o filho de 15 anos, seria muito difícil sair de onde está morando. Para sua irmã Edite de nove anos, a única coisa que queria era ter um quarto só para ela. Observemos as respostas desses filhos quando de suas participações em uma das tarefas da Entrevista Familiar Estrutura – EFE que diz: “Vamos imaginar que vocês teriam de se mudar da casa onde moram no prazo máximo de um mês. Gostaria que vocês planejassem agora, em conjunto, como seria essa a mudança”

**Edmar:** Eu nunca pensei nisso não, eu nunca imaginei como ia ser não, eu ia ficar muito, assim... eu não ia saber como me comportar não, que muito tempo... desde pequeno morando num mesmo lugar, adaptado com as pessoas, praticamente eu cresci junto com todo mundo ali naquele mesmo local aí ia ser muito estranho. Ia ser triste e alegre ao mesmo tempo, ter a minha casa própria junto com a minha família e perder as coisas que eu conquistei desde criança, as amizades é, o que a gente viveu desde pequeno até agora e ainda vive ia ser muito, muito... difícil.

**Edite:** Eu queria um quarto só pra mim, um computador só pra mim. Se fosse um quintal grande eu queria que fizesse uma casinha com uma estante pra botar os livros para quando eu quisesse estudar.

Vemos nas respostas dadas pelos filhos que a mudança não seria por causa de um ambiente desagradável, mas apenas por causa de comodidade, e isso apenas para a filha mais nova. De certa forma, isso aponta para o fato de que as grandes dificuldades estão no casal e

não na família como um todo. Para Ackerman, (1986) não adianta tentar resolver as questões externas diante de um conflito verbalizado; é preciso que se estabeleça um contato com as questões internalizadas dentro de cada pessoa que está em crise. Edna nos pareceu estar vivendo um momento depressivo.

**Edna:** (Chorando diz:) Isso aqui nunca aconteceu com a gente. Sentar à mesa, conversar. Assim... a gente se encontra em casa aquela correria, de dar a janta de dar almoço, todo mundo tem alguma coisa pra fazer. Os meninos têm colégio, tem curso, Edmar tem futebol tem curso, Edite também tem curso, Eduardo também as coisas pra fazer e eu sempre cuidando da casa, é tudo muito difícil. Mas o que mais assim, é tudo, tudo muito difícil. Mas, o que mais tem me deixado atormentada é não viver junto com minha família, ter um lugar só nosso, isso tem me deixado travada. E são muitos outros fatores, eu me sinto muito derrotada, ter ânimo, mas ultimamente tem sido muito difícil, muito difícil, eu não queria tá assim.

#### 5.5.2. Resultados obtidos na Entrevista Familiar Estruturada (EFE)

Após a aplicação da EFE os avaliadores verificaram que Comunicação do casal e dos filhos como sendo congruente, clara, com direcionalidade adequada e com carga emocional adequada. Já na comunicação dos Conflitos e da Manifestação da Agressividade, eles foram presentes, expressos, positivamente valorizados, construtivos, com direcionalidade adequada e com razoável busca de solução, uma vez que o casal manifestou o desejo de procurar uma ajuda terapêutica. Verificamos também que na metacomunicação da Afeição Física, a família tem dificuldade nessa área. Só após um longo tempo de espera quando da solicitação da Tarefa 6 (Anexo 5) foi que Edmar, o filho mais velho do casal, levantou-se, abraçou e beijou a todos e seu comportamento fez o restante da família destravar.

Quanto à Interação conjugal e Individualização do casal, verificamos que o casal tem tido certa interação entre si, mas sem se individualizarem com relação aos filhos. Acreditamos que o casal precisa de momentos a sós, principalmente para facilitar a intimidade conjugal. No entanto, de acordo com os referenciais da EFE os avaliadores apontam a família como facilitadora de saúde emocional.

Por fim, destacamos ainda alguns fatores que estavam/estão servindo de preditores de dificuldades tanto na comunicação quanto na convivência do casal e da família: a) Falta de diálogo e individualização entre o casal; b) Falta de moradia própria; c) Influência das famílias de origem; d) Falta de melhores condições financeiras;

## 5.6. Família F – Uma família a quem “falta lazer”

A Família F é composta por Fábio, 41 anos, 2º grau completo, natural de Pernambuco, vigilante; Flora, 40 anos, Ensino Médio, do lar; Fabiano, 15 anos, cursando o ensino fundamental e Fabrício, 11 anos, cursando o ensino fundamental. O casal está junto há 14 anos e um mês antes da entrevista ganhou uma casa para morar da mãe de Fábio.

### 5.6.1. Síntese da história do casal e da família

As circunstâncias que levaram ao conhecimento mútuo deste casal também se deram a partir do final adolescência através da influência de amigos, como é possível notar nas seguintes respostas:

**Flora:** O motivo que levou a gente a se conhecer... eu acho assim, que foi... a gente se conheceu através de amizade, adolescência, né? Então, junto do grupo de adolescente, de jovem, aliás, a gente foi se conhecendo e foi aparecendo o sentimento e um sentimento que foi cada vez mais aumentando, foi aonde chegamos, onde estamos.

**Fábio:** A gente, na época, é... ela morava, a gente morava em Boa Viagem e eu gostava sempre de caminhar na praia e nessas caminhadas, a gente se conheceu. Sempre ia à praia. Nas amizades, como ela falou, adolescente e se encontrava final de semana na pracinha de Boa Viagem e a amizade, o sentimento um pelo outro, chegou. Hoje, graças a Deus, há a nossa família.

Como é possível notar, os amigos tiveram um papel fundamental na aproximação dos dois, o que demonstra que a relação social pode servir, dentre várias coisas, para aproximar ou distanciar as pessoas. No caso de Fábio e Flora eles se aproximaram na adolescência, se distanciaram e se reencontraram já na juventude. Nessa época, o interesse de um pelo outro reacendeu e uma gravidez inesperada marcou o início da Família F. No começo, conforme conta o casal, nada foi fácil, uma vez que, à semelhança do que ocorreu na Família A, a rejeição por parte da mãe de Fábio foi muito grande, já que ela sonhava com outra pessoa para se casar com seu filho. No entanto, Fábio mostrou-se firme e disse à sua mãe que viveria com Flora e o filho que ela estava gerando.

**Flora:** Não foi fácil! Não foi fácil! Na época que a gente resolveu morar junto, eu já tinha esse menino... ele tava com um ano de idade e durante a minha gravidez ele

(aponta para Fábio) sempre dava assistência, mas a gente não morava junto, então, quando ele tomou a decisão de assumir a mim e o filho, ele tava desempregado, então foi uma situação que ele disse assim: “você topa? Eu tô desempregado, você topa?” E na mesma hora eu disse: “topo”. Muita gente chegou assim: “você não tem juízo não? Você vai morar com um rapaz que você nem sabe quem ele é?” Aí eu disse: “mas o rapaz eu conheço, ele é”, eu sabia “uma pessoa boa”, que ele não ia jamais me fazer mal, nem ao filho e então a gente veio morar aqui neste bairro, vivemos muito tempo assim, com a ajuda da mãe dele. Eu também trabalhei durante esse período, trabalhei até esse meu menino, eu tava com oito meses de gravidez dele e foi um processo muito longo, muito doloroso, difícil, mas a gente foi superando.

Ao assumirem morar juntos Fábio e Flora também entraram no estágio da Decisão/Compromisso conforme preconiza Sternberg (1986). Quando ela acontece, isso é uma escolha pessoal e mútua entre os pares que se amam. Segundo o autor, por mais que as pressões externas ao casal sejam contrárias, quem chega a esse ponto da relação demonstra que já amadureceu o sentimento o suficiente para saber o que quer. Para ele, a força da relação e das experiências amorosas que subjaz a essa escolha vai depender do entusiasmo combinatório entre os parceiros. Observemos a resposta de Flora à pergunta sobre como geralmente o casal se comunica foi:

**Flora:** Conversando. Às vezes não é fácil, né? Que às vezes a gente tem assim algo pra falar devido às situações financeiras e outras e outras coisas que a maioria do brasileiro tem então às vezes a gente fica muito é, se prendendo, não sei dizer se é medo, insegurança de chegar e conversar, mas a gente conversa.

De acordo com Lorente e Cano (2002) o medo de dialogar está diretamente ligado à insegurança, embora se reconheça que o medo faz parte de todo ser humano desde o dia que nasce até o dia que morre. Porém, quando esse medo passa a ser vivenciado de forma sistemática, dentro da relação, como é o caso que percebemos entre Flora e Fábio, isto é algo que precisa ser trabalhado. Segundo os autores, não é possível construir um relacionamento com probabilidade de se ser durável, sustentável e satisfatório sob o peso da insegurança sobre o dia de amanhã. Os autores afirmam que casais que vivem dessa forma têm sérias dificuldades de compartilhar suas vidas um com o outro.

Mas, há outro dado que não podemos deixar de considerar: até que ponto o medo que Flora tem de conversar com Fábio não está ligado à herança psicológica que ela têm

como mulher de que seu lugar é o de submissão? Idéia bastante difundida, segundo Hall (1991) em meados do século XIX, mas que pode ser vista em vários casamentos atuais. Esta consideração é importante fazer, principalmente porque após a fala de Flora dizendo que tem se sente insegura para conversar com Fábio, ele diz:

**Fábio:** Eu acho muito importante é... o diálogo, né? Tem algum assunto ou alguma coisa pra fazer, que acha disso? A gente tem como fazer isso ou não? Esperar acontecer, vamos, vamos ver qual a melhor maneira, a gente sempre combina nas coisas, porque eu acho que o casal tem que ter esse diálogo, porque se não tem como se comunicar no dia-a-dia...

As duas falas anteriores, quando colocadas paralelamente parecem ser completamente contraditórias. Para Lorente e Cano (2002), casais que não assumem ter dificuldades na área da comunicação, mas que num primeiro momento já se apresentam como um casal que dialoga e que, na prática, o diálogo enquanto compartilhamento de idéias e busca de equilíbrio nas opiniões não ocorre de fato só estão fragilizando a relação e tornando a relação artificial e frágil. Isso pode ser constatado na frase contraditória de Flora a seguir:

**Flora:** O diálogo eu acho muito importante. Porque às vezes a gente toma as decisões sem antes comunicar e graças a Deus, hoje em dia eu dou graças a Deus, porque lá em casa, a gente antes de fazer qualquer coisa, a gente pergunta um pro outro, mesmo que faça o contrário, mas a gente comunica. A gente conversa, pergunta se acha o que não acha, mas a gente comunica, a gente conversa e isso é muito importante.

Como entender essa ambigüidade quanto ao valor da comunicação pelo casal? Talvez uma das grandes dificuldades esteja no próprio conceito que o casal tem de comunicação entre si. Para Lorente e Cano (2002), somente pessoas maduras conseguem permitir um encontro dialógico, onde há uma busca de falar e ser compreendido e de compreender o que lhe é falado. Sem que o casal compreenda o verdadeiro sentido de comunicação conjugal e faça acordos nessa área, não poderá haver uma união estável e uma comunhão no casal, como descreve Martino (2008). Neste sentido, Lorente e Cano (2002, p.31) reforçam a idéia de que comunicar-se na vida conjugal só é possível se existir o seguinte caminho dialógico: “comunicação-união-comunhão-coexistência”.

Outro conflito que percebemos entre o casal na área comunicacional foi quando da resposta que deram quando foram questionados sobre as normas de funcionamento do



casal e da família e de como a família tem aproveitado um dia de feriado, no sentido de verificarmos a interação familiar.

**Fábio:** É... ela que toma mais à frente quando não tô em casa, né? Quando eu tô no horário de trabalho ou sempre saio para resolver alguma coisa.

**Flora:** Mas sempre é assim, é, quando isso acontece, que ele não tá em casa, mas quando ele chega, eu comunico a ele. Eu fiz assim: fulano fez isso e eu fiz assim com ele, porque você não tava em casa. Porque eu tive que tomar uma atitude. Então ele faz: “o que você resolveu, tá resolvido”, ele diz isso. Porque nem sempre ele tá em casa, eu tenho que tá tomando conta dentro, de ir à escola, eu tenho que tá sempre em cima... Olha! É assim, tem que fazer isso e se a gente deixar eles à vontade, eles fazem o que eles querem, não pode. Aí é por isso que a maioria das vezes quando ele não tá em casa, eu tomo as normas da casa. São comigo. Mas, comunico a ele o que eu fiz.

Vemos que Flora consegue manter sua autonomia e que ele apóia suas decisões. Contudo, mesmo nos dias de feriado Fábio se esquia de participar na vida familiar, por estar envolvido com sua moto, o que atrapalha o convívio e pode ser sentido por Flora como indiferentismo (Lorente & Cano, 2002).

**Fábio:** Um dia de feriado em casa eu sempre tô fazendo algo que eu gosto mais e que ela reclama é: “tu não deixa de cuidar da moto”, (risos) “da cachorra”, porque a gente cria uma cachorra Rottweiler, aí sempre quando eu não tô dando banho na moto tô dando na cachorra. É o dia-a-dia.

Para Lorente e Cano (2002), pessoas que sistematicamente desenvolvem um comportamento de indiferença com relação a seus cônjuges ou a outros que fazem parte do seu círculo de amizade, evadindo-se constantemente do contato mais íntimo, dizem, com essa atitude que o(s) outro(s) não tem valor algum. Esse comportamento psicológico e atitudinal provoca na(s) pessoa que está(ão) sofrendo o indiferentismo uma baixa auto-estima, o que parece ser o caso claro de Flora e de seus filhos, uma vez que até mesmo no dia de feriado, há uma ausência da participação de Fábio na vida familiar como podemos verificar nas seguintes palavras:

**Fabiano:** Passamos na maioria do tempo em casa, aí quando eu ou meu irmão vai pra casa dos colegas é assim... aí fica um tempo no computador, assistindo televisão, assim. É só isso mesmo!

**Fabício:** É como se fosse um dia comum.

**Flora:** O meu feriado é um dia comum, assim como qualquer outro dia porque a rotina é a mesma como Fabiano falou e Fabrício falou... fica em casa... é a mesma coisa... se hoje for feriado eu vou fazer a mesma coisa que for amanhã que não é feriado, não saímos, ficamos em casa.

Observemos ainda o seguinte desabafo de Flora quando questionada sobre os fatores que dificultam a comunicação e a convivência do casal:

**Flora:** Vou citar só uma coisa: porque às vezes a gente quer, eu, particularmente, eu quero me comunicar com ele, mas, uma coisa me impede, de comunicar com ele, é o que... Porque nem sempre ele tá naqueles dias bom dele, de conversar. Ele tá assim: aperreado, nervoso, agitado, porque isso aí é normal, é comum hoje em dia é de acontecer na maior parte das famílias, como, como, comuniquei antes, como falei antes, logo no início, a situação financeira, problemas de casa, tudo isso leva a gente a tomar, a ficar assim perde o sono, fica nervoso, agitado, como eu sou mais assim, como ele mesmo me diz, ele diz pra mim, que eu sou mais controlada, então ele perde mais o controle. Às vezes ele não tem paciência com os meninos e isso assim, deixa ele muito nervoso. Aí às vezes impede de eu me comunicar com ele, porque às vezes é alguma coisa eu vou falar com ele, que eu possa dizer assim, eu acho que vai deixar mais ele aperreado ainda, aí às vezes eu não falo.

Na medida em que Fábio tem preferido uma motocicleta, uma cachorra ou apresentado “impaciência e descontrole emocional” no lugar do contato físico e/ou dialógico com sua esposa e seus filhos, seu comportamento tem forte semelhança com o indiferentismo preconizado por Lorente e Cano (2002). Segundo os autores, o indiferentismo anula o outro, tira o valor da outra pessoa e, muitas vezes, a substitui por um objeto. Neste sentido, os autores dizem que a atitude de indiferença sistemática é algo inconcebível, tanto para um esposa/esposa ou para um filho/filha. Para eles, mais complicado ainda fica a situação quando esse indiferentismo é dissimulado pelo riso, como pudemos notar em Fábio ao falar de sua atitude nos dias de folga/feriado.

Para Watzlawick *et al.* (2007), todo comportamento evasivo, num processo de comunicação, por alguma das partes, acaba por desenvolver relações patológicas e potencializa uma possível separação conjugal. Para os autores, a evasão é comparada a relação de um esquizofrênico com o mundo externo. Até mesmo no silêncio da evasão há uma comunicação de algo, seja da renúncia da própria relação, seja pela negação de que há

problemas através do humor ou de outros mecanismos de defesa; não há como não comunicar. Para os autores, é preciso que haja sempre um compromisso mútuo entre emissor e receptor, no sentido de viabilização de aproximações para resolução dos conflitos que aparentemente estão sendo camuflados.

#### 5.6.2. *Resultados obtidos na Entrevista Familiar Estruturada (EFE)*

Ao final da entrevista semi-estruturada, ao aplicarmos a EFE verificamos que: no que se refere à Comunicação e, por conseguinte, sua repercussão junto à vida dos filhos, a mesma é congruente, confusa, com direcionalidade adequada, porém sem carga emocional adequada. Quanto à comunicação dos Conflitos e da Manifestação da Agressividade, eles estiveram presentes, expressos, positivamente valorizados, construtivos e com razoável busca de solução. Já na metacomunicação da Afeição Física, a família apresentou muita dificuldade nessa área. Na Interação conjugal e Individualização da família e do casal, verificamos que o casal interage razoavelmente, mas não se individualiza dos filhos. Como repercussão, os filhos, em especial, Fabiano que é o mais velho, apresenta-se extremamente inseguro em suas falas e muito retraído.

Com base nos referenciais das categorias de análise da EFE os avaliadores concluíram que a família mostra-se dificultadora de saúde emocional, principalmente por causa da atitude de indiferentismo de Fábio para com o restante da família. Destacamos ainda os fatores que estão sendo preditores de dificuldades na comunicação e na convivência do casal: a) Falta de lazer em família; b) Falta de melhores condições financeiras; c) Falta de individualização e de diálogo entre o casal e os filhos.

## 5.7. Família G – *Uma família que começou por curiosidade*

A Família G é composta por Gabriel, 34 anos, 6<sup>a</sup>. série do ensino fundamental, natural de Pernambuco, conferente de armazém de construção; Gabriela, 35 anos, 2<sup>o</sup>. grau completo, professora primária desempregada; Germana, 15 anos, 1<sup>o</sup>. ano do ensino médio e, Geórgia, 14 anos, 8<sup>a</sup>. série do ensino fundamental. O casal está junto há 15 anos e não tem casa própria; moram na casa da mãe de Gabriela.

### 5.7.1. *Síntese da história do casal e da família*

As circunstâncias que levaram ao conhecimento mútuo desse casal, de acordo com Gabriel, foi através de uma quadrilha no período de São João, festa junina característica do nordeste do Brasil em que casais brincam de roda e dançam juntos.

**Gabriela:** O motivo foi assim naturalmente... a gente se conheceu... a gente era adolescente, assim... geralmente tem aquele negócio de adolescente já querer namorar... assim, a gente foi mais por curiosidade mesmo (riso), foi consequência, não foi nada programado não.

**Gabriel:** A gente, eu e Gabriela... a gente se conheceu... eu comecei a ir na rua da casa dela tava havendo uma quadrilha aí quando o marcador perguntou: “o que é que tem nos ouvidos de vocês?” Aí eu disse: cera! Aí ela começou a rir... aí foi nesse momento que a gente começou a se conhecer... eu comecei a perseguir mais ela e foi aí que surgiu o nosso namoro.

Não há como escolher, dia, hora e lugar para que a chama do amor surja entre duas pessoas que se amam. Independente do tempo e do espaço, seja esse real ou virtual, é notório que a chama do amor romântico ainda atinge as pessoas em todos os recantos da terra. Aliás, para Fromm (2006), o amor é a única coisa que de sanidade o ser humano pode exercitar para amenizar seu sentimento de solidão existencial e reativar capacidades inatas que, por vezes, ficam escondidas ao longo da vida. Neste sentido, abrir-se ao amor, mesmo que seja por curiosidade, sem planejamento algum, como foi o caso de Gabriela e Gabriel, apenas abrindo-se ao destino, como diz Bauman (2004), é corajosamente abrir-se para a vida. E foi diante da possibilidade dessa descoberta que Gabriel e Gabriela abriram-se ao amor.

Segundo afirmam, “ainda muito novos”, resolveram ir contra tudo e contra todos e levar adiante o namoro juvenil, vindo, logo a seguir, uma gravidez inesperada. Desde o início,

Gabriel e Gabriela, reconhecendo que estavam adentrando numa escola chamada vida conjugal, apontaram a comunicação com um fato preponderante na união dos dois.

**Gabriela:** A gente procura dialogar bastante em termos de tudo. Na educação das meninas, em termos de dívidas, de problemas pessoais. Antigamente a gente não conversava muito. Éramos mais fechados, a gente começava a discutir e fazia aquele silêncio e ficava por isso mesmo as discussões. Mas hoje em dia a gente viu que as discussões não eram nada, o melhor mesmo era a gente conversar, sentar pra resolver. Resolver as situações, discutir, até com as meninas mesmo a gente senta, a gente conversa pra ver como é que vai resolver as situações da gente... da vida da gente

**Gabriel:** Eu e a minha esposa a gente se comunica... hoje a gente se comunica mais porque a gente se casou, temos filhos... filhas, a gente não pensava realmente essa... como se diz? Como eu posso dizer? Essa responsabilidade toda, de esse amadurecimento entre eu e ela, com as nossas filhas. Dificuldades como ela disse nós temos, aperreio, quem hoje em dia não tem? Mas hoje a gente procura se comunicar não só por nossa família, mas por nós dois, para que a gente sirva de exemplo por nós dois.

Para Watzlawick *et. al.* (2007), quanto mais natural e espontânea for uma comunicação, mais ela estará baseada na relação que o casal construiu do que mesmo no conteúdo da comunicação, isto é, no desejo de que a opinião, os sentimentos e as explicações de um prevaleçam sobre a do outro, que é o segundo axioma da comunicação. No caso de Gabriel e Gabriela, logo no início da entrevista, os dois resolveram deixar claro que o diálogo, livre, natural e espontâneo tem marcado a vida atual do casal, embora reconheçam que nem sempre foi assim. Percebemos isso quando questionamos o casal sobre como foi o processo de adaptação do casal no início da relação.

**Gabriela:** (balança a cabeça em sinal de discordância) Não foi nada fácil. Porque ele, quando a gente começou a namorar, a gente ainda era assim, a gente ainda era adolescente. Eu engravidei com dezenove anos, ele tinha dezessete para dezoito anos né? Não tinha terminado o ensino fundamental né? E em termos de... pra gente ser... assim... ter uma família... as pessoas olhavam assim e discriminavam muito. “como é que um pessoal que não tem emprego, não tem escolaridade e tá aí, construindo uma família?” Aí, era muito difícil pra nós dois né? Todo mundo cobrava, principalmente a família. A família da gente torce pelo melhor da gente, né? Às vezes a gente faz as coisas erradas porque não pensa direito, né? Tem um ditado que diz: “quando a cabeça não pensa o corpo padece”. E... a gente era muito

adolescente, muito jovem... E a gente fez as coisas assim de cabeça e... Não pensou no futuro... E por... por causa dessa é... de não ter pensado no futuro que a gente passou muita, muita dificuldade, muita mesmo. Em termos de tudo, em termos de é... emocional, financeiro né... eu não fiz o curso que eu queria fazer. Acabei fazendo uma coisa que eu não queria aí... não consegui emprego... e... por não ter planejado a minha vida aí as coisas tomaram caminhos diferentes.

**Gabriel:** Eu me lembro que quando eu cheguei na casa da minha sogra eu olhei logo as minhas filhas, Germana e Geórgia, como diz, ela teve... teve até um certo ponto que eu vi elas pequenas, depois a gente se afastou, encontrei com ela já maior. Elas não tinham esse costume assim de dizer: “meu pai tá todo dia comigo”. [...] Se eu tivesse pensado em hoje antes, eu não estaria, vamos dizer assim, nessa, nessa situação. Hoje eu podia ser um doutor, ou um advogado, um médico, um político, sei lá. Mas às vezes eu olho pra trás e digo: o culpado sou eu, porque conselho eu tive, conselho eu tive “menino! Vai estudar. Menino! Aquilo outro”. Se fulano hoje em dia cresce é por que teve apoio. Um exemplo: “fulano cresceu, teu problema tá ali oh, de infância. Hoje em dia ele é um não sei o quê, um advogado, um num sei o quê e tu sois um, um conferente de armazém”. Por quê? Porque ele teve estudo, ele colheu, quer dizer: ele plantou pra colher agora e o que foi que eu fiz... na minha vida? Fora minha vida passada, o que foi que eu vinha fazendo? (Referiu-se ao tempo em que abandonou a família para se envolver de cabeça com um terreiro de candomblé, só retornando quatro anos depois) Se eu tivesse me dedicado aos estudos, ter me dedicado a fazer cursos, fazer um bocado de coisas, hoje em dia eu tava plantando e podia tá até num degrauzinho a mais eu talvez estivesse com essa família ou... com outra. Ou talvez nem estaria aqui.

Como é possível notar, um dos fatores que mais prejudicou o início da relação do casal e desencadeou um processo de separação após o nascimento das filhas foi a atitude independentista de Gabriel para com sua família. De acordo com Lorente e Cano (2002) pessoas independentistas só se preocupam consigo mesmas e resolvem viver sem a mínima “prestação de contas”. Foi assim que Gabriel resolveu viver, principalmente quando do nascimento de suas duas filhas. De acordo com o pensamento de Lorente e Cano (2002), há muita gente que entra numa relação conjugal vendo a casa apenas como um abrigo e não como um lar a ser construído em conjunto com alguém e onde pode haver compartilhamento de sonhos, idéias, ideais e história em comum. Contrariando a idéia dos autores de que esse tipo de comportamento independentista acontece apenas com pessoas cultas e bem sucedidas Gabriel diz ter tido esse comportamento no início da relação. Mas, uma coisa há de se convir junto aos autores, é que pessoas independentistas são pessoas extremamente dependentes.

Talvez tenha sido isso que fez com que Gabriel, mesmo após quase quatro anos distante da família que havia construído, voltasse para o lar e hoje se considere uma nova pessoa.

Porém, ainda há outros fatores atualmente que dificultam a comunicação de acordo com o casal.

**Gabriela:** Nós dois? Eu acho que é assim... é... às vezes um quer ter razão e o outro não quer concordar... e às vezes fica difícil o diálogo. Mas, como eu, entre nós dois, eu procuro mais dar o “braço a torcer” mesmo estando certa eu volto atrás, tento conversar né? E, ele vendo isso também ele vai e faz a mesma coisa. Depois que a gente, se a gente tiver algum conflito, alguma discussão, para pra pensar, volta para conversar e conversa de novo.

**Gabriel:** Não tem o que dificultar porque a gente procura sempre estar por cima da dificuldade, de... como é? Pra que venha a dificultar sobre o relacionamento da gente e sobre a vida da gente, porque se eu quero ter espaço livre e aberto eu quero que elas sigam o exemplo.

**Gabriela:** Eu acho que uma coisa que dificulta é quando ele, assim, impõe regras e a gente não quer seguir, a gente pensa de um modo e ele pensa de outro. E a gente não concorda com isso, e eu acho que às vezes isso atrapalha no diálogo.

Reconhecer que tem inabilidade comunicacional é um dos grandes passos para que um casal possa desenvolver satisfatoriamente a conjugalidade. Aliás, de acordo com Figueredo (2006), quanto maior for a habilidade de interação social entre o casal, maior será a possibilidade dos mesmos adequarem a comunicação interpessoal. No caso de Gabriel e Gabriela há um reconhecimento da necessidade de melhora por parte dela, mas também há certa acomodação de que as coisas hoje estão bem e já harmonizadas por parte dele.

Quando o casal foi questionado sobre os fatores que tem facilitado a comunicação do casal o diálogo e a mudança de vida feita por Gabriel para recuperar a família foi algo que ficou em evidência.

**Gabriela:** Eu acho que é o diálogo. O diálogo ajuda muito mesmo. Não só a mim e a ele, mas com as nossas filhas ajuda muito. Porque se a gente não sentar pra conversar fica um pra um lado outro pra o outro e não sabe o problema que o outro tá passando é... as regras que a gente programa se a gente não esclarecer o porque, se a gente não conversar, não adianta de nada. Não vai adiantar de nada mesmo.

**Gabriel:** Se eu for olhar pra as coisas que eu vejo... Prá as coisas que eu observo no mundo, como hoje em dia a gente vê: salário mínimo... por exemplo: eu ganho

pouco, mas graças a Deus eu tô levando, tô levando mesmo. Mas se eu for botar só a cabeça pra pensar só nisso... eu tenho uma família... Eu tenho um sonho a ser construído! E eu creio nisso... que esse sonho vai se realizar porque eu tenho duas filhas... e eu não penso só em mim, eu penso assim nelas. Porque se eu fosse analisar direitinho e pensar, eu jogava tudo pra cima. As dificuldades que tem... as misérias do mundo, o pouco que todo mundo ganha, o salário lá embaixo. E o nosso dia-a-dia? E a nossa felicidade? Quer dizer, se a gente não se reunir como uma família e conversar e debater sobre essas coisas que está acontecendo... é como minha esposa acabou de dizer: vai vir stress, tanto como família como na rua como no trabalho, e vai terminar em que? Numa separação[...] Porque eu sou cobrado... Realmente... Ela tá certa... Não tá errada não! Mas a gente chega e conversa: “olhe, seu pai não tem condições de comprar isso, tenha paciência, seu pai...” “não painho eu quero um computador” (referiu-se às falas das filhas). Tá bom, num dia que eu puder eu compro. “Não, eu quero isso eu quero aquilo”, minha filha... calma “painho, vamos sair?”, calma, eu não tenho dinheiro pra a gente se divertir como a gente deve, como uma família realmente se diverte. Pelas condições que eu tenho, pelo meu salário, se eu disser que eu faço tudo isso eu estou mentindo. Porque o meu salário dá pra gente se manter. Porque vem roupa, vem remédio, tudo, tudo que uma certa família precisa pra estar bem, se eu disser que eu tenho tudo isso eu estou mentindo. Eu tenho a mínima da base... e tudo isso o que me conforta num é as coisas que eu encontro e as coisas que eu encontro no mundo não (com os olhos cheios de lágrimas) e sim a minha família. (aponta para a esposa e as filhas). Porque eu olho pra elas e chego até o ponto de dizer: deixa rolar, que der deu, se tiver que comer come, se não tiver não come, se tiver um pão come... mas não, eu estou ali... me preocupando, fazendo a minha parte... porque eu não procurei? Então eu tenho que cumprir de um jeito ou de outro... não, vou fazer aquilo que eu não posso. Como se diz: como tem muita gente aí que faz “merixico” (referindo-se a roubo), faz o que não deve, e acaba preso. Não! O que tiver de comer a gente come aqui, se tiver que comer, come. Se tiver puro, come puro, se tiver ovo, come ovo. Mas, além de tudo, eu sei que eu tenho muito defeito com ela (aponta para a esposa), tenho defeito com minhas filhas, cobro muito delas... mas eu posso dizer hoje em dia... eu sou um novo Gabriel pra vista de ontem. Eu sou um novo Gabriel realizado. Tanto com a minha esposa quanto com as minhas filhas.

Para Figueredo (2006), são as atitudes de companheirismo, respeito, e admiração que demonstram, na conjugalidade, a vontade interna de que a relação pode dar certo. Para a autora, essa intencionalidade em investir na relação que é produto da busca por mais intimidade. Como estratégias para resolução dos conflitos que ainda existem na comunicação e no relacionamento, o casal tem optado pela volta aos estudos por parte de Gabriel e na busca



diária por emprego pela Gabriela, o que também demonstra certa vontade de superação pelo casal. Isso pode ser visto através das palavras de Gabriela:

**Gabriela:** Falando por mim, assim, eu tenho a necessidade de ter um bom emprego... pra poder dar conforto à minha família, ajudar meu esposo. A gente fazer coisas que a gente nunca fez, nunca tive possibilidade de fazer é... cursos também, aprender.[...] Eu tava dizendo pra ele que eu tava querendo agora aprender a dirigir, ele também quer, e a gente, nós dois tem a vontade de aprender. Se a gente vai ter um carro ou não, eu não sei, mas quem sabe? Mas pelo menos a gente pode aprender. Penso em fazer... ter um próprio negócio pra mim, mas também penso em fazer faculdade, conseguir uma outra profissão, né? Faz anos que eu trabalho sendo professora autônoma em casa dando aulas particulares, mas... eu queria mudar... fazer coisas diferentes.

**Gabriel:** As minhas necessidades hoje... hoje eu corro atrás. Hoje eu voltei a estudar. Tô estudando. Como se diz: me sinto cansado, mas nunca é tarde para voltar a estudar. Para que eu tenha um objetivo melhor assim, na minha vida, na minha família. Para que eu possa dar realmente aquilo que elas precisam... e eu também. Tô com 34 anos, não perdi a esperança de estar sempre no caminho, de ir em frente hoje em dia... o que era pra eu ter feito há muito tempo atrás. Como se diz: tô correndo contra o tempo, mas eu não vou desistir, porque se um dia eu chegar, eu vou chegar de cabeça erguida e dizer: hoje em dia eu tô onde era pra eu tá e agradecer muito a Deus.

### *5.7.2. Resultados obtidos na Entrevista Familiar Estruturada (EFE)*

Ao aplicarmos a EFE verificamos a Comunicação do casal e das filhas como: congruente, clara, com direcionalidade adequada e com carga emocional adequada. Quanto à comunicação dos Conflitos e da Manifestação da Agressividade, eles foram presentes, expressos, positivamente valorizados, construtivos e com busca de solução. Na metacomunicação da Afeição Física, a família mostrou dificuldade em expressá-la.

Quanto à Interação Conjugal e Individualização do casal e da família, verificamos que a mesma é razoavelmente indiferenciada por parte do casal, mas que tem sido gratificante e com possibilidade de crescimento em curto prazo pelas estratégias que o casal já está buscando, tais como: conclusão dos estudos do ensino médio por parte de Gabriel e também a busca de Gabriela para fazer um curso universitário através de bolsa de estudos para pessoas carentes.

Ao aplicar as categorias de análise EFE os avaliadores consideraram a família como facilitadora de saúde emocional. Como preditores de dificuldades na comunicação e na convivência, tanto do casal quanto da família, destacamos a falta de melhores condições financeiras por parte da família.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal compreender, junto a casais que estavam vivenciando crises no seu relacionamento, os fatores que estavam/estão interferindo na comunicação conjugal e a repercussões desses fatores a nível familiar. Especificamente investigamos as circunstâncias que os levaram ao conhecimento mútuo; os fatores que mais têm interferido no processo de comunicação no dia-a-dia do casal; as estratégias que estão/estavam sendo utilizadas para resolução desses conflitos; as necessidades sentidas pelos casais e como tudo isso está/estava repercutindo e interferindo quer seja no desenvolvimento dos filhos e/ou nas demais relações sociais. Ela foi realizada com sete casais, com filhos, que pertencem a uma comunidade de baixa renda da região metropolitana de Recife, os quais responderam a um roteiro de entrevista e às tarefas propostas na Entrevista Familiar Estruturada.

Os casais se conheceram, em sua grande maioria, através de grupos de amigos ainda na adolescência, da vizinhança e/ou no ambiente de trabalho. A comunicação entre eles tem sido dificultada por conta de fatores como: interferência da família de origem; gravidez inesperada que precipitou o fato de todos iniciarem a vida conjugal a partir dessa situação; dificuldades financeiras, acarretando baixa qualidade do ambiente de moradia a exemplo da falta de privacidade; postura machista por parte de alguns homens; falta de lazer e de individualização dos casais e dos filhos; carência de suporte, tanto entre o casal quanto com outros casais, para servir de apoio nos momentos de crises. Por sua vez, num processo recursivo, estas são suas necessidades: melhor qualificação e remuneração para poder propiciar qualidade de vida à família, como é o caso de moradia e lazer; individualização da família de origem, apoio da família e outras redes sociais, pois percebemos que as famílias se sentem muito sozinhas com seus problemas.

Verificamos que há dificuldades por parte de todas as famílias em desenvolverem estratégias para a resolução de conflitos comunicacionais, como por exemplo: na Família A, a opção tem sido por: gritos e descontrole emocional, bem como, evasão do lugar de confronto durante as crises conjugais; na Família B, a filha mais velha é utilizada como mediadora entre o pai e a mãe; na Família C e D, há escolha pela comunicação analógica por parte das mulheres em detrimento da opção pela comunicação digital que os homens dessas famílias têm optado, enquanto que nas Famílias E e F ocorre o inverso; apenas na Família G opta-se pelo diálogo e pelo estudo como estratégias de resolução dos conflitos. Todos apontaram que

a crise na comunicação entre eles teve início quando do conhecimento da gravidez inesperada e das atitudes que algumas famílias de origem tiveram quando do conhecimento da mesma.

Vale salientar, no entanto, alguns pontos positivos como: o fato dos homens não terem abandonado as suas companheiras ao tomarem conhecimento da gravidez, apesar da dificuldade para iniciar a vida comum, devido ao desemprego, sub-emprego e/ou falta de apoio de familiares; todos os casais estão investindo na educação dos filhos pois reconhecem que a educação é a possibilidade que existe de que eles possam alcançar melhores condições de vida mais adiante; apesar das dificuldades comunicacionais e relacionais todos demonstraram que ainda nutrem, reciprocamente, um sentimento de amor.

Reconhecemos as limitações da pesquisa por ter a mesma abordado apenas uma parcela de casais de nível sócio-econômico desfavorecido que convive com problemas estruturais como é o caso da moradia e dificuldade financeira, face aos baixos rendimentos. Assim, ficam como sugestões: investigar a influência dos padrões comunicacionais na família de origem e casais que professam outras religiões, uma vez que todos os casais pesquisados professam a religião evangélica; saber até que ponto a chegada dos filhos ajuda ou atrapalha a comunicação do casal e de que maneira os problemas na comunicação do casal afetam o meio social em que vivem.

Acreditamos que a pesquisa contribuiu, antes de qualquer coisa, para nos instrumentalizar melhor para lidar com esses casais na prática clínica. Pensamos que se pode implementar intervenções no sentido de se trabalhar proativamente os conflitos existentes nos casais e que podem redundar em violência doméstica, drogadição por parte dos filhos, separação conjugal, bem como subsidiar o trabalho de profissionais que lidam com tais questões.

Por fim, consideramos que há uma multiplicidade de fatores que interferem na comunicação conjugal. Por isso, se faz necessário mais estudos sobre esses aspectos e desenvolvimento de programas voltados à qualidade da comunicação conjugal, à semelhança dos trabalhos já existentes em outros países. Acreditamos ainda que os conteúdos aqui elencados possam ser repassados para alunos de graduação, pós-graduação e instituições que trabalham com casais, tais como Associações, Igrejas, Universidades e Programas do Governo, como o PSF – Programa de Saúde da Família.

## REFERÊNCIAS

Ackerman, N. W. (1986). *Diagnóstico e tratamento das relações familiares*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Angelo, C. (1995). A escolha do parceiro. In: Andolfi, M. Angelo, C., & Saccu, C. *O casal em crise*. (47-57). São Paulo: Summus.

Anton, I. L. C. (2000). *A escolha do cônjuge – Um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. Porto Alegre: Artmed.

Araújo, C. A. (2008). A pesquisa norte-americana. In Hohlfeldt, A & Martino, L. C. & França, V.V. (Org.) *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências* (119-150). 8ª. Ed. Petrópolis: Vozes.

Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara.

Bach, G. R. (1991). *O inimigo íntimo*. São Paulo: Summus.

Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas*. Rio de Janeiro: Zahar Editor Ltda.

Bereza, E.A., Martins, J.P., Moresco, L. & Zanoni, S.H.M.S.(2005), A influência da comunicação no relacionamento conjugal. *Arquivo de Ciências da Saúde da Universidade Paranaense*, 9 (1), 31-36.

Bíblia Sagrada, (2007). *Versão Almeida - Revista e Atualizada*. São Paulo: Shedd.

Cerveney, C. M. O. (2004) *Família e.....* (Org.) São Paulo: Casa do Psicólogo.

Costa, G. P. (2000). *A cena conjugal*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Dias, F. N. (2002). *O processo de comunicação autêntica na relação familiar: contributos para uma perspectiva sistêmica*. Lisboa: Instituto Piaget.

Diniz, G. (2009), O casamento contemporâneo em revista. In Féres-Carneiro, T. (Org.) *Família e casal: permanências e rupturas*. (135-155) São Paulo: Casa do Psicólogo.

Féres-Carneiro, T. (1983). *Família: diagnóstico e terapia*. Rio de Janeiro: Zahar.

Féres-Carneiro, (1997) T. A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 10 (2), 351-368.

Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 11 (2), 379-394.

Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia* (Natal), 8, (3), 367-374.

Féres-Carneiro, T. (2005). *Entrevista Familiar Estruturada (EFE): um método clínico de avaliação das relações familiares*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Féres-Carneiro, T. ; Ziviani, C. (2009). Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade. In: Féres-Carneiro, T. (Org.). *Casal e família: permanências e rupturas*. (83-107). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Figueredo, P. M. V. (2006), *A influência do locus de controle conjugal, das habilidades sociais conjugais, da comunicação conjugal na satisfação com o casamento*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Freud, S. (1976). *Além do princípio de prazer psicologia de grupo e outros trabalhos*. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Volume XVIII Rio de Janeiro: Imago.

Fromm, E. (2006). *A arte de amar*. São Paulo: Martins Fontes.

Gomes, I. C. (1998). *O sintoma da criança e a dinâmica do casal*. São Paulo: Escuta.

- Giacóia Júnior, O. (2006). *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo: UNISINOS
- Giddens, A. (1992). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP.
- Hall, C. (1991) Sweet Home. In: *História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras.
- Hintz, H, (2001). Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade. *Pensando famílias*. On line. 3, 8-19.
- Hohlfeldt, A. (2008). As origens antigas: a comunicação e as civilizações. In: Hohlfeldt, A. (Org.) *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes. 61-98
- Houaiss, A. Y. (2007). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. , 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Hunt, L. (1991) *Revolução francesa e vida privada*. In: *História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras.
- Imber-Black, E. (2002). *Os segredos na família e na terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Jablonski, B. (1988). *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Agir.
- Jablonski, B. (2003). Afinal, o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. In Féres-Carneiro, T. (Org.) *Família e Casal: arranjos e demandas contemporâneas*. (141-168) São Paulo: Loyola.
- Lord, D. & Miller, S. (2007). Theory and research. In S. Miller & P. Miller, *Couple Communication instructor manual*. Evergreen, CO: Interpersonal Communication Program, Inc. 1-68

- Lorente, A. P. & Cano, P. M. (2002). *La comunicacion en la pareja: errores psicológicos mas freqüentes*. Navarra: Rialp, S.A.
- Maldonado, M.T.; Dickstein, J. & Nahoum, J.C. (2002, 12ª. Ed.) *Nós estamos grávidos*. São Paulo: Saraiva.
- Maldonado, J. E. (2005). *Crises e perdas na família*. Viçosa: Ultimato.
- Martino, L. C. (2008). De qual comunicação estamos falando? In: Hohlfeldt, A. (Org.) *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. (11-25) Petrópolis: Vozes.
- Martino, L. C. (2008). Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação. In: Hohlfeldt (Org.) *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. (27-38) Petrópolis: Vozes.
- Mattelart, A. E. (2009, 12ª. Ed.). *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola.
- Magalhães, A. S. (2009) Conjugalidade e parentalidade na clínica com famílias. In: Féres-Carneiro, T. (Org.) *Família e Casal: permanências e rupturas*. (206-217) São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Miermont, J. (1994). *Dicionário de Terapias Familiares: teoria e prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minayo, M. C. (2004, 8ª. Ed.). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Nichilo, M. (1993) A crise de casal: entre pseudo-reciprocidade e emancipação. In: M. Andolfi, C. Saccu (Org.) *O casal em crise*. (155-161) São Paulo: Summus, 1995.
- Norgren, M.B.P., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H. & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia* (Natal), 9 (3), 575-584.



Nunes, L. B. (2006). *O ciúme nas relações amorosas contemporâneas*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Osório, L.C. (2002). *Terapia de famílias: novas tendências*. Porto Alegre: Artmed.

Perrot, M. (1991a).. *A família triunfante*. In: História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras.

Perrot, M. (1991b). *Ergue-se a Cortina*. In: História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras.

Perrot, M. (1991c). *Funções da Família*. In: História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras.

Perrot, M. (1991d) . *Figuras e Papéis*. In: História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras.

Prado, L. C. (2008). O desejo, a paixão e o amor podem sobreviver no casamento? In: *Revista da ABRATEF: Revista Brasileira de Terapia Familiar/Associação Brasileira de Terapia Familiar*. 1 (1). Porto Alegre: ABRATEF. 25-35

Rossi, C. (2003). Os novos vínculos conjugais: vicissitudes e contradições. In: Gomes, P. B. (Org.) *Vínculos amorosos contemporâneos*. (77-108) São Paulo: Callis.

Satir, V. (1995). A mudança no casal. In: Andolfi, M. Angelo, C., & Saccu, C. *O casal em crise* (47-57). São Paulo: Summus.

Silva, T. C. M., (2007). *A representação da identidade feminina em mulheres evangélicas na cidade do Recife: família, gênero e religião*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE.

Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93 (2), 119-135.

Távora, M. T. (2009). Contrato emocional e código de ética: pilares da reconstrução conjugal. *Psico*, 40 (1), 50-57.

Triviños, A.N.S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

Turato, E. R. (2008). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. 3ª. Ed. Petrópolis: Vozes.

Wagner, A. & Mosmann, C. (2009). A promoção da qualidade conjugal como uma estratégia de proteção dos filhos. In Féres-Carneiro, T. (Org.), *Família e Casal: permanências e rupturas* (169-180). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Watzlawick, Paul; Beavin, J. H. & Jackson, Don D. (2007). *Pragmática da comunicação humana*. Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação. São Paulo: Cultrix,

Zakabi, R. (2006), *Sem tempo para ninharias*. Disponível em: [http://veja.abril.com.br/070606/p\\_092.html](http://veja.abril.com.br/070606/p_092.html), consultada em: 10 de outubro de 2009.

Zordan, E. P. (2005). Copiar ou (re)criar? Perspectivas histórico-contextuais do casamento. In Wagner, A. (Org.). *Como se perpetua a família? A transformação dos modelos familiares* (47-55). Porto Alegre: EDIPUCRS.

# **ANEXOS**

# ANEXO 1 – CAAE – CERTIFICADO DE APRESENTAÇÃO PARA APRECIÇÃO ÉTICA

CAAE - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética  
[http://portal.saude.gov.br/sistemaep/cep/checklist\\_fr.cfm](http://portal.saude.gov.br/sistemaep/cep/checklist_fr.cfm)

Página 1 de 1  
 15/02/2009

PROT. Nº 021109

CEP/CCS

FL.



MINISTÉRIO DA SAÚDE  
 Conselho Nacional de Saúde  
 Conselho Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

CAAE - 0021.0.172.096-09

<b>PROJETO RECEBIDO NO CEP</b>	
Projeto de Pesquisa Estudos que interferem na comunidade conjugal e suas repercussões sociais	
Atores (e instituições Específicas) Não se aplica	
Pacientes Responsáveis Não se aplica	
CPF 43116825431	Investigador Responsável FRANCISCO DIAS DA SILVA FILHO
Data de Entrega 17/02/2009	
Assinatura do Responsável P/ <i>Francisco Dias da Silva Filho</i> Assistente em Administração Assinatura em Administração Assinatura em Administração Assinatura em Administração	

Este documento deverá ser, obrigatoriamente, anexado ao projeto de SAPE do ISG.

## ANEXO 2 – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
Comitê de Ética em Pesquisa

Of. N.º 047/2009 - CEP/CCS

Recife, 05 de março de 2009

Registro do SISNEP FR – 242676

CAAE – 0021.0.172.096-09

Registro CEP/CCS/UFPE N.º 021/09

Título: "Fatores que interferem na comunicação conjugal e suas repercussões sociais"

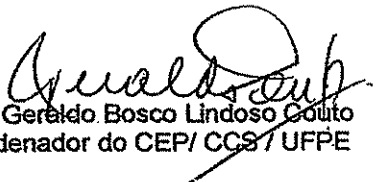
Pesquisador Responsável: Francisco Dias da Silva Filho

Senhor Pesquisador:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (CEP/CCS/UFPE) registrou e analisou, de acordo com a Resolução N.º 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, o protocolo de pesquisa em epígrafe, aprovando-o e liberando-o para início da coleta de dados em 04 de março de 2009.


Ressaltamos que o pesquisador responsável deverá apresentar relatório no final da pesquisa (31/03/2010).

Atenciosamente

  
Prof. Geraldo Bosco Lindoso Couto  
Coordenador do CEP/CCS/UFPE

Ao  
Mestrando Francisco Dias da Silva Filho  
Mestrado em Psicologia Clínica – UNICAP

## ANEXO 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

	UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE LABORATÓRIO DE FAMÍLIA E INTERAÇÃO SOCIAL
---	--

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – Página 1/2


---

Prezado(a) participante,

---

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que tem por objetivo geral investigar as interferências na comunicação conjugal a partir de um olhar psicológico com casais de nível sócio-econômico de baixa renda. Você deverá responder a uma entrevista sobre as seguintes questões: as circunstâncias que levaram ao conhecimento mútuo; as circunstâncias que levaram à crise conjugal; os sentimentos, as dificuldades, as facilidades e as necessidades experimentadas; o estabelecimento de regras e papéis desempenhados por cada membro; as estratégias utilizadas para resolução dos conflitos. Em seguida, será solicitado e preenchido um questionário. Finalmente, serão propostas seis tarefas de interação entre o casal. Os resultados dessa pesquisa poderão trazer uma melhor compreensão acerca da organização e comunicação do casal. Também serão beneficiados outros casais, profissionais e programas de saúde relacionados a essa questão. Ressalta-se que toda informação fornecida será de caráter sigiloso, privado, sendo resguardado o anonimato de todos. Salienta-se ainda que não haverá nenhum dano pessoal ou profissional, podendo o voluntário interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo de qualquer ordem. Qualquer esclarecimento ou dúvida poderá contactar a Professora Cristina Maria de Souza Brito Dias no Laboratório de Família e Interação Social da UNICAP pelo fone: 2116-4033.

**ANEXO 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
(Continuação)**

	<p>UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE LABORATÓRIO DE FAMÍLIA E INTERAÇÃO SOCIAL</p>
---	---

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – Página 2/2**

Aceito de livre e espontânea vontade, participar da pesquisa intitulada: “AS INTERFERÊNCIAS NA COMUNICAÇÃO CONJUGAL E SUAS REPERCURSSÕES SOCIAIS, sob a orientação da Professora Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias, do Curso de Psicologia, da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP.

Fui informado(a) sobre a minha participação no estudo acima descrito, e estando de acordo com aquilo que me foi explicado, concordo em participar.

Assinatura do Esposo: \_\_\_\_\_

Assinatura da Esposa: \_\_\_\_\_

Assinatura do Pesquisador: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2009..

## ANEXO 4 - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Qual o motivo que levou vocês a se conhecerem?
- 2) Como é que geralmente vocês se comunicam?
- 3) Como são estabelecidas as normas de funcionamento do casal?
- 4) Quais os fatores que dificultam a comunicação e convivência de vocês?
- 5) Como se sente estando com a pessoa que escolheu?
- 6) Quais os fatores que facilitam a convivência?
- 7) Como se processou a adaptação do casal?
- 8) Quais as necessidades sentidas?
- 9) Gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre essa experiência?

#### Dados sócio-demográficos:

### Utilização do Protocolo de Registro – EFE de Terezinha Féres-Carneiro

### Utilização do Protocolo de Registro – EFE de Terezinha Féres-Carneiro

#### Protocolo de Registro - EFE

Nome: \_\_\_\_\_

Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Local de Nascimento: \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_ País \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: M( ) F( ) Escolaridade: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_ CPF: \_\_\_\_\_ Públ. ( ) Priv. ( )

Curso/Série: \_\_\_\_\_ Escola/Instituição: \_\_\_\_\_

Lateralidade: Destro ( ) Sinistro ( ) Ambidestro ( ) Profissão: \_\_\_\_\_

Função: \_\_\_\_\_ Data da Aplicação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Aplicador: \_\_\_\_\_ Início: \_\_\_\_\_ Término: \_\_\_\_\_

#### Dados da Família

Nome do pai: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_

Nome da mãe: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_

Nome do cônjuge: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_

Número de filhos ( ) Número de Irmãos ( )

Filho/Irmão 1: Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: M( ) F( ) Escolaridade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Filho/Irmão 2: Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: M( ) F( ) Escolaridade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Filho/Irmão 3: Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: M( ) F( ) Escolaridade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Filho/Irmão 4: Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: M( ) F( ) Escolaridade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Outros: \_\_\_\_\_

Observação: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Autorizo uso sigiloso em pesquisa: \_\_\_\_\_ assinatura \_\_\_\_\_



## ANEXO 5 – TERMO DE OUTORGA E ACEITAÇÃO – FACEPE 1/2



### TERMO DE OUTORGA E ACEITAÇÃO DE BOLSA TESOURO – ORÇAMENTO FACEPE

**OUTORGADO: FRANCISCO DIAS DA SILVA FILHO**  
**PROCESSO Nº.: IBPG-0865-7.07/08**

A Diretoria de Gestão da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia – FACEPE, órgão ligado a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente do Estado de Pernambuco, aqui designada simplesmente **OUTORGANTE**, usando das atribuições que lhe conferem os artigos 20,25 e 32 do Decreto número 29.971 de 01 de dezembro de 2006, defere ao **OUTORGADO** um Auxílio, de acordo com as seguintes especificações:

- . Bolsa: Indicação de Bolsa de Pós Graduação
- . Valor: R\$ 1.200,00 (mensal)
- . Orientador: Cristina Maria de Souza Brito Dias
- . Início da bolsa: 1/8/2008 Término: 31/7/2010
- . Relatório Científico em: 31/7/2010

Pelo presente termo o **OUTORGADO** se compromete a:

- 01 - Desenvolver o projeto proposto na solicitação de bolsa sob a supervisão do Orientador/Apresentador indicado acima, em regime de dedicação exclusiva.
- 02 - Apresentar a **OUTORGANTE**, dentro dos prazos estipulados no preâmbulo deste termo, os relatórios de desenvolvimento de seus trabalhos, explicitando sua aprovação pelo **ORIENTADOR**. No caso de bolsas implementadas durante a realização de cursos de Ensino Médio e/ou Graduação, o relatório deverá ser acompanhado do histórico escolar atualizado, a não apresentação resultará em suspensão ou cancelamento da bolsa, a critério da **OUTORGANTE**. O relatório final pode ser substituído por um exemplar da Dissertação ou Tese, se for o caso. Todos os relatórios devem conter aprovação explícita do Orientador/Apresentador.
- 03 - Comunicar ao orientador e a **OUTORGANTE**, com antecedência de pelo menos 30 dias, a intenção de interromper o trabalho, caso isto ocorra antes do término da bolsa.
- 04- Comunicar imediatamente a **OUTORGANTE** qualquer nomeação para preenchimento de cargo, vínculo empregatício, designação para exercício de função gratificada, obtenção de bolsa de outra instituição, eventual mudança de residência, bem como qualquer interrupção das atividades de pesquisa por qualquer motivo.

## ANEXO 5 – TERMO DE OUTORGA E ACEITAÇÃO – FACEPE 2/2



FUNDAÇÃO DE AMPARO À CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DO ESTADO DE PERNAMBUCO



05 - Não acumular a bolsa de que trata este termo com outra remuneração regular ou bolsa de outra instituição, ressalvando aquelas declaradas no termo de compromisso e de expressa autorização da **OUTORGANTE**.

06 - O presente termo não cria e não envolve nenhuma espécie de relação empregatícia entre o **OUTORGADO** e a **OUTORGANTE**, A qual poderá, a qualquer tempo e a seu exclusivo critério, cancelar ou suspender a bolsa, sem que disso resulte direito de indenização ao **OUTORGADO**.

07 - O **OUTORGADO** declara que aceita a bolsa que neste ato lhe é deferida e compromete-se a cumprir o disposto neste instrumento, e todos os seus termos, cláusulas e condições.

08- O **OUTORGADO** deverá abrir conta corrente no Banco **REAL**, no prazo máximo de 5 (cinco) dias, munido dos seguintes documentos: Carteira de Identidade, CPF e Comprovante de residência (caso seja casado, apresentar a mesma documentação do cônjuge).

09- O **OUTORGADO** deverá devolver até o dia 25 do mês de concessão da bolsa, o Termo de Compromisso devidamente assinado pelo orientador, juntamente com as informações bancárias solicitadas no item 08, sob pena de não ter seu nome incluído na folha de pagamento daquele mês e fica ciente desde já de que decorrido o prazo de 30 (trinta) dias da assinatura deste Termo, sem que tenha sido entregue a documentação solicitada a bolsa ficará sujeita a cancelamento.

Recife, 12 de Setembro de 2008

**CARMEN LUCIA PONTES MACIEL**  
Coordenadora de Gestão

### **OUTORGADO**

Nome: FRANCISCO DIAS DA SILVA FILHO

CPF:

Identidade:

Endereço:

Bairro: Tamarineira

Cidade RECIFE

CEP: 52110-000

## ANEXO 6 - ENTREVISTA FAMILIAR ESTRUTURADA DE TEREZINHA FÉRES-CARNEIRO (2005)

Tarefa 1: “Vamos imaginar que vocês teriam que se mudar da casa onde moram no prazo máximo de um mês. Gostaria que vocês planejassem agora, *em conjunto*, como seria essa mudança.

Tarefa 2: “Quando você está fazendo uma coisa qualquer, mas fica *difícil* terminar essa tarefa sozinho, o que você faz?”

Tarefa 3: Diga de que coisa você mais gosta *em você*”.

Tarefa 4: “Como é um dia de *feriado* na família?”

Tarefa 5: “Imagine que você está em sua casa, discutindo com uma pessoa qualquer de sua família, e alguém bate na porta. Quando você vai atender, a pessoa com quem você estava discutindo lhe dá um *empurrão*. O que você faz?”

Tarefa 6: “Cada um de vocês vai escolher uma ou várias pessoas da família, pode ser qualquer pessoa, e vai fazer alguma coisa para mostrar a essa pessoa que você gosta dela, *sem dizer nenhuma palavra*”.

## ANEXO 7 – VERSÃO FINAL DAS ESCALAS DE AVALIAÇÃO DA EFE

### Escalas de Avaliação da EFE – Entrevista Familiar Estruturada

#### *Comunicação*

1. incongruente : : : : : : : : : : : : : : congruente  
2. confusa : : : : : : : : : : : : : : clara  
3. sem direcionalidade adequada : : : : : : : : : : : : : : com direcionalidade adequada  
4. sem carga emocional adequada : : : : : : : : : : : : : : com carga emocional adequada

#### *Papéis*

5. indefinidos : : : : : : : : : : : : : : definidos  
6. inadequados : : : : : : : : : : : : : : adequados  
7. ausentes : : : : : : : : : : : : : : presentes

#### *Liderança*

8. ausente : : : : : : : : : : : : : : presente  
9. fixa : : : : : : : : : : : : : : diferenciada  
10. autocrática : : : : : : : : : : : : : : democrática

#### *Manifestação da agressividade*

11. ausente : : : : : : : : : : : : : : presente  
12. destrutiva : : : : : : : : : : : : : : construtiva  
13. sem direcionalidade adequada : : : : : : : : : : : : : : com direcionalidade adequada

#### *Afeição Física*

14. ausente : : : : : : : : : : : : : : presente  
15. recusada : : : : : : : : : : : : : : aceita  
16. sem carga emocional adequada : : : : : : : : : : : : : : com carga emocional adequada  
17. sem expressão física adequada : : : : : : : : : : : : : : com expressão física adequada

#### *Interação Conjugal*

18. indiferenciada : : : : : : : : : : : : : : diferenciada  
19. não gratificante : : : : : : : : : : : : : : gratificante

#### *Individualização*

20. ausente : : : : : : : : : : : : : : presente

#### *Integração*

21. ausente : : : : : : : : : : : : : : presente

#### *Auto-Estima*

22. baixa : : : : : : : : : : : : : : alta

#### *Promoção de Saúde Emocional*

23. dificultada : : : : : : : : : : : : : : facilitada

## **ANEXO 8 – CATEGORIAS DE ANÁLISE DA EFE – ENTREVISTA FAMILIAR ESTRUTURADA**

### **CATEGORIAS DE ANÁLISE DA ENTREVISTA FAMILIAR ESTRUTURADA (EFE)**

**1 - Comunicação** – Para a autora, a comunicação tanto transmite a informação quanto define a natureza das relações entre os comunicantes. Questão que podemos verificar neste trabalho quando falamos do segundo axioma da comunicação em Watzlawick *et. al.* (2006). Féres-Carneiro (1983, p. 42-43), diz que é preciso verificar se a comunicação numa inter-relação está sendo: congruente/incongruente; confusa/clara; sem direcionalidade adequada/com direcionalidade adequada e se tem carga emocional adequada ou não.

**2 – Regras** – Para (Riskin, 1963, Satir, 1967, Minuchin, 1974, Thibaut e Kelley, 1959 como citado em Féres-Carneiro, 1983), as regras estão diretamente ligadas ao funcionamento de uma família, de um grupo social ou quaisquer outros inter-relacionamentos onde pelo menos uma das partes, em algum grau aceita seguir. Para esses autores, segundo a autora, essas interações devem ser compartilhadas por, pelo menos, dois membros. Neste caso, uma díade conjugal pode sim estabelecer uma regra de convivência, resta saber se essas regras são: indefinidos/definidos; inadequados/adequados; ausentes/presentes, e foi isso que analisamos nos casais pesquisados a partir da interação entre eles e entre seus filhos.

**3 – Papéis** – De acordo com Féres-Carneiro (1983), o que determina ou não a saúde emocional numa família é a capacidade que seus membros tem em cumprir as funções que cada um assume no construto familiar. Como por exemplo: marido e mulher. Para (Ackerman, 1958, Pichon-Rivière, 1965 e Minuchin, 1974, como citado em Féres-Carneiro, 1983), só é possível determinar a saúde de uma família e/ou de uma relação conjugal à medida que cada membro tem clarificação de seu papel dentro da relação e assim, desempenha esse papel de forma específica. O que podemos inferir é que a diferenciação de papéis numa relação, principalmente, conjugal, passa a ser uma condição *sine qua non* para um bom nível interacional. Neste caso, o que observamos durante a EFE foi se os papéis eram: definidos/indefinidos; diferenciados/indiferenciados; rígidos/flexíveis; democratas/não-democratas.

**4 – Liderança** – Em qualquer que seja o grupo interacional a liderança é algo fundamental. Mas, a forma como essa será exercida é que determinará se o grupo está pronto para crescer emocionalmente ou não. Quando observamos esta categoria nos casais pesquisados e suas famílias, verificamos se a liderança estava sendo desenvolvida de forma: ausente/presente; fixa/diferenciada; autocrática/democrática. Uma vez que para Féres-Carneiro (1983), a dinâmica processual da liderança poderá variar a depender da situação vivenciada pela família e, em nosso caso, pelo casal pesquisado. A flexibilização nesta área é algo que deve ser incentivado.

**5 – Conflitos** – Muitas vezes, embora o conflito na relação seja algo visível e perceptível, tanto através da comunicação verbal quanto da metacomunicação, por vezes, alguns casais buscam omitir essa questão no início da entrevista familiar, embora tenha sido o conflito que os fez participar da pesquisa. Inevitavelmente, durante a aplicação das tarefas, se percebeu os conflitos, tanto na díade conjugal quanto no relacionamento com os filhos. De acordo com os parâmetros definidos pela autora da EFE para análise dos conflitos, focamos o olhar e a atenção para verificar se os conflitos estavam sendo: expressos/não-expressos; positivamente valorizados/negativamente valorizados; com busca de solução/sem busca de solução.

**6 – Manifestação da agressividade** – De acordo com (Satir, 1967 e 1972, Sorrells e Ford, 1969, como citado em Féres-Carneiro, 1983), famílias em que não há a possibilidade de se manifestar os sentimentos de agressividade, por menor que seja, tendem a ser dificultadoras de saúde emocional e, por sua vez, a manifestação da agressividade nessas famílias tem um caráter destrutivo e hostil. Neste caso, focamos nossa atenção para verificar se a agressividade estava: presente/ausente; destrutiva/construtiva; com direcionalidade adequada/sem direcionalidade adequada.

**7 – Afeição física** – Utilizando o pensamento de (Satir, 1967 como citado em Féres-Carneiro, 1983), a autora define que em muitas famílias a confusão muito grande entre exprimir uma afeição física e quebrar um tabu sobre sexo. Considerando que afeição física é todo conteúdo não-verbal, manifestado através de contato físico carinhoso entre os membros de uma família e/ou apenas na díade conjugal, no sentido de anunciar o amor que sente pela outra pessoa. Assim, observamos se essa afeição física foi: ausente/presente; recusada/aceita; com carga emocional adequada/sem carga emocional adequada. Neste último caso, cabe uma explicação

mais direta em que sem carga emocional adequada é quando a manifestação do carinho não expressa a ternura do desejo por expressar aquele carinho.

**8 – Interação conjugal** – Para a autora, após fazer a análise de autores como: Mathles e Rbinowith, 1956; Lidz, 1963; Goode, 1964; Satir, 1967 dentre outros, chegou à conclusão de que o subsistema conjugal precisa se diferenciar do macro sistema familiar, no sentido de poder promover uma maior criatividade e crescimento do casal à medida que vai sendo respeitada a individualidade de cada membro da díade. Durante a pesquisa, percebemos que há casais que não conseguem se desvencilhar dos filhos para saírem só os dois porque ao longo do Ciclo de Vida Familiar foram perdendo a capacidade de dialogar e no lugar, o que foi sendo construído foi um distanciamento cada vez maior entre o marido e a mulher. Nesse sentido, os filhos passaram a ser pontes articuladas onde servem aos pais como aproximação sem interação emocional afetiva. Isto só faz oportunizar o atrofiamento do crescimento, tanto da família como um todo quanto do casal e, por conseguinte, dos filhos. Para que uma família e/ou um casal seja integrado não necessariamente precisa perder a individualidade dos membros. Neste caso, verificamos se a Interação Conjugal estava sendo: diferenciada/indiferenciada; gratificante/não-gratificante; com individualização/sem individualização.

**9 – Individualização** - Este é por certo, o maior desafio de todo e qualquer ser humano, ser único numa relação “nós”. Para a autora da EFE, em famílias e/ou subsistemas conjugais onde os membros têm a oportunidade de manter sua identidade e discordar ou não das posições que lhe são postas, demonstra ser um sistema estruturado. Uma vez que a heterogeneidade é respeitada. Já o contrário é sinônimo de ruptura familiar. Nosso foco de observação neste caso foi apenas em verificar se a Individualização estava ausente ou presente.

**10 – Integração** – De acordo com Féres-Carneiro (1983, p. 49-50), esta categoria pode ser definida como sendo “a possibilidade de a família atuar como um todo possuindo uma identidade grupal”. No caso de nossa pesquisa, embora colocássemos toda a família no palco da entrevista para execução das tarefas, nossa atenção estava voltada o tempo todo para o casal e de como a integração do casal estava ausente ou presente. Isto é, em cada tarefa, estávamos observando se o casal estava coeso ou não nas decisões junto a seus filhos e se eles se comunicavam de forma integrativa na busca de atingir objetivos comuns.

**11 – Auto-Estima** – Para Féres-Carneiro (1983, p.50), auto-estima são “os sentimentos de valor que cada um tem em relação a si mesmo. Tais sentimentos podem ser positivos, ou seja, de alta-estima, ou negativos, de baixa auto-estima”. Diante disso ficamos atentos a se esta categoria era manifestada de forma alta ou baixa, tanto para os casais quanto para seus filhos.

**12 – Interação familiar facilitadora de saúde emocional** – Para Féres-Carneiro (1983, p.50-51), esta última categoria engloba todas as anteriores e pode ser definida como:

Aquela em que a *comunicação* entre os membros da família é congruente, clara, com direcionalidade e carga emocional adequada; as *regras* são explícitas, coerentes, flexíveis e democráticas; os *papéis* familiares são definidos, diferenciados e flexíveis; a *liderança* está presente, sendo diferenciada e democrática; os *conflitos* podem ser expressos, sem desvalorização e com busca de solução. A *agressividade* pode ser manifestada de forma construtiva e sem discriminação em sua direcionalidade; a *afeição física* está presente, sendo capaz de gratificar a ambos os membros do casal, a *individualização* se faz presente, através da preservação das identidades de cada um, ao mesmo tempo em que a identidade grupal promove a *integração* da família permitindo assim a formação e a explicação de sentimentos de alta *auto-estima* em seus membros.